

JOANA ANGÉLICA SANTOS LIMA



**O PRESENTE DO SUBJUNTIVO
NA FALA DE SALVADOR:
UM ESTUDO VARIACIONISTA**



FACULDADE DE LETRAS - UFMG

BELO HORIZONTE

JOANA ANGÉLICA SANTOS LIMA

**O PRESENTE DO SUBJUNTIVO NA FALA DE SALVADOR:
UM ESTUDO VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Linguística Teórica e Descritiva.

Área de Concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de Pesquisa: Estudo da Variação e Mudança Linguística

Orientadora: Professora Dr^a. Eunice Maria das Dores Nicolau.

BELO HORIZONTE

Faculdade de Letras da UFMG

2012

Dissertação intitulada *O presente do subjuntivo na fala de salvador: um estudo variacionista*, defendida por JOANA ANGÉLICA SANTOS LIMA em 16/11/2012 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores:



Dra. Eunice Maria das Dores Nicolau - UFMG
Orientadora



Dra. Maria do Socorro Vieira Coelho - UNIMONTES



Dra. Maria Cândida Trindade Costa Seabra - UFMG

A meus queridos pais, Antônio (*in memoriam*) e Dalva, a quem todas as minhas palavras e todos os meus gestos são insuficientes para agradecer pelo amor a mim dispensado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, especialmente, pela sua constante proteção e presença na minha vida.

A Universidade do Estado da Bahia (Uneb) - Campus XIII, pelo apoio e incentivo.

À Professora Dra. Eunice Maria das Dores Nicolau, pelos valiosos ensinamentos e sugestões.

A meus pais – minhas referências de vida - pelo carinho, pelo apoio incondicional e pelos ensinamentos indispensáveis à minha trajetória.

A meus queridos irmãos (Wando, Nilton, Edilson, Conceição, Cássia, e Fátima) e cunhados (Waldenice, Celso e Ney) pelo incentivo, pelas orações e pelo companheirismo inenarrável.

A Sebastian, pelo companheirismo, apoio e carinho.

A meus pequenos, Felipe, Wander e Beatriz, pelo carinho, pelas palavras proferidas nos abraços calorosos.

As tias Iraci, Jandira, Raimunda, Alaíde, pelas orações, pela confiança e a palavras de consolo.

A Cecília, (Querida Iaiá *in memoriam*), a quem também dedico esse trabalho, pelos ensinamentos, orações e carinho dispensados.

As primas Edilane, Rita, Cristina, Josete e demais primos (Josevan, Edson, Aristides...), pelas palavras de força, torcida e grande colaboração na coleta de dados.

A Laziana, pelo apoio, e pelo grande auxílio técnico.

A Vitória, Consuelo e Lirian, pela amizade, pela força e pelas sábias palavras nos momentos difíceis.

A Juvanete, Renilza, e D. Maria, pelas palavras de conforto.

As colegas Iracene, Iraildes, Hildete, Marlúcia, Laura e Leonildes, pelo incentivo.

A Francisco e Joseane - exemplos de simplicidade e solidariedade.

A Elizete e família, e Tatiana e família, pela amizade, apoio e acolhimento singular na terra mineira e pelos momentos agradáveis.

A Professora Dra. Ilza Ribeiro, pelo indispensável incentivo para minha vida acadêmica.

Aos colegas mineiros Melina, Christiane, Luciene, Juliana, Alice, Juliene, Ana Paula, Lília, Socorro, Nilson, Andreza, Jefferson, Patrícia, João Araújo, Paulo, Marcelo e Ivan, pelo auxílio, pelo carinho e consolo nos momentos difíceis.

Aos estimados vizinhos mineiros, Débora, Rosa, Léia, Cássia, Mariana, Ana, Robson e Paulo, pela sua acolhedora disponibilidade.

Aos professores do Poslin, Lorenzo Vital, Cândida Seabra, Fábio Bonfim, Lee, Luís Francisco, pelos ensinamentos indispensáveis.

A estimada equipe do Campus XIII da Uneb - Ana Carla, Anória, Ariosvaldo, Glauce Maciel, Ivete Silveira, Hamilton, Kaliandra, Luciana Moreno, Ludinalva, Luzineide e Mara Rabelo - pela confiança, pelas palavras acolhedoras e de incentivo.

A equipe gestora e docente do Colégio Estadual Carmem Andrade Lima pela compreensão e apoio constante.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram para realização dessa grande conquista.

E...

Principalmente aos falantes de Salvador que se disponibilizaram a participara da pesquisa, pela importante colaboração.



<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://www.arquitetonico.ufsc.br/wp-content/uploads/Centro-histórico-de-Salvador.jpg>

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se, à luz da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972), a coocorrência de formas do presente do subjuntivo, de formas do presente do indicativo e de estruturas alternativas, em contextos nos quais se prescreve o uso das primeiras. Nessa análise, foi utilizado um *corpus* constituído de 716 estruturas sintáticas extraídas de 24 entrevistas, gravadas com falantes de Salvador; partiu-se da hipótese de que as referidas formas verbais e as estruturas alternativas são três variantes que constituem uma variável linguística condicionada por grupos de fatores estruturais (Tipo de oração, Modalidade do verbo, Tipo de conjunção e Tipo de estrutura) e grupos de fatores não estruturais (Gênero, Faixa etária e Nível de escolaridade). Assumiu-se, também por hipótese, que as formas do subjuntivo são as preferencialmente usadas pelo falante soteropolitano e esse caso de variação caracteriza-se como uma variável estável. O estudo buscou: (a) verificar em que proporção os falantes de Salvador utilizam cada uma dessas três variantes, tanto no Contexto de Imperativo quanto no Contexto de Subjuntivo; (b) identificar os fatores que favorecem, ou desfavorecem significativamente essas variantes; (c) verificar se as estruturas alternativas usadas pelos falantes de Salvador nos contextos em que é prescrito o presente do subjuntivo correspondem, apenas, às registradas na literatura e se há predominância de uso de alguma(s) dessa (s) estrutura (s).

Os dados foram submetidos a análise quantitativa, cujos resultados constataram o uso predominante do subjuntivo, favorecido: no Contexto de Imperativo (por oração coordenada, gênero masculino, jovens e idosos, nível médio de escolaridade) e no Contexto de Subjuntivo (por orações adverbial e substantiva, modalidades volição e incerteza, gênero feminino, jovens, nível médio de escolaridade). Esses dados permitiram caracterizar também o fenômeno estudado como uma variável estável.

Palavras-chave: variação linguística, subjuntivo, indicativo, estruturas alternativas, Salvador.

ABSTRACT

The present work analyses, under the theory of Variation and Language Change (LABOV, 1972), the co-occurrence of present subjunctive forms, present indicative forms and alternatives structures, in contexts where the use of the first form is prescribed. An oral *corpus* of 716 synthetic structures derived from 24 interviews were used for the analysis. The interviews were made with the native speakers from Salvador, Brazil. It is hypothesized that verb forms and alternative structures are three variants which are part of a linguistic variable conditioned by structural factors (sentence type, verb modality, conjunction type and structure type) and also by non-structural factor (genre, age range, educational level). It is also assumed, by hypothesis, that subjunctive forms are preferably used by Salvador native speakers, as a case of stable variation. The objectives of the study were (a) to investigate to what extent Salvador native speakers use each of these three variants in the Imperative Context as well as in the Subjunctive Context; (b) identify the factors that significantly favor or not the use of these variants; (c) check whether alternative structures used by Salvador native speakers in contexts in which present subjunctive is prescribed are those present in the literature and whether any of these structures is preferred.

The data were subjected to a quantitative analysis. The results revealed a predominant use of the subjunctive in imperative contexts (coordinated clauses; men; young and elderly groups; 'secondary education) and in subjunctive contexts (adverbial and subjunctive clauses; uncertainty and volition; women; young, average level of education). In addition, the phenomenon was considered a case of stable variable.

Key words: linguistic variation, subjunctive, indicative, alternative structures, Salvador.

SUMÁRIO

Capítulo 1: Introdução	15
Capítulo 2: O Modo Subjuntivo no Português Brasileiro	18
2.1 Do emprego do subjuntivo na perspectiva da gramática tradicional	18
2.2 O não uso do subjuntivo no Português do Brasil	26
2.2.1 O não uso do subjuntivo no português	26
2.2.2 O não uso do subjuntivo: uma variante linguística	35
2.3 Síntese do emprego do modo do subjuntivo no português contemporâneo	50
Capítulo 3: Pressupostos Teóricos e Procedimentos Metodológicos	52
3.1. A Teoria da variação e mudança: conceitos básicos	52
3.2. A comunidade de fala	55
3.3. A amostra	57
3.4. Levantamento dos dados	59
3.5 Hipóteses de trabalho	61
3.6 Objetivos do Estudo	62
3.7 As variáveis	63
3.7.1 Variáveis dependentes	63
3.7.2 Variáveis independentes	64
Capítulo 4: Análise dos Dados	78

4.1 Preliminares	78
4.2 Das formas empregadas em Contexto de Imperativo	85
4.2.1 Contexto de Imperativo: a Influência dos fatores estruturais	88
4.2.2 Contexto de Imperativo: influência dos fatores não estruturais	93
4.3 Das formas empregadas em Contexto de Subjuntivo	101
4.3.1 Contexto de Subjuntivo: a influência dos fatores estruturais	106
4.3.2. Contexto de Subjuntivo: a influência dos fatores não estruturais	124
CAPITULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	133
REFERÊNCIAS	139
APÊNDICE	142
Exemplos dos dados transcritos	142

LISTA DE TABELA

TABELA 1: Tipo de oração em contexto de subjuntivo com valor de subjuntivo	39
(Fonte: GALEMBECK, 1998, p. 229)	
TABELA 2: O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tipo de verbo da oração em que a completiva está encaixada	71
(Fonte: TABELA 22: MEIRA, 2006, p. 235)	
TABELA 3: Distribuição das variantes subjuntivas e não subjuntivas em dados de fala de Salvador (Fonte: GALEMBECK, 1998, p. 229)	74
TABELA 4: Distribuição de uso das três variantes, considerando a atuação dos 16 fatores incluídos nos grupos de fatores pré-estabelecidos	80
TABELA 5: Ocorrências das três variantes nos Contextos de Imperativo e de Subjuntivo	82
TABELA 6: Ocorrências das três variantes em Contextos de Imperativo	85
TABELA 7: Ocorrências de subjuntivo em Contexto de Imperativo	88
TABELA 8: Ocorrências das três variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores Tipo de oração	89
TABELA 9: Ocorrências do Tipo de estrutura alternativa em Contexto de Imperativo	92
TABELA 10: Ocorrências das três variantes em Contexto de Imperativo, segundo grupo de fatores Gênero	93
TABELA 11: Ocorrências das três variantes no Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores Faixa etária	96
TABELA 12: Ocorrências das três variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores Nível de escolaridade	99

TABELA 13: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo	101
TABELA 14: Ocorrências de formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo	107
TABELA 15: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Tipo de oração	108
TABELA 16: Ocorrência das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo a Modalidade do verbo	114
TABELA 17: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Tipo de conjunção adverbial	120
TABELA 18: Ocorrências do Tipo de estrutura alternativa no Contexto de Subjuntivo	123
TABELA 19: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Gênero	125
TABELA 20: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Faixa etária	128
TABELA 21: Ocorrências das três variantes no Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Nível de escolaridade	130
TABELA 22: Atuação do grupo de fatores Faixa etária nos resultados gerais e nos Contextos de Imperativo e de Subjuntivo	136
TABELA 23: Distribuição do uso de subjuntivo e de estruturas alternativas em oposição ao uso do indicativo, nos diferentes contextos, segundo a Faixa etária.	138

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Distribuição das ocorrências das variantes analisadas	81
GRÁFICO 2: Ocorrência das três variantes nos Contextos de Imperativo e de Subjuntivo	83
GRÁFICO 3: Ocorrência das três variantes em Contexto de Imperativo	86
GRÁFICO 4: Influência das variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores Gênero	94
GRÁFICO 5: Influência das variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores Faixa etária	97
GRÁFICO 6: Influência das variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores Nível de escolaridade	100
GRÁFICO 7: Ocorrência das três variantes em Contexto de Subjuntivo	102
GRÁFICO 8: Influência das variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Gênero	126
GRÁFICO 9: Influência das variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Faixa etária	129
GRÁFICO 10: Influência das variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores Nível de escolaridade	131

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Perfil dos informantes da comunidade de fala de Salvador	58
QUADRO 2: A previsão de uso das formas do presente do Subjuntivo em orações subordinadas Substantivas: a atitude proposicional do sujeito da oração matriz. (FONTE: QUADRO7: ALVES NETA, 2000, p.41)	73
QUADRO 3: Variáveis dependentes e independentes	78

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

O estudo da alternância entre o emprego das formas do presente do subjuntivo e das formas do presente do indicativo, em contextos nos quais se prescreve o uso das primeiras, no português brasileiro (doravante, PB) tem constituído objeto de inúmeras pesquisas à luz da Teoria Sociolinguística. Através desses estudos, tem sido atestada, no entanto, uma tendência ao emprego mais freqüente das formas do indicativo em tais contextos (Bianchet, 1996; Alves Neta, 2000; Pimpão, 2002; Meira, 2006; Fagundes, 2007), que, comprovadamente cede o seu lugar a estruturas alternativas na expressão de valores semânticos aos quais a gramática tradicional (GT) associa as formas do presente do Subjuntivo (Galembeck, 1998 e Nicolau 2003, 2009, 2011). De acordo com os estudos acima mencionados, a variação que inclui essas formas (entre formas de subjuntivo e de indicativo, assim como entre formas de subjuntivo, de indicativo e estruturas alternativas) é condicionada por fatores estruturais e não estruturais.

Considerando as conclusões desses estudos e visando a contribuir com a melhor compreensão do fenômeno entre os falantes do vasto território brasileiro, a presente dissertação, adotando os pressupostos da Teoria da Variação (LABOV, 1972), toma como objeto de estudo a variável linguística constituída destas três variantes: formas do presente do subjuntivo (ex: Pedi para que ele **faça** uma resenha.), formas do presente do indicativo (ex: Pedi para que ele **faz** uma resenha.) e estruturas alternativas (ex: Pedi para ele **fazer** uma resenha.). Nesse estudo, tal variável foi analisada na fala de moradores da zona urbana da cidade de Salvador (Bahia), a fim de verificar em que proporção os falantes soteropolitanos

utilizam cada uma dessas variantes. Essa análise busca também verificar se as estruturas alternativas usadas pelos falantes de Salvador correspondem somente às previstas na literatura e se alguma delas é predominantemente usada em relação às outras. Além disso, o comportamento da variável em pauta é analisado com o objetivo de verificar que fatores (estruturais e não estruturais) favorecem a realização de cada uma das três variantes, atentando-se para a prescrição do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo e em Contexto de Imperativo

A delimitação da comunidade pesquisada baseou-se na hipótese, formulada a partir de observações não sistemáticas, de que a alternância entre as formas do presente do subjuntivo e as formas do presente do indicativo, na zona urbana de Salvador, não se mostra tão evidente quanto nas regiões brasileiras consideradas pelos autores que tratam dessa alternância, alguns dos quais, concluem que as formas do subjuntivo estariam sendo substituídas pelas formas do indicativo. Essas observações encontraram respaldo em vários estudos sobre a fala nordestina: Marroquim (1945), que constata a regularidade do uso das formas do subjuntivo nos estados de Alagoas e Pernambuco; Galembeck (1998), que destaca a representativa frequência do subjuntivo na fala da zona urbana de Salvador; Scherre (2005), que registra o fato de os falantes nordestinos usarem naturalmente construções subjuntivas, ou seja, obedecerem a prescrição da GT; Meira (2006), que confirma a prevalência das formas do subjuntivo na zona urbana de Salvador e observa o crescente uso dessas formas nas comunidades rurais compostas por afrodescendentes (Helvécia, Cinzento, Sapé e Rio de Contas); Alves (2009), cujos resultados documentam, em Salvador, o uso frequente das formas do subjuntivo em Contexto de Imperativo.

Enfim, esse estudo parte das seguintes hipóteses: (i) o falante baiano emprega predominantemente as formas do presente do subjuntivo; (ii) na fala de Salvador, a variação entre as formas do presente do subjuntivo, as formas do presente do indicativo e estruturas

alternativas, em contextos nos quais tradicionalmente se prescreve o uso do presente do subjuntivo, é condicionada por fatores estruturais e não estruturais e, além disso, caracteriza-se como uma variável estável (nos termos labovianos).

Na análise, foi utilizado um *corpus* constituído de 716 dados de fala, extraídos de 24 entrevistas gravadas com falantes da zona urbana de Salvador; esses dados foram submetidos a uma análise quantitativa, realizada com a utilização do VARBRUL, cujos resultados orientaram a análise qualitativa do comportamento das variantes focalizadas.

Assim, a presente dissertação está organizada em cinco capítulos. No capítulo 2, a seguir, será apresentada uma reflexão sobre o emprego das formas do presente do subjuntivo sob diferentes perspectivas: tradicional, descritiva e sociolinguística, enfatizando a questão do uso e não uso dessas formas no PB contemporâneo. No capítulo 3, serão apresentados os pressupostos da Teoria da Variação, ressaltando-se: as hipóteses específicas que orientaram o estudo, os procedimentos metodológicos adotados na coleta, no levantamento e no tratamento dos dados utilizados. No capítulo 4, serão apresentados os resultados obtidos através das análises qualitativa e quantitativa, destacando-se os principais fatores que favorecem cada uma das variantes em análise. No capítulo 5, serão feitas algumas considerações sobre o comportamento da variável estudada na comunidade de fala de Salvador, levando-se em conta os resultados quantitativos obtidos.

CAPÍTULO 2

O MODO SUBJUNTIVO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

2.1 Do emprego do subjuntivo na perspectiva da gramática tradicional

Consoante a tradição gramatical da língua portuguesa (doravante GT), verbo é a palavra que expressa um processo cujo desenvolvimento imprime uma ação, estado ou fenômeno delineados de diferentes modos, conforme a atitude de um indivíduo. Bueno (1968) esclarece que:

A ação ou estado expresso pelo verbo se realizam de maneiras diferentes, ora de maneira vaga, indeterminada como ler, passear e viver; ora de maneira precisa, exata, real, sem dúvida alguma como leio, passeaste, viveram; ora de maneira implorativa ou determinativa encerrando um pedido ou uma ordem: Vamos, levanta-te! Às vezes toda a expressão do verbo estará dependendo de alguma circunstância anular assim quando dizemos: Se tivesse dinheiro, compraria muitos livros bonitos. Outras vezes, porém, a expressão verbal aparece como cheia de dúvida, de incerteza, como simples possibilidade: Sejas feliz! Tomara que não chova! (BUENO, 1968, p. 141)

Assim sendo, Bueno distingue quatro modos verbais: infinitivo, indicativo, imperativo e subjuntivo. Contudo, muitos gramáticos normativos (Lima, 1968; Said Ali, 1964; Luft, 1987; Cunha e Cintra, 2008; Bechara, 2009), compreendem o modo verbal como a maneira como o fato se realiza e distinguem apenas três modos verbais: indicativo subjuntivo e imperativo.

Said Ali distingue os modos verbais em (i) imperativo, o qual denota essencialmente ordem, convite, conselho, pedido e súplica; (ii) indicativo, que enuncia certeza ou realidade do fato; (iii) conjuntivo, em que, por oposição ao modo da realidade, denota incerteza, irrealidade. Para o autor, o modo da irrealidade pode ser designado pelos termos conjuntivo, significando “modo unido, conjunto”, e subjuntivo, indicando o modo subordinado. Entretanto, ambos os termos não expressam com eficácia o que de fato seja esse modo verbal. Além de ocorrer em orações subordinadas, o subjuntivo, também ocorre em orações principais, sendo este uso, inclusive, o mais antigo em várias línguas. E esclarece que não há um modo exclusivo para estas orações:

Nem a linguagem creou um modo especial para o verbo da oração dependente, nem esta função é privativa do conjuntivo. Há muitos casos de oração subordinada em que pelo contrário o uso do indicativo é simplesmente obrigatório. Dada a liberdade de escolha, pois não pensamos em propor um termo novo que ninguém aceitaria, decidimo-nos pelo nome conjuntivo. (SAID ALI, 1964, p. 324)

Dada essa ausência de precisão do emprego dos respectivos modos verbais, o autor observa, em épocas diferentes, a variação da linguagem concernente ao modo empregado nas orações principais e nas orações subordinadas, para as quais ora se usa o conjuntivo, ora o indicativo:

a - *Pera se saber quem fosse* este gigante, em cujo Dom Duardos estava, diz a história que...

(MORAIS, Palm. 1, 10)¹

b - *Pera se saber que era* este cavalleiro, diz a história que (ib. 1, 492)

¹ Há no presente trabalho: exemplos extraídos dos autores consultados; exemplos retirados dos dados em análise, sinalizados com a identificação do informante; exemplos criados pela autora, sinalizados com aspas.

A tradição gramatical mais moderna (Lima, 1968; Luft, 1987; Cunha e Cintra, 2008; Bechara, 2009) classifica os modos verbais em indicativo, subjuntivo e imperativo. Lima defende que o modo caracteriza as diversas maneiras sob as quais a pessoa que fala encara a significação contida no verbo. Luft (1987), por sua vez, afirma que os modos expressam “a atitude do sujeito que fala em face do processo verbal”. Assim, quando se trata do modo indicativo, o falante enuncia pura e simplesmente o processo; quando se trata do subjuntivo, o falante participa afetivamente da ideia verbal, desejando-a, supondo-a ou considerando-a duvidosa; por fim, quando se impõe o processo verbal ao ouvinte, assumindo atitude ativa, trata-se do modo imperativo.

Conforme Cunha e Cintra (2008), o modo indicativo expressa fato certo, real, estando o verbo no presente, no passado ou no futuro. Geralmente, esse modo é usado em orações que completam o sentido de verbos como **afirmar, compreender, comprovar, dizer, passar, pensar, verificar, crer** (no sentido afirmativo). O subjuntivo – expressão de origem latina *subjunctivus* que serve para ligar, subordinar - designa uma ação, ainda não realizada. É o modo verbal que deve ser usado para expressar noção de um fato hipotético, duvidoso, provável, etc. As formas do subjuntivo denotam uma ação dependente de outra e, devido a esse fato, é corrente o seu emprego em orações subordinadas adverbiais, substantivas ou adjetivas, normalmente, expressas pelos verbos **desejar, duvidar, implorar, lamentar, negar, ordenar, pedir, proibir, querer, rogar e suplicar**. Ainda de acordo com os autores, há a possibilidade de o subjuntivo ser usado em orações principais, em orações coordenadas e, também, para expressar noções imperativas, sendo, portanto, tratado como subjuntivo independente.

Nas orações independentes, segundo postulam Cunha e Cintra e Bechara, o subjuntivo pode exprimir:

A- um desejo:

(2)a - **Chovam** hinos de glória na tua alma!²

b - Que as horas **voltem** sempre, as mesmas horas!

B - uma hipótese:

(3) **Seja** a minha agonia uma centelha

De glória!...

C - uma dúvida: (geralmente precedido do advérbio *talvez*):

(4) Talvez **seja** melhor ficar aqui.

D - uma ordem, uma proibição (na 3ª pessoa):

(5) Que não se **apaguem** este lume!

E - uma exclamação denotadora de indignação:

(6) Raios **partam** a vida e quem lá **ande**!

A presença do subjuntivo nas orações subordinadas é condicionada pela postura do falante diante do fato, ao qual se refere, isto é, a modalidade. Assim, quando se trata de um fato hipotético, não determinado, naturalmente o subjuntivo será o modo selecionado pelo falante. Em orações adverbiais, por não ter valor próprio, o subjuntivo é regulado por conjunções, o que equivale dizer que esse tipo de oração (adverbial) é motivado por fatores morfossintáticos, como expressam os exemplos abaixo:

A - conjunções causais:

(7) Não que eu **tenha** deixado de gostar do carnaval, continuo gostano. (Inf. 11)

² Em todos os exemplos, serão destacadas em negrito ou grifos as formas verbais e os demais termos de interesse para melhor explicação das variantes estudadas.

B - conjunções concessivas:

(8) (...) às vezes a criança, mesmo qui não **respeite**, tenha medo do qui venha acontecer algo contra ele (Inf. 07)

C - conjunções finais:

(9) Muita das vezes é... passa a droga pra aquele alunos pra que **venda** dentro da própria escola, entendeu?... (Inf. 23)

D - conjunções temporais que marcam anterioridade:

(10) Então conte logo tudo agora, antes que **sobre** pra você. (Inf. 11)

E - orações comparativas iniciadas pela partícula hipotética **se**:

(11) As pernas tremiam-me como se todos os nervos me **estivessem** golpeados.

F - orações condicionais, em que a condição é irrealizável ou hipotética:

(12) (...) porque tem bicho carinhoso, muito carinhoso... ai que **toque** nos filhotinhos dela... ela vira uma louca. (Inf. 04)

G - orações consecutivas que exprimem uma concepção e não uma realidade:

(13) “**Faça** tudo com muita sutileza de modo que ninguém **perceba** sua verdadeira intenção.”

Em orações substantivas, esse modo verbal é empregado em oração vinculada à oração principal que contem verbo expressando:

A - desejo, vontade com referência ao fato a que se fala:

(14) Espero que **passe** essa felicidade para alguém. (Inf. 02)

B - sentimento ou apreciação que se emite com referência ao próprio fato em causa:

(15) Pior será que nos **enxotem** daqui...

C - dúvida em relação ao fato enunciado:

(16) “Temo que nada **dê** certo.”

Enfim, nesse tipo de oração, ou seja, nas orações substantivas, o modo verbal é selecionado através da ideia expressa na oração principal. Fato que as difere das adjetivas relativas já que, nesses últimos, é a ideia contida nos seus verbos que rege o modo verbal. Nas orações adjetivas, o modo em questão, consoante a GT, pode exprimir:

A - um fim, uma consequência:

(17) Ando a cata de um criado que **seja** econômico e fiel.

B - um fato improvável:

(18) Não há quem **aguento** tamanha pressão.

C - uma conjectura, uma hipótese:

(19) Se te ofereceres um emprego que te **convenha** deves aceitá-lo.

Ainda em se tratando das orações adjetivas, Bechara acrescenta que o subjuntivo faz-se também presente após: “(...) um predicado negativo, ou de uma interrogação de sentido negativo quando enuncia uma qualidade que **determine e restrinja** a ideia expressa por esse predicado ou interrogação” (BECHARA, 2009).

(20) Não há homem algum que **possa** gabar-se de ser completamente feliz.

O uso do modo da irrealidade é também previsto, segundo a GT, nas formas do imperativo para expressar noção de ordem, comando, exortação, conselho e/ou convite. Uma vez considerado, como a forma em que o indivíduo que fala se dirige a um interlocutor, o modo imperativo admite apenas as pessoas que indicam aquele a quem se fala, ou seja, as segundas pessoas do singular (tu) e do plural (vós); as terceiras pessoas do singular e do plural, expressas por pronome de tratamento do tipo você, senhor, Vossa Senhoria, etc., a primeira pessoa do plural (Cunha e Cintra, 2008, p. 477). Esse modo verbal se manifesta na língua em situações afirmativas e negativas. O imperativo afirmativo é impresso através das formas das segundas pessoas do singular e do plural do presente do indicativo com supressão do -s final e das demais formas pessoais do presente do subjuntivo, como ilustram os exemplos, a seguir:

(21)a - **Dá** (tu) a mão a quem precisa.

b - **Sejamos** felizes!

O imperativo negativo é integralmente formado pelo presente do subjuntivo:

(22) Não **hajas** por impulso.

Ambas as formas do imperativo, isto é, afirmativas e negativas, são empregadas em orações absolutas (23), principais (24) e coordenadas (25):

(23) **Sintam-se** à vontade!

(24) Não se **arrependa** do que faz.

(25) **Entre e feche** a porta.

Cunha e Cintra distinguem as formas do imperativo e do subjuntivo afirmando que estas exprimem desejo ou anelo, como em (26) e aquelas, ordem ou exortação, como em (27):

(26) **Caíam** de bruços! (IMPERATIVO)

(27) **Caíam** sobre vós as bênçãos divinas! (SUBJUNTIVO)

Na perspectiva desses autores, o valor semântico é, pois, o mais relevante no uso do subjuntivo, ou seja, ainda que os fatores sintáticos estejam presentes, são os fatores semânticos que o condicionam. Bechara também postula que o uso obrigatório do modo subjuntivo é condicionado por critérios morfológicos, sintáticos e semânticos e se realiza em contextos de orações independentes optativas, imperativas e dubitativas com o advérbio *talvez* e nas subordinadas em que o fato é considerado como incerto ou duvidoso:

(28) Bons ventos os **levem**.

(29) “Espero que **estudes** e **sejas** feliz.”

(30) Talvez **chorem** com lágrimas de sangue.

(31) Por mais sagaz que **seja** o nosso amor próprio, a lisonja quase sempre o engana.

O autor explicita alguns casos particulares referentes ao uso dos modos verbais da certeza e da incerteza, acrescentando que os mesmos podem ser utilizados nas orações substantivas que completam a exclamação de surpresa **quem diria**:

(32)a - Quem diria que ele **era** capaz disso.

b - Quem diria que ele **fosse** capaz disso.

Porém, segundo o autor, o subjuntivo é mais comum em contextos em que ocorrem os indefinidos do tipo o **que quer que** e em que ocorrem orações introduzidas por **que** quando restringem a generalidade de um acerto, como mostram os exemplos (33) e (34), respectivamente:

(33) “Estamos preparados para o que quer que **seja**.”

(34) Não há, que eu **saiba**, expressão mais suave.

2.2 O não uso do subjuntivo no português do Brasil

2.2.1 O não uso do subjuntivo no português

Para Said Ali (1964), a variação no uso do indicativo e do subjuntivo já ocorria no latim: nas orações interrogativas diretas, nas orações subordinadas a verbos volitivos, e a expressões como **é possível, é preciso**, etc. Na oração principal quase sempre se empregava o indicativo; nas interrogações **quem é, qual é**, empregava o verbo **ser** em ambos os modos, dependendo de como se devia responder às perguntas: quando de forma imediata, empregava-se o indicativo e quando não se podia responder sem antes refletir, usava-se o subjuntivo, como se pode notar nos exemplos seguintes:

(35) Pergunto-lhe primeiro quem **era**.

(36) Perguntado hũ sábio qual **fosse** a vida, deo hũa volta e desapareceo, mostrou-se, e escondeo-se logo para mostrar que era momentânea e fugia com grande velocidade.

A oscilação também era visível nas estruturas contendo orações condicionais, tanto na oração principal (em que se deveria empregar o futuro do pretérito do indicativo)

quanto na oração dependente (em que o verbo deveria estar no imperfeito subjuntivo) conforme mostra o exemplo em (37), e, também, em contextos em que não se tratava de por em evidência a perplexidade, ou esforço de indagação, conforme mostra o exemplo em (38):

(37) a - Se assim **fizera**, andara mais avisado.

b - Se **pudesse**, andava mais depressa.

(38) O emperador ficou em extremo descontente de não que **era** [o cavaleiro] (...). E posto que os de hua banda **não sabiam quem era** os da outra, estavam todos tan contentes e confiados de se acharem juntos, que cada hūs cuydavão que a outra parte seria mais fraca (...) Eu nom sey quem **soys**. (MORAIS, 1986)

O autor considera que a alternância entre os respectivos modos verbais já se encontrava no latim vulgar e que o emprego generalizado do subjuntivo na língua portuguesa se deve a uma criação da língua literária e, não, simplesmente a uma perda da língua vulgar. Constantemente, alternavam-se tais modos em contextos de complementação de sentido de verbos como **crer, cuidar, pensar, supor, imaginar, entender, presumir e achar** (no sentido de pensar e crer):

(39) Comendo ó demo o aviso, que sempre **cuidei que nisso estava a boa condição; cuidei que fosse cavalleiros fidalgos e escudeiros**, não cheios de desvarios, e nem em suas casas macios e na guerra lastimeiros. (GIL VICENTE, 1852 *apud* SAID ALI, 1964, p. 328).

Além desses contextos em que as formas do subjuntivo podem coocorrer com as formas do indicativo, Brandão (1963) aponta outros, tais como:

A - com a locução **pode ser**, nas orações interrogativas indiretas quando se quer expressar dúvida ou incerteza, como em (40):

(40) a - Pode ser que **houvesse** alguns pensamentos de incredulidade.

b - Pode ser que **haja** alguns pensamentos de incredulidade.

c - Pode ser que **descarregarei** eu nesse marinelo o apetite da fúria com que ando.

B - em orações apositivas introduzidas por **que**, como em (41):

(41) a - Segue-me agora ver quais sejam os instrumentos.

b - Dou-vos um preceito novo, que vos **ameis** uns aos outros.

C- em situações em que se deseja camuflar uma ordem ou pedido, como em (42):

(42) a - **Faz** favor.

b - Você agora **vai** tocar aquela música.

Autores contemporâneos, embora prescrevam o uso das formas do subjuntivo em certos contextos, também apresentam possibilidades do não uso dessas formas em detrimento do uso de formas de indicativo. Bechara, por exemplo, afirma que essa substituição pode ocorrer em dois contextos:

1 - Com o advérbio **talvez**, quando parece que o indicativo deixa antever melhor a certeza de que o de que se duvida se pode bem realizar:

(43) Magistrado ou guerreiro de justo ou generoso se gaba: - e as turbas talvez **aplaudem e celebram** seu nome.

2 - Em oração substantiva que completa a exclamação de surpresa **quem diria**.

(44) Quem diria que você **era** capaz de tal coisa.

(45) Quem diria que você **fosse** capaz de tal coisa.

Cunha e Cintra acrescentam que determinadas construções com o subjuntivo por serem “pesadas e malsoantes”, podem ser substituídas por outras construções com formas equivalentes, tais como:

A - infinitivo

(46) a - O professor deixou que o aluno **escrevesse** livremente.

b - O professor deixou o aluno **escrever livremente**.

B - gerúndio

(47) a - “Caso queira ir conosco, **avise-nos**.”

b - “Querendo ir conosco, **avise-nos**.”

C - substantivo abstrato

(48) a - “Espero que **retornes** em breve”.

b - “Espero teu **retorno** em breve”.

D - construção elíptica:

(49)a - “Caso **tenha** dúvida, nos comunique.”

b - “**Em caso de** dúvida, nos comunique.”

Sobre essa questão da escolha do uso de um modo verbal em detrimento de outro, Azevedo (1976) faz algumas ponderações. O autor critica a ideia de que a alternância entre o

subjuntivo e o indicativo seja condicionada por valores semânticos, como apontam os tradicionalistas. No seu ponto de vista, o emprego do subjuntivo deve ser compreendido apenas como: “uma variação morfológica verbal automática, semanticamente vazia, e só ocorre em certos tipos de orações subordinadas quando se preenchem determinadas condições independentes.” (AZEVEDO, 1976, p. 10 - 11).

Para o autor, o emprego desse modo pode ser determinado automaticamente por certos elementos sintáticos que o falante possa utilizar no evento da fala. O subjuntivo é semanticamente vazio porque não pode se apoiar na ideia de traços semânticos dos verbos, tais como [+sentimento], [+dúvida], [+volição] já que estes verbos podem ora apresentar tais traços, ora não:

(50) Sinto que ele **vá** embora amanhã. [- sentimento]

(51) Sinto que ele **vai** embora amanhã. [+ sentimento]

Azevedo entende que o subjuntivo ocorre apenas nas orações subordinadas que as orações independentes são, simplesmente, orações derivadas destas subordinadas. Os exemplos abaixo ilustram os dois casos:

(52) a - Quero que Deus o **proteja**.

b - Deus o **proteja**.

Assim, o enunciado em (52b) configura a representação subjacente da estrutura de (52a).

Fávero (1982) relaciona critérios semânticos ao uso do subjuntivo. Argumenta que é utilizado em orações substantivas quando o sujeito da sentença matriz apresenta atitude proposicional interpretativa: “a atitude proposicional interpretativa ou não interpretativa está

no conteúdo semântico do verbo da oração matriz e é esta atitude que determina na estrutura superficial as formas verbais do indicativo e do subjuntivo”. (FÁVERO, 1982, p. 7).

Segundo a autora, em orações de atitude proposicional interpretativa, o modo verbal utilizado será o subjuntivo e em orações de atitude proposicional não interpretativa, será, sem exceção, o modo indicativo:

(53) Afirmo que Mariana **estuda** português.

(54) Quero que Mariana **estude** português.

Fávero observa, ainda, que os verbos de atitude proposicional interpretativa podem ser subcategorizados por traços semânticos que podem gerar, ou não, o subjuntivo. Quando se trata, por exemplo, de verbos de julgamento, o modo verbal é determinado pelo seu traço de factividade: o indicativo é gerado pelo traço [+ factivo], ao passo que o subjuntivo é gerado pelo traço [- factivo], conforme se pode conferir em (55 - 56); quando se trata de verbos de sentimento e de verbos de volição, o subjuntivo é determinado, respectivamente, pelos traços [+factivo] e [+ volitivo], como em (57-58):

(55) Acredito que ele **gosta** de você. [+factivo]

(56) Acredito que ele **goste** de você. [-factivo]

(57) Alegro-me que ele **venha** aqui. [+factivo]

(58) “Desejo que **tenha** muita sorte.” [+ volitivo]

Em (55), segundo mostra a autora, o verbo “acreditar” imprime uma forte tendência à concretização do fato, portanto, o falante “superficializa no indicativo uma

pressuposição de factividade”, ao passo que em (56), o verbo imprime uma incerteza na realização do fato, portanto, o falante “superficializa no subjuntivo uma pressuposição de não factividade”. Orações do tipo de (57) em que manifestam sentimento, emoção, contêm uma atitude interpretativa do sujeito da oração matriz e pressupõem o fato como verdadeiro. Nesse caso, o verbo da oração matriz possui o traço [+ factivo]. Em (58), o verbo da oração matriz possui o traço [+ volitivo], o qual determina o emprego do subjuntivo na oração completiva.

Pautada nesses argumentos, a autora aponta como falhas as definições da gramática tradicional ao conceituar o subjuntivo como o modo da irrealidade, da dúvida, da incerteza, visto que através desse modo é possível também se expressar pressuposição de verdade, como bem ilustra o exemplo (57) rerepresentado em (59):

(59) Alegra-me que ele **venha** aqui.

Consoante suas palavras, o uso dos modos verbais pode estar condicionado à natureza ou ao valor semântico dos elementos lexicais ou morfossintáticos do enunciado, pelo fato de estes modos apresentarem um grau maior ou menor de dependência em relação à tomada de posição do falante ou aos elementos que compõem o enunciado da frase. Contrapondo-se aos argumentos de Azevedo, ela defende que o subjuntivo não é desprovido de significado, já que seus valores exprimem tanto uma simples conjetura como um forte grau de probabilidade, como representam as sentenças (60) e (61) respectivamente:

(60) Talvez **chova** hoje.

(61) É possível que esse caso **pare** na polícia.

A autora considera, ainda, que o uso obrigatório do subjuntivo pode estar atrelado à questão de regência e também a “expressões dos valores imanentes de seus próprios sufixos

modos-temporais”, conforme ilustram os exemplos (62 - 63). Em alguns casos, tal uso pode ser opcional, atendendo a intenção comunicativa do falante, como ocorre no exemplo (64):

(62) Tomara que **chova** três dias sem parar.

(63) Caso não **possa** vir avise-me.

(64) Em minha casa faço o que **quero/quiser**.

Para Perini (1995), o modo verbal se define semanticamente caracterizando “a atitude do falante frente àquilo que se está dizendo”. Segundo suas afirmações, o indicativo exprime uma atitude de certeza do falante em relação ao que declara; o imperativo exprime ordem ou pedido; o subjuntivo exprime uma atitude de incerteza, dúvida ou desejo frente ao que se anuncia. A escolha do modo verbal é condicionada ao “fenômeno da regência” expresso:

A - pelas exigências do verbo de uma oração principal, como exemplificado em (65):

(65) a - Lelé demonstrou que **podia** fazer o serviço. (indicativo)

b - Lelé duvidou que **pudesse** fazer o serviço. (subjuntivo)

B - em alguns casos, por itens não verbais, tais como:

- o termo “**para**”, que exigirá sempre o modo subjuntivo e nunca o indicativo, conforme exemplificado em (66):

(66) O que devo fazer para que **acreditem** em mim?

- o termo “**até**”, que pode aceitar ambos os modos, como exemplificado em (67):

(67) a - Fiquei escondido até que você **chegou**. (indicativo)

b - Ficarei escondido até que você **chegue**. (subjuntivo)

- e, o advérbio “**talvez**”, que rege o subjuntivo quando o verbo se encontra à sua direita (embora seja possível encontrar, em alguns raros casos, construções com o indicativo) e rege o modo indicativo quando o verbo está à sua esquerda, conforme se pode notar em (68) e (69), respectivamente:

(68)a - Eu talvez o **procure** no escritório.

b - Eu talvez o **procurarei** no escritório.

(69) Eu o **procurarei** no escritório talvez.

Segundo Perini, além de ser condicionado por fatores formais, o subjuntivo, é também motivado por fatores semânticos, embora esse modo verbal tenda a se perder na língua. O autor chama a atenção para a oposição entre os modos indicativo e subjuntivo, afirmando que tal oposição tende a se tornar puramente formal no português, uma vez que:

na maioria dos casos, a oposição morfológica entre o indicativo e o subjuntivo é governada por traços semanticamente não motivados dos verbos (e de alguns itens como talvez); os casos em que se pode ver um efeito semântico imputável ao modo são excepcionais e tendem a desaparecer na língua moderna. (PERINI, 1995, p. 257).

Para esse autor, a oposição entre certeza e incerteza parece não desempenhar um papel fundamental na ocorrência desses modos verbais. Assim sendo, ao considerar os exemplos que podem ser vistos a seguir, observa que tanto a sentença (70) como a (71) podem expressar uma certeza condicionada e tanto a sentença (72) como a sentença (73) podem expressar uma falta de certeza, independentemente do modo verbal utilizado:

- (70) Desconfio que Selma **fuma** cachimbo.
- (71) Admito que Selma **fume** cachimbo.
- (72) Eu sonhei que Selma **fumava** cachimbo.
- (73) Eu duvido que Selma **fume** cachimbo.

Diante do exposto, percebe-se que a variação entre os modos indicativo e subjuntivo configura-se como um fenômeno presente na língua portuguesa desde tempos remotos, como salienta Said Ali. Tentou-se mostrar aqui que são várias as abordagens linguísticas que vêm contribuindo para desvelar a complexidade do uso desses modos verbais, as quais se somam estudos mais recentes, realizados à luz da Sociolinguística que serão retomados na subseção 2.2.2, a seguir.

2.2.2 O não uso do subjuntivo: uma variante linguística

Atualmente, são muitos os estudos que tratam do não uso do subjuntivo à luz da teoria sociolinguística. Consoante os estudos de Bianchet (1996), Galembeck (1998), Alves Neta (2000), Nicolau (2003, 2009 e 2011), Pimpão (2002) e Meira (2006) a oscilação das formas subjuntivo/ indicativo tem se mostrado um hábito comum entre falantes do português brasileiro contemporâneo e se caracteriza como um fenômeno variável na língua.

Bianchet (1996) estuda o uso das formas indicativo/subjuntivo em orações completivas objetivas diretas no latim e no português contemporâneo de Belo Horizonte. A autora argumenta que essa oscilação é um fenômeno variável (que atinge tanto as orações independentes, como as orações subordinadas) e assume a hipótese de que o uso do indicativo em contextos reservados ao subjuntivo no português contemporâneo, em orações completivas

objetivas diretas, seria uma etapa de um processo de mudança iniciado no latim e, agora, atingindo o sistema de complementação do português.

O objetivo dessa pesquisa era estabelecer uma comparação entre o processo de diferenciação modal ocorrido no latim e o que estaria ocorrendo no português contemporâneo. Para tanto, analisou dados das duas línguas, assumindo pressupostos da teoria da Variação de modo que focalizou uma variável dependente, considerando fatores não estruturais: Faixa etária e Nível de escolaridade; e fatores estruturais: Modalidade do verbo matriz; Presença ou ausência de negativa na oração matriz; Tempo do verbo complemento; Pessoa e número do verbo complemento.

Para a autora, os resultados obtidos em sua análise mostram que o uso oscilante de formas do subjuntivo em orações completivas associa-se à exigência do verbo da oração matriz, definida em função da modalidade expressa por este verbo. O uso do indicativo é categórico nas orações que completam verbos factivos, e o uso do subjuntivo é consideravelmente reduzido nas orações que complementam alguns verbos não factivos (**crer, acreditar, pensar, imaginar, supor, achar**). Assim, os dados apontaram que os grupos de fatores Modalidade do verbo matriz e o Tempo do verbo complemento mostraram-se relevantes para a coocorrência das formas analisadas, tanto no português contemporâneo quanto no latim. Em relação aos fatores não estruturais, o Nível de escolaridade também se mostrou decisivo para a realização desse fenômeno no português.

O emprego do subjuntivo e de formas alternativas na fala culta do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador é analisado por Galembeck (1998) que chega a conclusões semelhantes às obtidas por Bianchet, no que toca aos fatores estruturais, e diferentes das obtidas por essa autora em relação aos fatores não estruturais considerados. Hipotetizando que o emprego do subjuntivo é determinado por razões semânticas e discursivas, ou seja, a necessidade de se exprimir a possibilidade, a incerteza, a irrealidade, o autor examinou as ocorrências do

subjuntivo nos diversos tipos de oração (independentes, adverbiais, substantivas e adjetivas). Sua análise o levou a concluir que o emprego do subjuntivo é dependente do valor semântico de cada modalidade expressa na oração e, que esse modo é mais frequentemente empregado nas orações que exprimem valores relacionados com a **dúvida, a incerteza, a suposição, a hipótese, e a impossibilidade**: nas orações concessivas, condicionais, substantivas quando ligadas a nomes e verbos que exprimem os referidos valores e, em orações independentes introduzidas por **talvez**. Mas, quando esses valores modais não se manifestam com clareza, prevalecem as formas do indicativo e do infinitivo, contidas em orações finais (74) e completivas nominais (75):

(74) (...) quando ele chegou lá... nem estrada não tinha pra ele **entrar** na nossa fazenda (...)

(NURC/SP, 251)

(75) (...) eu tenho a impressão que o ensino **vai** bem (...) (NURC/SSA, 231)

O autor justifica que o subjuntivo não foi empregado nessas orações porque estas complementam nomes que não denotam ordem, possibilidade, hipóteses, etc. Acrescentando que nessas construções, o emprego do subjuntivo só seria possível se fossem realizadas “frases canhestras, de pouca aceitabilidade: ‘foi um jeito para que se acabasse’; ‘que o ensino **vá** bem’”. (GALEMBECK, 1998, p. 225).

Galembeck observa, em seus dados, um equilíbrio entre o emprego do subjuntivo e de outras formas de expressão, ou seja, formas do indicativo e formas alternativas (realizadas no infinitivo) nas orações temporais e nas adjetivas. Nas temporais, que exprimem um fato futuro, não realizado ou eventual, constroem-se com o subjuntivo, no entanto, as que exprimem eventualidade ou possibilidade constroem-se com o infinitivo, como representadas em (76) e (77), respectivamente:

(76) (...) depois que ele **ga/ganhar** uma certa velocidade... eu vou passando a segunda...
terceira (...) (NURC/RJ, 112).

(77) (...) ele tem condição de vir em voo planado muito... muitos quilômetros... até **conseguir**
um lugar ideal para pousar (...) (NURC/SSA, 277).

No que toca às orações adjetivas, o autor faz a ressalva de que todas, quando construídas com o subjuntivo, possuem o antecedente com o traço [-definido] reforçando a idéia de eventualidade, irrealidade ou conjetura, (como em (78) abaixo), porém na ausência do subjuntivo, possuem o traço [+ definido], de modo que a noção de possibilidade ou eventualidade não se faz tão evidente, como mostra o enunciado em (79):

(78) (...) quem faz teatro qualquer papel que lhe **seja conferido** ele deve saber interpretar (...)
(NURC/SP, 161).

(79) (...) em geral a gente procura um... o dentista de quem a gente **tem** recomendação de:
recomendações de colegas (...) (NURC/SP, 251).

O comportamento do grupo de fatores Tipo de oração em relação às variantes analisadas, no contexto de subjuntivo de dados de Salvador, é mostrado pelo autor, através da Tabela, reproduzida, a seguir:

Tipo de oração	Substantivas			Não substantivas		
	Ocorrência	Total	%	Ocorrência	Total	%
Adjetiva	66	159	12	34	153	10
Adverbial	244	634	46	156	586	44
Substantiva	226	572	42	164	590	46
Total	536	1.365	100	354	1.329	100

Tabela 1: Tipo de oração em contexto de subjuntivo com valor de subjuntivo.
(Fonte: GALEMBECK, 1998, p. 229)

Esses resultados confirmam a hipótese levantada por Galembeck de que o emprego do subjuntivo é determinado por fatores semânticos e discursivos. Quando presentes, os fatores sintáticos possuem uma função meramente subsidiária e manifestam-se apenas nos referidos grupos de orações: as substantivas, com a presença do sujeito na subordinada e as adjetivas, apresentando antecedente com o traço [- definido]. Contudo, no que se refere aos fatores extralinguísticos, as variáveis (Faixa etária, Gênero e Procedência) não apresentam diferenças significativas no emprego do subjuntivo, refutando, assim, sua segunda hipótese: “Não se confirma que o emprego do subjuntivo é dependente das citadas variáveis. Admite-se que os falantes cultos neutralizam (ou tendem a neutralizar os fatores) ou variáveis que possam determinar a variação linguística”.(GALEMBECK, 1998, p. 233).

Na verdade, a refutação dessa hipótese não constitui grande surpresa, visto que se trata de falantes da norma culta. Os diversos estudos em torno do subjuntivo anteriormente mencionados (Azevedo, Alves Neta, dentre outros) têm mostrado que sua realização, na oralidade, está atrelada ao grau de escolarização do falante: quanto maior for seu grau de escolaridade, maior será a chance de utilizar o subjuntivo.

Os dados analisados por Alves Neta (2000) mostraram que a coocorrência entre as formas do subjuntivo e as formas do indicativo, na comunidade de Januária (Norte de Minas), é visível, tanto na fala quanto na escrita. A autora assume a hipótese de que essa coocorrência:

(a) é uma variação de caráter morfofonológico (desinências modo-temporais do verbo) condicionada por três grupos de fatores estruturais (Tipo de oração, Tipo de conjunção de determinadas orações subordinadas e Modalidade) e pelos seguintes fatores não estruturais: Faixa etária, Estilo de fala e Nível de escolaridade; (b) e em orações marcadas pela não factividade do verbo matriz é “mais freqüente entre pessoas com menor nível de escolaridade”.

Segundo autora, o uso do indicativo que ocorre em orações absolutas, principais, coordenadas e subordinadas (tanto nos dados de fala quanto nos da escrita) é favorecido pelo baixo nível de escolaridade e pela modalidade ordem/pedido. Os resultados percentuais mostraram que a substituição do subjuntivo pelo indicativo em contextos previstos para o subjuntivo ocorreu em, apenas, 41%, tanto nos dos dados de fala, quanto nos dados de escrita. Nos 351 dados de fala, o uso de formas do indicativo em contextos previstos para formas do subjuntivo foi registrado em 284 estruturas (81%) e em contextos de subjuntivo com valor de imperativo, foi registrado em 67 casos (19%).

Observando os resultados relativos aos dados de fala apresentados por Alves Neta (2000, p. 78, Tabela 1), é possível verificar que do total dos 351 dados de fala encontrados em contexto de formas do presente subjuntivo foram registrados 67 casos em que tais formas deveriam assumir o valor de imperativo, dentre as quais 59 apresentaram formas do presente do indicativo (88%); 284 casos em que as formas deveriam assumir o valor de subjuntivo, dentre as quais 85 apresentaram formas do indicativo (30%). Isso significa, portanto, que as formas do subjuntivo raramente ocorrem com valor de imperativo (12%), mas são altamente frequentes com o valor de subjuntivo (70%). No que se refere ao Nível escolaridade, assim como à Modalidade do verbo da oração matriz e o Tipo de oração mostrou-se como fator de maior relevância para o favorecimento do uso do subjuntivo. De acordo com a autora, esse uso não se realiza significativamente nos dados de fala dos informantes mais jovens, o que

aponta no sentido de que a coocorrência dessas formas deve ser caracterizada como uma variável estável, assim sendo, tal resultado refuta sua hipótese inicial de que o fenômeno estudado configura uma mudança em progresso.

Em se tratando dos dados de escrita - extraídos de redações escolares - Alves Neta mostra que o uso do indicativo também foi registrado com valor de subjuntivo (40%) e com valor de imperativo (42%); nos dados de fala, o uso do subjuntivo com o valor de imperativo (12%) foi registrado significativamente menor do que com valor de subjuntivo (70%); já nos dados da escrita, as formas do subjuntivo são usadas em proporções praticamente iguais com ambos os valores: imperativo (58%) e subjuntivo (60%).

Ao contrário do que mostra a autora sobre a co-variação com valor de imperativo nos dados de fala de Januária, Alves (2009) - que analisa à luz da Sociolinguística Variacionista, a variação entre as formas do indicativo e do subjuntivo na língua falada de Salvador utilizando os corpora PEPP e NURC (1990) - mostra que a preferência de uso da expressão variável do imperativo falada em Salvador se configura, em sua maioria, pelas formas associadas ao subjuntivo, revelando-se em 72% das 153 ocorrências analisadas. O autor observa que, nesse contexto, as formas do indicativo, as quais foram registradas em apenas 28% das ocorrências, são favorecidas pela polaridade afirmativa³ e pelos informantes da Faixa etária 2 (45 a 55 anos) seguida da faixa 1 (25 a 35 anos) e por informantes de nível superior e primário; as formas do subjuntivo são favorecidas pela polaridade negativa e pelos informantes da Faixa etária 3 (+ 65 anos) e por informantes de escolaridade média.

Outra contribuição para a compreensão da coocorrência de formas do presente do subjuntivo e de formas do presente do indicativo no PB pode ser conferida em Nicolau (2003), que se propõe a analisar a coocorrência das formas do subjuntivo e do indicativo na

³ De acordo com Scherre *et al* (2007) a presença do imperativo em construções afirmativas é definida como expressão de polaridade afirmativa (**Diz** tudo o que sabes sobre o assunto!) e em construções negativas, como polaridade negativa: **Faça** não, **deixe** disso!

fala de Belo Vale. Nesse estudo, a autora levantou a hipótese de que, no referido município, “a língua portuguesa falada tende a exibir, com mais frequência, variantes que, de acordo com estudos recentes sobre outras comunidades linguísticas brasileiras, caracterizam-se como variantes conservadoras”. Baseando-se nessa hipótese, buscou verificar se o uso do presente do subjuntivo ainda era conservado na fala dos belovalenses. Sua análise apontou que os contextos em que se esperava o uso das formas do presente do subjuntivo (correspondentes a formas do imperativo) foram registrados na fala de apenas dois dos dez entrevistados e o uso de formas do indicativo nos contextos em que se prevê subjuntivo foi registrada na fala de apenas três dos dez entrevistados. A autora ressalta que o registro tanto de ocorrência de formas do indicativo em contexto em que se espera as formas do subjuntivo, quanto de ocorrência de formas do subjuntivo em que se prevê as formas do subjuntivo foi bastante reduzido. E que, além disso, os contextos tradicionalmente reservados a formas do presente do subjuntivo, nas raras vezes em que ocorrem, não continuam sendo ocupados por tais formas. Os falantes belovalenses, em determinados contextos, optam por estruturas diferentes daquelas em que se prevê o uso do presente do subjuntivo, as quais são concebidas por Cunha e Cintra como “formas equivalentes”.

O fenômeno em questão já foi também constatado na fala dos florianopolitanos por Pimpão (2002), cuja amostra se constituiu através de dados do Projeto VARSUL⁴ (Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil) referentes à cidade de Florianópolis - SC. Em sua análise, a autora observou que o “índice de aparecimento da forma do presente do indicativo em contextos típicos do subjuntivo é relativamente alto (41% das 319 ocorrências), delineando-se um fenômeno bastante variável na fala”. E argumenta que a base da distinção no uso do presente do subjuntivo e do indicativo é de natureza mais temporal do que modal, contrariando, portanto, a previsão das gramáticas tradicionais. Para ela, o modo subjuntivo

⁴ O banco de dados do Projeto VARSUL é composto por amostras de fala dos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

está sofrendo um deslocamento porque está deixando de vincular-se a valores atitudinais de incerteza, possibilidade, hipótese, para vincular-se ao fator tempo, traduzido pelo traço de futuridade. Os resultados que obteve em sua análise mostraram que os índices mais elevados de aplicação do modo subjuntivo encontram-se “sob o traço de projeção futura”, em contrapartida, contextos que representem frações de tempo que incluem o momento da fala - ora o passado, ora o presente - tendem a inibir o subjuntivo em detrimento da expansão do indicativo, apontando um direcionamento de mudança do paradigma de modo verbal.

Além da pesquisa de Pimpão, outros estudos (também baseados nos dados do Projeto VARSUL) revelam a expansão das formas do indicativo em Contexto de Subjuntivo na região sul do país. Fagundes (2007), orientado pela Teoria da Variação, descreve as ocorrências do modo subjuntivo e as possibilidades de sua alternância com as formas do indicativo em quatro cidades que integram o banco de dados do Projeto VARSUL do estado do Paraná: Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco. De acordo com o autor, seu principal objetivo com esse estudo era verificar se na língua oral haveria o mesmo uso previsto pela GT nos contextos em que seria possível o uso do subjuntivo. Seus resultados apontaram que dentre as variáveis linguísticas selecionadas (Tipo de oração, Tempo verbal da oração principal, Tempo verbal da ocorrência (na oração subordinada ou na independente) e modalidade) apenas os grupos de fatores Tipo de oração e Modalidade mostraram-se relevantes para a análise, sinalizando que as formas do modo subjuntivo são favorecidas pelas orações independentes e substantivas e pelas modalidades conduta e desejo e as do modo indicativo são favorecidas, levemente, pelas orações adverbiais. Quanto às variáveis extralinguísticas selecionadas (Cidade, Faixa etária, Nível de escolaridade e Gênero), apenas o grupo de fatores Cidade, mostrou-se relevante do ponto de vista estatístico. Através de sua análise, o autor constatou que o maior índice de frequência das formas do subjuntivo ocorre em Irati e o maior índice das formas do indicativo ocorre em Curitiba. No que se refere às

demais cidades, foi constatada uma certa indefinição na alternância entre os modos em Londrina e uma tendência um pouco mais definida ao favorecimento de ocorrência das formas do modo indicativo em Pato Branco. Por fim, o autor conclui que somente a cidade de Irati, possui um perfil mais conservador perante a alternância entre os referidos modos verbais.

Contrariando o que se tem apontado nas últimas pesquisas sobre a redução do uso do subjuntivo no português popular, Meira (2006) mostra que tal uso vem ganhando força gradativamente nas comunidades rurais afro-brasileiras de Helvécia, Cinzento, Rio de Contas e Sapé, localizadas no interior do estado da Bahia. De acordo com a autora, nessas comunidades formadas por africanos e seus descendentes, ainda há uma tendência ao emprego do indicativo em contexto de subjuntivo, mas essa tendência vem, aos poucos, enveredando-se pelo caminho inverso. Meira explica esse fato supondo que a aquisição das formas do indicativo em contexto de subjuntivo resulta de processo de transmissão linguística irregular (TLI), considerado como marco da história do português popular brasileiro:

(...) a variação é resultado do processo de transmissão linguística irregular (TLI), decorrente de um forte e massivo contato entre os povos (indígenas, africanos e europeus), que estiveram presentes na formação sócio-histórica e linguística do país. (LUCCHESI, 2000 *apud* MEIRA, 2006, p. 33)

Cabe salientar que o processo de TLI, consoante Lucchesi refere-se a:

(...) processos históricos de contato massivo e prolongado entre as línguas, nos quais a língua do segmento que detém o poder político é tomada como modelo ou referência para os demais segmentos. Tais processos podem conduzir à formação de uma língua historicamente nova, denominada língua pidgin ou crioula, ou à simples formação de uma nova variedade histórica da língua que predomina na situação de contato. (LUCCHESI, 2003, p. 272, *apud* MEIRA 2006, p. 164)

O autor admite que o africano foi o principal agente da transmissão linguística irregular do português, visto que o adquirira a revelia dos princípios da normatização e da escolarização, o que explicita sua relevância para se compreender a origem das variações presentes no português brasileiro. Essa via de aquisição da língua, de certa forma, promoveu a variação dos elementos flexionais e gramaticais até a atualidade presentes na língua.

Alicerçada por estas informações acerca do desenvolvimento da variação na língua, bem como acerca dos seus principais difusores, Meira examina o uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro. A sua análise revelou que no universo de 827 ocorrências, apenas 162 registram o emprego do subjuntivo de acordo com os padrões normativos. Rio de Contas foi a comunidade que apresentou o maior percentual desse emprego (31%), e, o menor percentual foi apresentado pela comunidade de Cinzento (18%); já as comunidades de Sapé e Helvécia apresentaram respectivamente 28% e 24% de uso do subjuntivo. Com os dados das quatro comunidades em estudo, foi obtido um total de 23% de uso desse modo verbal em todos os tempos. Com relação ao tempo presente, registrou-se um total de 18% de uso do subjuntivo; e, no contexto marcado pelo traço semântico *realis* (real) e *irrealis* (irreal ou, seja – real), utilizado para avaliar o valor nocional de realidade da situação expressa, foram registrados apenas 5% do modo em questão. Ao contrapor seus resultados com os de Pimpão, que analisou tal modo com falantes da zona urbana de Florianópolis, a autora observou “a concorrência de duas gramáticas, uma referente ao português urbano e outra ao português afro-brasileiro.” Diante disso, a autora conclui que:

é importante reconhecer que o português do meio urbano percorre caminhos distintos do português rural, mais especificamente do afro-brasileiro, o português do Brasil é constituído por diferentes normas, cada uma delas apresentando peculiaridades tanto sociais quanto linguísticas. (MEIRA, 2006, p. 207)

Para analisar o contexto das orações relativas, a pesquisadora considerou 11 variáveis: seis referentes à estrutura da língua e cinco da estrutura social. O programa VARBRUL selecionou como significativas quatro variáveis, sendo três linguísticas e uma social: Localização temporal do evento expresso na oração relativa em relação ao momento da enunciação; Tempo do subjuntivo previsto no uso culto; Morfologia verbal; Estada fora da comunidade. Os dados mostraram que o uso do subjuntivo é largamente favorecido quando o evento referido na oração relativa se localiza em um momento posterior ao momento da ilocução e mais desfavorecido quando os eventos referidos são anteriores ou simultâneos ao momento da ilocução. Isso se ajusta ao valor semântico do subjuntivo, que se relaciona a eventos hipotéticos e irrealis, que, por sua vez, abarcam também uma referencialidade posterior ao momento da enunciação.

A análise permitiu-lhe observar ainda que o subjuntivo no português afro-brasileiro é mais usado nos contextos em que o uso culto prevê as formas do futuro e do imperfeito, as quais foram registradas em (55%) e (24%), respectivamente. O contexto do tempo presente é o que mais desfavorece o uso desse modo (18%). Esse resultado leva-a a discordar de Pimpão, que defende que a noção de futuridade, desencadeada pelo tempo presente é que favorece o uso do subjuntivo e, não, o valor nocional de irrealidade.

Meira interpreta seus resultados alegando que a idéia de projeção futura desencadeada pelo tempo futuro pode se relacionar com o traço *irrealis*, na medida em que o futuro indica apenas uma suposição, hipótese. Já o imperfeito e o presente, que apresentam morfemas exclusivos, seriam mais lentamente incorporados ao uso da comunidade de fala. E,

entre esses dois, as formas do imperfeito levariam vantagem por apresentarem um morfema foneticamente mais saliente e mais regular, o *-sse-* (que possui o padrão silábico CV). Assim sendo, “alternância da vogal temática que marca as formas do presente do subjuntivo seria a de mais difícil aquisição.” (MEIRA, 2006, p. 216).

Com base nisso, a autora mostra que essas comunidades adquiriram mais facilmente, no processo de TLI, as formas do tempo futuro. Nos grandes centros, o alto índice de uso das formas do tempo presente pode ser explicado pelo fato de, nesses meios, haver a difusão do padrão culto através dos meios de comunicação e da escolarização. As formas do subjuntivo no contexto de pretérito imperfeito variam com as do indicativo nesse contexto, já as formas subjuntivas do presente e do futuro variam com as formas do presente do indicativo. Baseando-se nesses fatos, explica que as formas do futuro podem ter sido adquiridas por esses falantes pelo processo de *input* no processo de TLI; isso também explicaria o uso do tempo presente pelos falantes do português urbano, uma vez que, mesmo que não tenham passado por uma educação formal, mantêm sempre contato com os meios difusores da norma culta.

Em relação à variável Morfologia verbal, a autora observa que foi a terceira variável selecionada. Os verbos regulares favorecem mais o uso das formas do subjuntivo do que os verbos irregulares. A regularidade favorece mais a aquisição dessas formas do que a saliência fônica, que favoreceria o uso das formas irregulares. Cabe ressaltar que a autora esperava que por influência da saliência fônica, ou seja, do material fonético envolvido na diferença entre a forma do subjuntivo nos verbos regulares e irregulares, fosse mais empregada a marca de subjuntivo nestes. Isso significa que a atuação do princípio de saliência fônica não foi confirmada pelos dados, não contribuindo, assim, para a aquisição das marcas do subjuntivo.

No que concerne aos fatores não estruturais, das cinco variáveis sociais postuladas para análise (Gênero, Faixa etária, Estada fora da comunidade, Nível de escolaridade e Comunidades rurais), foi selecionada como significativa apenas a variável Estada fora da comunidade, as demais foram descartadas pelo programa. Contrariamente ao que se esperava, os falantes que não saíram da comunidade usam mais o subjuntivo do que aqueles que já viveram fora da comunidade. A estudiosa encerra análise das orações relativas advertindo que:

as variáveis sociais apresentaram uma distribuição contrária a todas as expectativas, fundadas nas análises sociolinguísticas, que têm sido feitas sobre essas comunidades afro-brasileiras isoladas no âmbito do projeto Vertentes. Os mais jovens foram os que mais exibiram as formas do indicativo, enquanto as mulheres, bem como os analfabetos e os que nunca saíram da comunidade exibiram os maiores índices de uso do subjuntivo. (MEIRA, 2006, p. 226).

Considerando os dados das completivas, do total de 858 ocorrências foram encontradas apenas 29% com formas do subjuntivo, um número bastante reduzido. O maior percentual foi encontrado em Sapé, 44% ao passo que o menor foi em Helvécia, 16%. Já nas comunidades de Rio de Contas e Cinzento, o percentual ficou próximo da média, registrando-se, respectivamente, 30% e 32%.

Os resultados revelaram que os principais contextos condicionadores da variação entre os modos verbais em orações completivas nas referidas comunidades foram as seguintes: Tipo de oração em que a completiva está encaixada; o Tipo e o Tempo do verbo. Observou-se que o uso da forma do subjuntivo nas completivas é favorecido pelo contexto semântico determinado pela oração principal; assim, quando essa for condicional ou negativa, o subjuntivo tende a ser o modo selecionado pela completiva, já que este seria um contexto próprio para proposições hipotéticas ou contrafactuais. O tipo de verbo em que a completiva está encaixada também afeta a probabilidade de uso das formas de subjuntivo, pois verbos

volitivos, avaliativos e inquiritivos tendem a favorecer o uso desse modo verbal. O tempo da oração em que a completiva estava encaixada, especialmente o pretérito imperfeito do indicativo, favoreceu igualmente tal uso. A autora constatou, quanto ao Nível de realidade do evento referido na oração completiva, que o subjuntivo tende a ocorrer nas situações em que se tem um evento irreal, não sendo categoricamente usado na referência a um evento já ocorrido ou pressuposto:

a aquisição do subjuntivo por falantes de comunidades constituídas por afrodescendentes desencadeia-se a partir dos seguintes fatores: (i) um de base morfológica, em que a forma mais saliente, em termos morfofonológicos, favorece a implementação das formas do subjuntivo; (ii) o outro fator semântico: as formas do subjuntivo começam a ser empregadas nas referências a eventos claramente irreais. (MEIRA, 2006, p. 241).

No que concerne aos grupos de fatores não estruturais, das cinco variáveis sociais postuladas para análise (Gênero, Faixa etária, Estada fora da comunidade, Grau de escolaridade e Comunidades rurais), foi selecionada como significativa apenas a variável Estada fora da comunidade, as demais foram descartadas pelo programa. Contrariamente ao que se esperava, os falantes que não saíram da comunidade usam mais o subjuntivo do que aqueles que já viveram fora da comunidade. Em relação às variáveis sociais, nenhuma foi selecionada pelo programa VARBRUL, em decorrência do baixo número de ocorrências dos *corpora*, devido à reduzida variação encontrada. Em se tratando da variável Faixa etária, observou-se que os falantes da faixa II apresentam o maior percentual de uso do subjuntivo e os falantes mais jovens e mais velhos são responsáveis pelo menor percentual. As mulheres que não viveram fora da comunidade e os analfabetos apresentaram os maiores índices de uso do referido modo. Segundo a autora, todos os resultados contrariam a expectativa e as outras análises que já foram feitas sobre a gramática das comunidades afro-brasileiras isoladas.

Em suma, Meira (2006), contrariando a hipótese defendida em estudos anteriores de que, no português urbano, o indicativo vem recobrando o espaço do subjuntivo, conclui que nas comunidades analisadas (Sapé, Helvécia, Rio de Contas e Cinzento), as formas do indicativo vêm perdendo ambiente para o subjuntivo, o que evidencia o fato de este modo está sendo gradativamente adquirido por falantes dessas comunidades. A autora faz questão de frisar que, em tempos pretéritos, as formas do indicativo foram mais facilmente adquiridas pelos falantes no processo de TLI, por não serem tão marcadas morfológicamente e por serem mais usadas na comunicação, furtando-se, assim, a defender os fundamentos da aplicação do princípio da deriva da língua portuguesa para explicar o referido fenômeno. Considera, portanto, que na situação linguística atual dessas comunidades, não se constatou perda da morfologia flexional, mas apenas uma tendência à aquisição das formas de subjuntivo por “influxo de pressões externas, provenientes dos centros de irradiação linguística do território brasileiro”.

2.3 Síntese do emprego do modo subjuntivo no português contemporâneo

O modo verbal indica a atitude do falante ao expressar uma ação, o que pode ser feito através de três tipos de forma: a) do indicativo, expressando um fato certo, real; b) do subjuntivo, expressando um fato incerto, irreal; c) do imperativo, expressando ordem, pedido.

No que diz respeito ao modo subjuntivo no português contemporâneo, a GT prevê a obrigatoriedade do emprego das formas do presente em vários contextos. No entanto, diferentes estudos da língua portuguesa falada no Brasil têm registrado a alternância entre as formas do presente do subjuntivo e formas do presente do indicativo no Contexto de Subjuntivo. É orientando-se nessa prescrição da GT do emprego das formas do presente do subjuntivo que a pesquisa em pauta se apoia para testar a hipótese sobre o uso das formas do

presente do subjuntivo no português falado em Salvador, explicitada no capítulo 3, a seguir, que trata dos procedimentos teóricos e metodológicos adotados.

CAPÍTULO 3

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E PROCEDIMENTOS

METODOLÓGICOS

3.1 A Teoria da variação e mudança: conceitos básicos

O uso das formas do presente do subjuntivo na fala de Salvador-Ba é analisado no presente trabalho à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Quantitativa Laboviana. Entendendo a língua como um fato social, Labov foi o pioneiro a desenvolver um estudo relacionando a língua falada a fatores sociais. Seu primeiro estudo de cunho variacionista foi sobre a variação entre ditongos no inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusettts em 1963. A essa pesquisa sucederam os estudos sobre a estratificação social do /r/ na comunidade de fala de Nova Iorque e também sobre o inglês falado por negros de Harlem, isto é, a língua do gueto dessa comunidade.

De acordo com o referido modelo teórico, todo sistema linguístico se caracteriza pela sua sistematicidade e heterogeneidade e, por isso, está suscetível a possíveis variações e mudanças ao longo do tempo. A heterogeneidade linguística reflete a variabilidade social e a variação no uso das formas linguísticas associa-se à diversidade dos grupos sociais e à sensibilidade que esses grupos mantêm em termos de uma ou mais normas de prestígio. (MONTEIRO, 2002).

A variação linguística, objeto de estudo dessa teoria, não se desenvolve aleatoriamente sendo, portanto, condicionada por fatores estruturais (ou internos) ao sistema linguístico, atrelados aos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico e, também, por fatores não estruturais (ou externos) à língua, tais como faixa etária, sexo, escolaridade, posição social, etc. Consoante Labov (1972), a variação é consequência do fato de a

linguagem nunca ser idêntica em suas formas através da multiplicidade do discurso. A ocorrência de uma determinada variação pode se caracterizar como uma mudança em progresso ou como uma variável estável.

Uma variável linguística consiste em duas ou mais formas de se realizar um conteúdo informativo num mesmo contexto, então denominadas de variantes linguísticas. Quando se mostra como uma variável estável, a variação pode se manter até mesmo durante séculos. Para se analisar o comportamento de uma variável linguística, faz-se necessário estabelecer o número exato de variantes que a compõem e os contextos em que elas se encontram, buscando os índices quantitativos que permitam mediar os valores das variantes.

Uma mudança linguística resulta de um processo de variação; entretanto, nem todo processo de variação necessariamente pode desencadeá-la. A concretização de uma mudança não se desenvolve por uma simples substituição discreta de um elemento por outro, mas por um processo histórico pressupondo sempre um quadro sincrônico de variação. Nesse ínterim, as variantes passam por fase de concorrência para, finalmente, de sobreposição de uma sobre a outra. A mudança é um fenômeno imprevisível, embora haja princípios que a regulem: (i) uniformidade em que prediz que as mudanças remotas podem ser compreendidas mediante o estudo daquelas que estão ocorrendo atualmente, visto que o mecanismo é sempre o mesmo; (ii) mecanicidade, que prediz que a seleção de variantes não é determinada pela necessidade de se preservar informação, mas é influenciada pela tendência a manter um paralelo de estrutura e articulação. (MONTEIRO, 2002).

Para Labov (1972 e 2008), as forças sociais que influem nas formas linguísticas são de duas espécies: as pressões que “vêm de cima” e as que “vêm de baixo”. Estas atuam abaixo do nível da capacidade consciente e exercem influência em todo sistema linguístico como resposta a motivações sociais relativamente obscuras que alcançaram um grande sentido

para a evolução geral das línguas; aquelas representam um processo ostensivo de correção social aplicado às formas linguísticas individuais. Existem formas alternantes que perduram por longo tempo sem que se possa prever se uma delas desaparecerá ou se será transformada. Em vista disso, uma mudança pode ser estudada em **tempo aparente**, em que se considera o padrão de distribuição do comportamento linguístico através de vários grupos etários num dado momento do tempo, ou pode ser estudada em **tempo real**, cujo desenvolvimento relaciona-se ao aspecto diacrônico da língua. Este tipo de estudo possibilita evidenciar com mais precisão se uma variante se caracteriza como uma mudança em progresso, ou não.

Labov propõe que para se desenvolver uma abordagem utilizando o constructo do tempo real pode se valer da amostra para estudos do tipo painel e do tipo de tendência. O estudo do tipo painel consiste na comparação de amostras da fala de um mesmo falante em diferentes pontos do tempo. Esse estudo possibilita perceber a mudança, ou a estabilidade, no comportamento linguístico do indivíduo, auxiliando o estudo de uma determinada mudança nas gerações e na comunidade. O estudo do tipo de tendência consiste em comparar amostras aleatórias de uma mesma comunidade de fala, considerando extratos sociais em dois momentos do tempo. Com esse tipo de estudo, torna-se possível deduzir a direcionalidade do sistema na comunidade linguística, bem como verificar em que caminhos a mudança configurada em grupos sociais pode refletir na propagação, na estabilidade ou no recuo do processo de mudança. (DUARTE, 2003).

O estudo de mudança em tempo aparente, para Monteiro (2000), refere-se:

ao padrão de distribuição do comportamento linguístico através dos vários grupos etários num determinado momento do tempo. Ou seja, se o uso da variante for mais freqüente entre os jovens, decrescendo em relação à idade dos grupos mais idosos, tudo indica que se trata de uma situação de mudança em progresso. (MONTEIRO, 2000, p. 132).

O presente do subjuntivo na fala de soteropolitanos, por exemplo, o qual se constitui o objeto de estudo da pesquisa que ora se desenvolve, configura uma variável linguística que comporta as seguintes variantes: a presença das formas do presente do subjuntivo em contexto de subjuntivo; a ausência das formas do presente do subjuntivo em contexto de subjuntivo.

A Teoria da Variação objetiva interpretar o uso de formas variantes em uma comunidade de fala, condicionado por fatores linguísticos e sociais, fazendo uso dos dados coletados nesta comunidade. Na pesquisa em questão, assume-se essa teoria com intuito de analisar o comportamento da variável linguística na comunidade urbana de Salvador \BA.

3.2 A comunidade de fala

Por comunidade de fala entende-se um grupo de pessoas que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros, bem como normas e atitudes diante do uso da linguagem (Guy e Zilles, 2007). Para se realizar uma pesquisa baseada no modelo variacionista, faz-se necessário estudar uma comunidade de fala, selecionar os informantes, entrevistá-los para coletar os dados necessários para a constituição do *corpus*, o qual será posteriormente codificado, analisado qualitativamente e interpretado à luz dos resultados quantitativos obtidos. Esse trabalho utiliza dados de fala da zona urbana de Salvador, capital da Bahia, da qual segue uma breve descrição.

Salvador foi a primeira cidade fundada no território brasileiro. Sua história se inicia com a descoberta da Baía de Todos os Santos. A cidade de Salvador data de 29 de março de 1549, porém esta data é considerada simbólica e, segundo, se tem informação, foi

sugerida em homenagem ao desembarque do primeiro Governador-geral (Thomé de Sousa) na enseada do Porto da Barra, enviado ao Brasil por D. João III.⁵

Atualmente capital da Bahia, Salvador foi a primeira capital do Brasil (1549 – 1763). Seus habitantes, a princípio descendentes de indígenas, lusitanos e africanos, são chamados de soteropolitanos.⁶

Os índios encontrados pelos portugueses no território baiano pertenciam às tribos Tupi, Jê, Kariri, os quais ali viviam acerca de quinze a vinte e cinco mil anos antes da chegada dos portugueses. Os primeiros escravos africanos levados para a região vieram principalmente da Nigéria, Angola, Senegal, Congo, Benin, Etiópia e Moçambique, em 1550, e muito contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade através de sua mão-de-obra, bem como para a formação histórica da língua portuguesa do Brasil. Uma vez considerada a cidade brasileira com maior população negra fora da África, Salvador é também conhecida como a “Roma Negra”.

A Região Metropolitana de Salvador é a segunda maior metrópole do Nordeste e a sexta região metropolitana do Brasil, com cerca de 8.364 habitantes por Km². De acordo com o IBGE (2010), a terceira cidade mais populosa do Brasil: possui uma vasta população (2.676.606) distribuída entre as zonas urbanas (2.675.875) e rurais (731) e sua taxa de analfabetismo atinge 5,1% da população entre 10 a 15 anos e 6,3% acima de 15 anos de idade. Atualmente, Salvador conta com 1.220 unidades de ensino de Educação Básica distribuídas entre as redes municipais, estaduais, federais e privadas e 50 unidades de Ensino Superior, sendo 3 públicas e 47 privadas.

⁵ De acordo com Tavares (2001), segundo as afirmações do geógrafo Theodoro Sampaio, Salvador teria sido fundada no dia 13 de junho de 1549, data em que se realizou na cidade a primeira procissão de *Corpus Christi*. Entretanto, para o historiador Pedro Calmon, a data da fundação de Salvador seria primeiro de maio deste mesmo ano: “data em que começaram a ‘vencer soldados’ os que trabalhavam na construção dos muros, das casas e dos baluartes da cidade, conforme os mandados de pagamento”

⁶ Nome este derivado de *Soterópolis* através da junção dos nomes gregos *sotero* (o salvador) e *polis* (cidade), assim resultando na “cidade do Salvador”.

3.3 A amostra

A amostra utilizada para a obtenção dos dados analisados foi constituída por um conjunto de 24 inquéritos gravados com informantes de ambos os Gêneros, moradores da zona urbana do Município de Salvador-Ba entre o final de 2006 e o primeiro semestre de 2007. Para a seleção dos informantes, foram inicialmente considerados alguns critérios julgados importantes para o resultado da pesquisa, tais como ser natural da cidade e\ou não ser natural, mas lá ter vivido a maior parte de sua vida; ter cursado ou estar cursando o Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

Como resultado dessa seleção obteve-se uma amostra composta por um quadro de informantes baianos⁷, distribuídos em três faixas etárias: (jovem (J); adulto (A); idoso (I); e em dois níveis de escolaridade: Ensino Fundamental codificado como (1-EF) e Ensino Médio codificado como (2-EM), conforme se pode conferir no quadro seguinte:

⁷ Apenas três informantes são naturais de outras cidades baianas: dois de Feira de Santana e um de Itaberaba

INFORMANTE	SIGLA	FAIXA ETÁRIA	GÊNERO	ESCOLARIDADE
01	PATI	J	F	1 (EF)
02	MARY	J	F	1 (EF)
03	DELM	J	F	2 (EM)
04	SILV	J	F	2 (EM)
05	SAND	J	M	1 (EF)
06	WALT	J	M	1 (EF)
07	MAUR	J	M	2 (EM)
08	JOSE	J	M	2 (EM)
09	PATR	A	F	1(EF)
10	ROSE	A	F	1 (EF)
11	SADR	A	F	2 (EM)
12	MARC	A	F	2 (EM)
13	EDMI	A	M	1(EF)
14	ROBE	A	M	1(EF)
15	JENA	A	M	2 (EM)
16	ALOI	A	M	2 (EM)
17	ALIC	I	F	1(EF)
18	VALD	I	F	1 (EF)
19	CELI	I	F	2 (EM)
20	IRAC	I	F	2 (EM)
21	ROMU	I	M	1(EF)
22	VENE	I	M	1(EF)
23	GERS	I	M	2(EM)
24	SILO	I	M	2 (EM)

Quadro 1: Perfil dos informantes da comunidade de fala de Salvador.

3.4 Levantamento dos dados

Para a coleta de dados foi utilizada a técnica da entrevista gravada, conforme orientações da Teoria Variacionista para a realização de estudos sociolinguísticos. Assim, como já mencionado, os dados foram extraídos de gravações de 24 entrevistas individuais com duração de 50 a 60 minutos, realizadas através da utilização de perguntas a fim de se criar espaço para narrativas. Objetivando provocar, também, respostas reflexivas e argumentativas, foram realizadas perguntas, em sua maioria, de cunho subjetivo referentes a temas atuais (política, religião segurança, educação, festejos da cidade, etc). Vale ressaltar que nem sempre esse objetivo foi atingido, uma vez que, em diversas situações, os informantes responderam com muita brevidade, com frases curtas do tipo: “não sei”, “sim”, “nada”, “muita coisa”, etc.; inclusive, com estruturas nas quais se verifica elipse do verbo.

Essas entrevistas foram realizadas nos locais pré-estabelecidos pelos informantes, tais como suas residências, locais de trabalho, praia, etc. A transcrição dessas entrevistas focalizou as formas verbais contidas nos dados, de modo a servir especificamente ao estudo proposto; ou seja, orientou-se pela afirmação de Paiva (2004) de que qualquer sistema de transcrição deve ser definido de acordo com os objetivos e as finalidades do pesquisador. Assim, durante a transcrição, foram considerados alguns fatos linguísticos destacados como relevantes na caracterização da fala dos informantes:

- Apagamento de sílabas: tou < estou; tá < está
- Apócope ou apagamento de consoantes finais: homi < homem; má < mar;
- Desnasalização de ditongo nasal final: virgem < virgi;
- Ditongação: nós < nós; meis < mês;
- Elevação/abaixamento das vogais médias pretônicas: intende < entender;

- Síncope: chorano < chorando
- Vocalização da palatal: muié < mulher
- A variação entre que e qui.

Vale acrescentar que nos inquéritos foram utilizados alguns símbolos para marcar alguns traços supra-segmentais: reticências para identificar hesitação, pausas curtas ou raciocínio perdido; reticências entre parênteses para indicar pausas longas; interrogações entre parênteses para identificar frases ou palavras ininteligíveis; a expressão (risos) para identificar o riso do informante; letras maiúsculas para identificar ênfase a algum termo; a sigla (INTER) para indicar interrupções.

Uma vez transcritas as falas gravadas, procedeu-se ao levantamento dos dados, criteriosamente, destacando-se as orações produzidas no presente do subjuntivo e em contextos que lhes equivaliam, ou seja, presente do indicativo e outras estruturas alternativas. Durante o levantamento dos dados, foi encontrado um número considerável de sentenças cristalizadas⁸, as quais, por assim serem, foram descartadas na análise.

Após essa seleção, as ocorrências foram codificadas, considerando os fatores linguísticos e extralinguísticos estabelecidos como importantes para a investigação (explicitados na seção 3.7, mais adiante). Finalizada a codificação, os dados foram submetidos à análise através do pacote do programa VARBRUL⁹, por meio da qual foram obtidos os valores percentuais, bem como considerados, por hipótese, como relevante para a

⁸ Exemplos destacados dentre as 18 orações cristalizadas encontradas no *corpus* analisado: Deus nos livre. (Inf. 05); Deus que me perdoe. (Inf. 03); Me perdoe, Pai. (Inf.03)

⁹ Um conjunto de programas computacionais de análise multivariada estruturado para acomodar os dados de variação sociolinguística. Apresentado, em 1978, por Rousseau e Sankoff como modelo Logístico capaz de medir os efeitos e a significância dos efeitos das variáveis independentes sobre a ocorrência das variáveis dependentes. (GUY e ZILLES, 2007).

elucidação da variável em estudo. A interpretação desses resultados será apresentada no capítulo 4.

3.5 Hipóteses de trabalho

Esse estudo parte da hipótese inicial da preservação das formas do presente do subjuntivo na fala de Salvador. Com base na defesa de Marroquim (1945), Galembeck (1998), Scherre (2005), Scherre *et al* (2007), e Meira (2006) sobre a conservação do uso do modo subjuntivo na região nordeste brasileira e em observações empíricas de produções orais realizadas por falantes baianos, foi formulada a hipótese de que o falante baiano faz uso mais frequente de formas presente do modo subjuntivo em contextos previstos pela literatura normativa, do que de formas do presente do indicativo; além disso, tal uso é independente de determinados fatores não estruturais, a saber: Gênero, Faixa etária e Nível de escolaridade.

Considerando as conclusões de Alves Neta de que a alternância entre as formas do subjuntivo e as formas do indicativo tanto com valor de Subjuntivo, quanto com valor de Imperativo na comunidade de fala de Januária (cidade próxima à Bahia, localizada na região norte de Minas) aponta para uma variável estável, formula-se, então, mais uma hipótese: a alternância entre esses modos é uma variável estável condicionada por fatores estruturais (como Tipo de oração, Modalidade do verbo, Tipo de conjunção) e por fatores não estruturais, (como Gênero, Faixa etária e Grau de escolaridade).

Uma terceira hipótese que orienta esse trabalho é a de que as estruturas com formas do subjuntivo coocorrem com outros diferentes tipos de estruturas que lhes equivalham semanticamente, aqui tratados como estruturas alternativas, tal como as denominam Nicolau e Galembeck :

(80) a - “**Estude** para ser aprovado.”

b - “**Estudando** conseguirá ser aprovado.”

c - “**Estude** para que seja aprovado.”

d - “**Estudar** para ser aprovado.”

(81) a - “Meu desejo é que você **seja** feliz.”

b - “Quero **vê**-la feliz.”

c - “**Desejo**-lhe felicidades.”

Como visto, a tradição gramatical admite que estes tipos de construções são estruturas substitutas de formas do presente do subjuntivo em ambientes reservados para o Contexto de Subjuntivo. Acredita-se que, em Salvador, essas estruturas, ocorrem ao lado das formas do presente do subjuntivo muito mais do que as formas do presente do indicativo.

3.6 Objetivos do Estudo

O principal objetivo dessa pesquisa é descrever e analisar o uso das formas do presente do subjuntivo na fala de soteropolitanos, a fim de verificar sua frequência na cidade de Salvador. Em vista disso, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

1º) Verificar em que proporção os falantes soteropolitanos utilizam formas do presente do subjuntivo em contextos tradicionalmente reservados a essas formas.

2º) Identificar os fatores que favorecem a realização: (i) de formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo¹⁰; (ii) de formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo; (iii) de estruturas alternativas em Contexto de Subjuntivo.

3º) Verificar se as estruturas alternativas usadas pelos falantes de Salvador correspondem somente às previstas na literatura e se há predominância de uso de alguma(s) dessa (s) forma(s).

3.7 As variáveis

3.7.1 Variáveis dependentes

A principal proposta desta pesquisa resume-se em avaliar a relação proporcional de coocorrência de formas do presente do subjuntivo, como em (82), de formas do indicativo como em (83) e de formas alternativas em Contexto de Subjuntivo como em (84):

(82) Eu tenho qui lê um assunto qui me interessa... **qui me interesse.** (Inf.16)

(83) Eu tenho qui lê um assunto qui me **interessa.** \ qui me interesse. (Inf.16)

(84) Eu tenho qui lê um assunto (...) **qui me interessá.** (Inf.16)

Assim, tomando como base a Teoria Sociolinguística para a análise dessa relação, será analisada a variável dependente composta pelas variantes codificadas, a seguir:

∅ = emprego de formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo;

1 = emprego de formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo;

¹⁰ A expressão linguística está associada a valores semânticos que, segundo a GT, ocorrem em estruturas, as quais implicam o uso do subjuntivo. Nesta dissertação, “Contexto de Subjuntivo” e “Contexto de Imperativo” serão utilizados para tratar dos contextos em que Alves Neta (2000) denomina de “valor de Subjuntivo” e “valor de Imperativo” em sua análise.

2 = emprego de estruturas alternativas.

3.7.2 Variáveis independentes

Para Labov (1972 e 2008), estudar a variação linguística é buscar identificar os fatores que condicionam a opção pelo uso de cada forma linguística em caso de uma variação, que se desenvolve aleatoriamente, mas condicionada por fatores estruturais internos à língua e externos, e que podem ser relacionados ao sistema linguístico, (ou não, ou seja, podem ser fatores sociais).

Nessa pesquisa, as variáveis propostas para se analisar o condicionamento do fenômeno em foco foram selecionadas com base nas prescrições da GT em estudos já mencionados anteriormente.

Conforme a GT, as formas do subjuntivo são, por excelência, empregadas nas orações subordinadas, podendo também ocorrer nas orações independentes, principais e coordenadas, embora, nas orações principais, seja mais comum o uso do modo indicativo.

Bianchet observa que ainda que seja prevista pela norma culta sua ocorrência nesses contextos, esse modo verbal tende a alternar na oralidade com o indicativo tanto nas orações independentes quanto nas subordinadas, assim como também assinalam Galembeck, Alves Neta, Nicolau, e Pimpão. Autores estes que atribuem a oscilação entre as formas desses modos verbais (indicativo e subjuntivo) às exigências do verbo da oração matriz das subordinadas.

Apropriando-se da hipótese de Alves Neta de que a oscilação entre as formas do presente do subjuntivo e as formas do indicativo ocorre em todos os tipos de oração, no presente estudo será adotada como a primeira variável independente o grupo de fatores **Tipo de oração** representada pelos seguintes fatores: oração absoluta (I); coordenada, (C); principal (P) substantiva (S); adjetiva (A); adverbial (B). É válido ressaltar que para o fator

oração coordenada serão consideradas apenas estruturas contendo orações coordenadas, todavia as orações coordenadas que fizerem parte de orações subordinadas serão contadas como casos de subordinação.

A **Modalidade do verbo** foi o segundo grupo de fatores selecionado para compor o quadro das variáveis independentes por constituir-se, segundo os autores supracitados, relevante para avaliar o tratamento do subjuntivo. A modalidade é uma questão discutida no âmbito da retórica desde Aristóteles para tratar, segundo preceitua Nef¹¹ (1995 *apud* Fagundes, 2007), da relação do enunciado com a realidade, intencionando distinguir “os discursos suscetíveis da verdade e da falsidade”. Segundo Kneale & Kneale (1972 *apud* Fagundes, 2007), o interesse de Aristóteles, nesse estudo, era “determinar quais são os pares de orações que se opõem e de que forma isso se dá” para discutir sobre as relações entre as expressões negativas e afirmativas, incluindo as expressões modais.

Fagundes observa que, dada essa discussão aristotélica, seria pertinente optar pelo tratamento das expressões modais não apenas em termos de falsidade ou verdade, mas, como afirmação *versus* não afirmação, lembrando que, cabe, ao modo subjuntivo, o papel de não afirmação.

Esse papel atribuído ao subjuntivo, tal como entende Fagundes, é claramente discutido por Santos (2003) ao retomar as explicações de Lavandera (1990) que assegura:

la morfología subjuntivo/indicativo incorporada a cada realización de un verbo conyugado constituye una instrucción clara y rápida sobre la presencia o ausencia de aserción para cada aseveración. (LAVANDERA, 1990, p. 353 *apud* SANTOS, 2003, p. 470).

De acordo com Santos (2003), a oposição entre os verbos no indicativo e os verbos no subjuntivo significa uma oposição entre a afirmação e a não afirmação, cuja

¹¹ NEF. Frédéric A. A linguagem: uma abordagem filosófica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

distinção constitui uma instrução de interpretação para o interlocutor. O “conjuntivo” possui um significado e um sentido próprios relacionados com a não afirmação. A autora assume que os modos verbais participam na construção da modalidade e, que enquanto conteúdo semântico (pragmático), a modalidade está envolvida no emprego do conjuntivo. Ao finalizar suas reflexões, propõe que:

A modalidade resulta não apenas do significado ou significados de uma frase, mas também dos dados adicionais, fornecidos pelo contexto e pela situação de comunicação. Por isso, para entender a ligação entre a presença de um “conjuntivo” numa frase e a construção de conteúdos semânticos próprios, não basta procurar o significado de base, é preciso igualmente procurar o sentido potencial das formas que se encontram aí concretizado. (SANTOS, 2003, p.79).

No sentido assumido por Neves (2002), a modalidade pode ser interpretada como a relação estabelecida entre o sujeito da enunciação e o seu enunciado. Ancorada nas definições de Kiefer (1987), a autora esclarece que a modalidade consiste na:

A - expressão de necessidade e de possibilidade:

(85) [...] porque realmente você depois de comer aquilo tudo você tem que ter uma hora pra descansa... (DID-RJ-328) (NEVES, 2002, p. 172)

B - expressão de atitude proposicional (com verbos que expressam estado cognitivo, emocional ou volitivo + oração completa):

(86) [...] inclusive eu sei por que eu vi a concorrência... (D2-SSA-045) (NEVES, 2002, p. 173)

C - expressão de atitude do falante (qualificação cognitiva, emotiva ou volitiva que o falante faz de um estado de coisa):

(87) [...] realmente... deve ser uma delícia ter uma família gran (...) (D2-RE-05) (NEVES, 2002, p. 173).

Dentre essas noções, segundo a autora, apenas as expressões de atitude do falante são não proposicionais e tornam a sentença necessariamente não descritiva, o que de certa forma inviabiliza que uma sentença, assim modalizada, seja usada como afirmação sobre a realidade, tal como ilustra o exemplo:

(88) *Não é verdade que realmente deve ser uma delícia ter uma família grande. (NEVES, 2002, p. 73).

Sob semelhante explicação, Fávero (1987) também esclarece que, no português, as formas verbais são determinadas pela atitude proposicional do sujeito da oração matriz. Segundo suas orientações, em contextos em que há prevalência da atitude proposicional interpretativa, o modo verbal categórico será o subjuntivo; porém, nos contextos em que prevalece a atitude proposicional não interpretativa do falante, o modo favorecido será o indicativo:

(89) Sei que Mariana **estuda** português.

(90) Ordeno que você **estude** português.

Em estudo sob a ótica da sociolinguística, Barra Rocha (1992) explica que a modalidade refere-se ao posicionamento do falante perante determinado fato. Essa atitude do falante se dá através dos vários recursos que a língua oferece, dentre eles, os modos verbais, cujo emprego está condicionado à natureza ou ao valor semântico dos elementos lexicais ou morfossintáticos do enunciado:

Os modos verbais apresentam um grau maior ou menor de dependência em relação à tomada de posição do falante, ou dos elementos que compõem o enunciado frasal. Geralmente, quando o subjuntivo é o modo utilizado, há “uma tomada de atitude do falante em face da situação enunciada. (BARRA ROCHA, 1992, p. 62).

Em consonância com Travaglia (1985), a linguista assume que as noções modais reveladas nos discursos são: certeza, prescrição, obrigação, necessidade, volição, possibilidade e probabilidade; as noções de necessidade, volição, possibilidade e probabilidade são as modalidades em que o modo subjuntivo pode aparecer.

Ressaltando que a forma subjuntiva exerce uma relação de dependência na oração (sem se perder de vista a sua possibilidade de também ocorrer, em certas situações, em orações independentes), a autora defende que as formas subjuntivas são determinadas por condicionadores¹²:

1 - Lexicais presentes em contextos em que há presença de certas palavras de conteúdo nocional, tais como substantivos, adjetivos, advérbios e verbos, com o poder de exigir tal forma, como ilustram os exemplos em (91):

(91) a - **Quero** que o circo pegue fogo.

b - **Talvez** o livro não custe tanto.

c - **É preciso** que Cinthia passe por isso.

2- Morfossintáticos, que se configuram pela presença das seguintes conjunções:

A - **Concessivas:**

(92) **Embora** chova lá fora, o barulho não me incomoda.

B - **Finais:**

(93) Faça o bem **para que** o bem venha até você... (Inf. 20)

C - **Temporais que marcam anterioridade:**

(94) Fique comigo, **até** que eu **acabe** isto aqui.

¹² A autora também menciona as orações comparativas iniciadas pela conjunção **como se**; porém, por este tipo de oração não favorecer a presença de formas do presente do subjuntivo, foco desta pesquisa, não foram transcritas.

D - Condicionais:

(95) **Caso** venha, me avise.

Barra Rocha alerta que esses condicionadores, lexicais e morfossintáticos, não permitem o uso de outros modos verbais, portanto, quando são usados com o indicativo, acarretam agramaticalidade das sentenças:

3 - Semânticos: valores modais do próprio subjuntivo:

(96) **Sejam** felizes, meus filhos!

4 - Subjetivos: frutos da vontade do falante:

(97) Ando a cata de um criado que **seja** econômico e fiel. / Ando a cata de um criado, que **é** econômico e fiel.

A autora esclarece que em casos como estes, o falante tem o poder de decidir o modo verbal a empregar, ou seja, o indicativo ou o subjuntivo, segundo suas intenções expressivas. Ainda consoante tais esclarecimentos, dentre esses condicionadores apresentados, o semântico é o verdadeiro motivador do subjuntivo, uma vez que, embora seja motivado por outro tipo de fator, seu valor semântico sempre estará expresso no enunciado.

Também sobre a definição de modalidade, Botelho Pereira (1974 *apud* ALVES NETA, 2000) explica que:

a marca do grau de realização da ligação entre o sujeito e o predicado (sua verdade, possibilidade, dúvida, negação); a marca do grau de responsabilidade assumida pelo locutor em relação à afirmação ou negação dessa ligação; a marca da natureza da ligação (uma relação de causa e efeito ou de necessidade, por exemplo); ou das condições satisfeitas para que ela se tenha realizado, ou a serem satisfeitas para que se venha realizar; e a marca de natureza do envolvimento subjetivo (emocional ou avaliativo) do locutor em relação a essa ligação, constitui a categoria modalidade. (BOTELHO PEREIRA, 1974, p. 71 *apud* ALVES NETA, 2000, p. 56).

Enfim, entendida como se realizando no modo do verbo, a modalidade se configura como um fator preponderante para compor o quadro das variáveis independentes da pesquisa aqui apresentada. Além disso, de acordo com os resultados das análises de Bianchet e Alves Neta, a modalidade mostrou-se decisiva para a variação entre as formas do subjuntivo e as formas do indicativo no PB. Para essas autoras, a oscilação entre as formas desses modos verbais (indicativo e subjuntivo) está associada às exigências do verbo da oração matriz; as orações que não expressam factividade favorecem o emprego do subjuntivo, as que expressam factividade o desfavorecem.

Bianchet mostra que a modalidade factividade expressa por verbos como **falar**, **saber**, **contar**, etc. favoreceu o modo indicativo nas orações completivas objetivas diretas; enquanto, a modalidade não factividade representada por verbos que expressam dúvida, hipótese, volição, comando etc., favoreceu o modo subjuntivo.

Alves Neta também utiliza a noção do traço factividade corrigindo a definição equivocada de Bianchet para verbos não factivos I:

A autora não leva em conta o fato de que os verbos não factivos I podem ser marcados positivamente ou negativamente em relação ao traço factividade, ou seja, ela trata como [-factivo] tantos os casos de (142a) como os casos de (142b):

(142)a. Maria acredita que Deus **existe**. (acreditar [+factivo] implica Indicativo)

b. Maria acredita que Deus **exista**. (acreditar [-factivo] implica Subjuntivo.
(ALVES NETA, 2000, p. 58).

Apoiada nos argumentos de Fávero e Barra Rocha, a autora esclarece que existe uma diferença no valor semântico nestes dois casos, pois em (142a), o verbo tem o valor semântico de indicativo, enquanto, em (142b) o verbo tem o valor semântico de subjuntivo. Como Favéro, a autora defende que o modo verbal é determinado pela atitude proposicional interpretativa ou não interpretativa do sujeito da oração matriz, e mostra que a modalidade

atitude proposicional interpretativa [-factiva] de volição, pode se associar ao uso de forma do indicativo em Contexto de Subjuntivo, assim como as modalidades de causa, possibilidade/probabilidade e necessidade, ocasionadoras do subjuntivo em orações subordinadas substantivas.

Galembeck, Pimpão e Meira também atrelam o uso do subjuntivo a critérios semânticos atribuídos aos valores de irrealidade, dúvida, incerteza, hipótese, possibilidade. Meira observa que existe uma relação entre o modo subjuntivo e o valor semântico do verbo da oração “subordinante”. Assim, destaca como principais favorecedores do subjuntivo, em orações completivas, os verbos volitivos, avaliativos, declarativos, perceptivos, inquiritivos, causativos e dubitativos. Entretanto, de acordo com seus resultados, apenas verbos volitivos, avaliativos, inquiritivos, causativos e cognitivos, mostraram-se presentes neste tipo de estrutura, tal como ilustra a Tabela (2):

Tipo do verbo	Número de ocorrências\Total	Frequência
Volitivos, avaliativos e inquiritivos	10\23	43%
Causativos	07\18	39%
Cognitivos	03\32	09%
TOTAL	23\80	29%

Tabela 2: O uso do subjuntivo nas orações completivas no português afro-brasileiro segundo o tipo de verbo da oração em que a completiva está encaixada (Fonte: Tabela 22: MEIRA, 2006, p. 235)

Fundamentando-se nesses autores, assume-se, no presente estudo, que o uso do subjuntivo está atrelado a condicionadores semânticos. Portanto, serão consideradas as *modalidades volição, necessidade, possibilidade/probabilidade e causa*, também assumidas por Alves Neta, acrescidas às *modalidades de julgamento e de sentimento*, assim como

ilustradas pela referida autora ao tratar da previsão de uso das formas do presente do Subjuntivo em orações subordinadas substantivas:

Modalidade expressa pelo verbo da oração matriz	Valor semântico do predicado da substantiva em relação ao traço factividade	Valor semântico do predicado da Forma prevista pela GT	Exemplo
Desejo	[-factivo]	Subjuntivo	Rogo que ele volte .
Causa	[-factivo]	Subjuntivo	Ela faz com que ele fique calmo.
Necessidade	[-factivo]	Subjuntivo	É necessário que ele volte .
Possibilidade	[-factivo]	Subjuntivo	É possível que ele volte .
Julgamento	[+factivo] [-factivo]	Indicativo Subjuntivo	Suponho que ele estuda . Suponho que ele estude .
Sentimento	[+factivo] [-factivo]	Indicativo Subjuntivo	Alegra-me que ele vem . Alegra-me que ele venha .

Quadro 2: A previsão de uso das formas do presente do subjuntivo em orações subordinadas substantivas: a atitude proposicional do sujeito da oração matriz. (FONTE: Quadro7: ALVES NETA, 2000, p. 41).

Assim sendo, a variável independente **Modalidade do verbo**, a ser considerada nas orações subordinadas substantivas será estruturada ponderando os seguintes fatores: causa (C), *necessidade* (N), *possibilidade* (P), *volição* (V), *juízo* (J) e *sentimento* (M). Para as orações principais, absolutas e coordenadas serão considerados os fatores *ordem/ pedido* (O) e *dúvida* (D), esse último com a presença ou não do advérbio **talvez**, também considerado para os demais tipos de oração.

No que concerne às orações adjetivas, como foi visto anteriormente, o falante tem o poder de escolha de um ou outro modo verbal, a depender da sua intenção no momento da enunciação. Alves Neta afirma que, neste tipo oração, o verbo apresenta o traço [-factivo], quando o sujeito for um ser de existência possível; quando o sujeito for um ser de existência

garantida, o verbo apresentará o traço [+factivo]. Orientando-se por essa afirmação, serão considerados aqui para as orações adjetivas o fator sujeito ser de *existência possível* (X) – que permite prevê o uso do modo subjuntivo e sujeito ser de *existência garantida* (Y) – que permite prevê o uso do modo indicativo

Orações do tipo adverbial também se configuram como um fator importante para a análise do fenômeno em foco. Segundo a GT, nas orações subordinadas adverbiais, o subjuntivo é favorecido por critérios morfossintáticos, o seu emprego é determinado por conjunções e locuções conjuntivas. De acordo com Bianchet, nessas orações, há uma correlação entre o modo verbal selecionado e o complementizador que as introduz, sendo que uns favorecem o indicativo e, outros, o subjuntivo. Sobre esse aspecto, Barra Rocha complementa que há um condicionamento lexical e morfossintático, que impossibilita o falante de optar por uma forma ou outra, como se verifica no caso das orações concessivas:

(98) Mesmo que **chova** lá fora, o barulho não me incomoda.

(99) Ainda que você não **possa** vir comigo, terei que sair.

Tendo em vista esses exemplos, a autora observa que o subjuntivo ocorre nas orações subordinadas adverbiais, regido por conjunções inerentes a cada tipo de oração.

Baseando-se nesses fatos, serão tomados como condicionadores do subjuntivo em orações adverbiais, os seguintes tipos de conjunção: *causal* (U), *concessiva* (H), *final* (F), *condicional* (L) e *temporal* (T).

Outro grupo de fatores que comporá o quadro das variáveis independentes nesse trabalho será o **Tipo de estrutura alternativa**. Consoante a tradição gramatical, esse tipo de estrutura ocorre quando o falante por, muitas vezes, entendê-lo como malsoante, opta por substituí-lo por uma forma expressional equivalente. Segundo atestam Galembeck e Nicolau,

no português contemporâneo, há uma incidência de uso de outros tipos de estruturas em contexto de subjuntivo.

Galembeck constatou, em sua pesquisa com os dados do projeto NURC, que a coocorrência entre as formas do presente do subjuntivo e as formas alternativas nos dados de fala de Salvador é um fenômeno visível que tende a favorecer o uso do que denota irrealidade, conforme pode ser conferido na Tabela 3, seguinte:

Modo verbal	Ocorrência	%
Subjuntivas	536	60
Não subjuntivas ¹³	354	40
Total	890	100

Tabela 3: Distribuição das variantes subjuntivas e não subjuntivas em dados de fala de Salvador. (Fonte: GALEMBECK, 1998, p. 229).

O autor atribui o uso desse tipo de estruturas à superficialidade de certos valores modais peculiares ao modo subjuntivo. Ele salienta que o subjuntivo, normalmente, é empregado em orações que expressam valores relacionados com a dúvida, a incerteza, a suposição, a hipótese e a possibilidade, mas, quando esses valores modais não se manifestam claramente, há a prevalência do emprego de formas tanto do indicativo, quanto de outras formas, prioritariamente as do infinitivo. Assim sendo, por ser assumida a hipótese da possibilidade de coocorrência entre construções do subjuntivo e de outras construções a elas equivalentes em contexto de subjuntivo, considera-se, nessa análise, o grupo **Tipo de estrutura alternativa**, contendo os seguintes fatores: *gerúndio* (G), *infinitivo* (I), *nome abstrato* (E), *construção elíptica* (N) e *estrutura não prevista na literatura* (Y).

¹³ De acordo com Galembeck (1998), a expressão “não subjuntivas” refere-se às estruturas alternativas e às formas indicativas.

Como fatores não estruturais que possivelmente condicionam o uso dessa variação, foram considerados: **Gênero**, **Faixa etária** e **Nível de escolaridade**, tal como também os selecionaram autores anteriormente citados, tendo em vista que essas variáveis são apontadas pela Sociolinguística Variacionista como importantes para se avaliar o perfil de uma variação em determinada língua.

Quanto à variável **Gênero**, segundo afirmam Paiva (2004), esse grupo de fatores pode ser significativo para avaliar processos variáveis de diferentes níveis, sejam eles morfossintáticos, fonológicos ou semânticos. Ainda consoante suas afirmações, vários estudos já mostraram o papel decisivo da mulher nas inovações linguísticas, embora esse fato, geralmente, ocorra, apenas, quando essas inovações apresentam maior prestígio social. Pimpão, por exemplo, salienta a influência desta variável extralinguística na seleção dos modos verbais realizadas pelos florianopolitanos. De acordo com seus dados, a variável de maior prestígio social, ou seja, a realização do modo subjuntivo é mais recorrente na fala feminina. Essa variável será considerada na presente análise que buscará verificar se tal realização é influenciada pelos fatores: *feminino* (F) e *masculino* (M). É interessante ressaltar que, ao considerar essas variáveis independentes de natureza não estruturais, Galembeck e Fagundes observaram que as mesmas não se fizeram relevantes para o condicionamento da variação entre as formas do subjuntivo e do indicativo.

Analisar o grupo de fatores Faixa etária é de significativa valia nesse tipo de estudo, pois permite detectar características relevantes de uma variação, ou seja, se a variação se caracteriza como um caso de mudança em progresso, ou não. Em relação à variável **Faixa etária**, serão considerados três fatores: *jovem* com idade entre 25 – 30 (J), *adulto* com idade entre 40 – 50 (A) e *idoso* com idade a partir de 63 anos (I).

Quanto à variável **Nível de escolaridade**, foi considerado, principalmente, aspecto como a modalidade dos cursos realizados pelos informantes (curso normal ou

Supletivo). O objetivo para a consideração desse aspecto no fator escolaridade é avaliar, com maior precisão, o grau de contato do informante com a língua padrão, apontado em análises anteriores aos resultados da pesquisa (Bianchet, Alves Neta, Nicolau e Pimpão) como elemento decisivo para o favorecimento do uso das formas do subjuntivo: quanto mais alto o Nível de escolaridade, maior será a possibilidade de uso dessas formas.

Acreditando que o uso do modo subjuntivo, em contextos nos quais é prescrito, ocorre em Salvador também motivado pelo grau de instrução do falante, nessa pesquisa, serão analisados dados obtidos, apenas, nas entrevistas com falantes que tenham cursado ou estejam cursando o *Ensino Fundamental* (1) e o *Ensino Médio* (2), por se acreditar que o falante de nível superior o realiza categoricamente¹⁴.

Resumindo, a análise dos elementos que ocorrem nos contextos em que a GT prescreve o emprego do presente do subjuntivo foi realizada considerando a variável dependente constituída de três variantes: (i) emprego de formas do presente do subjuntivo; (ii) emprego de formas presente do indicativo; (iii) emprego de estruturas alternativas. Assume-se, então, a hipótese de que tal variável é condicionada por variáveis independentes estruturais (ou linguísticas) (**Tipo de oração, Modalidade do verbo, Tipo de conjunção e Tipo de estrutura alternativa**) e não estruturais (ou extralinguísticas): **Gênero, Faixa etária e Nível de escolaridade**. No capítulo 4, são apresentados os resultados da análise do *corpus*, na qual foram tomadas como ponto de partida as referidas variáveis explicitadas no Quadro 3, a seguir.

¹⁴ Vale ressaltar que a hipótese aqui formulada de que falantes de nível superior realizam categoricamente o modo subjuntivo nos contextos previstos pela GT tem como fundamento observação empírica.

VARIÁVEIS DEPENDENTES		
Ø = emprego do presente subjuntivo em Contexto de Subjuntivo 1 = emprego do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo 2 = emprego estruturas alternativas em Contexto de Subjuntivo.		
VARIÁVEIS INDEPENDENTES		
Grupo	Fatores	Exemplos
1- Tipo de oração	I - Absoluta C - Coordenada P - Principal S - Substantiva A - Adjetiva B - Adverbial	Que termine a violência né...? (Inf. 03) Tu vai lá juêlhe, juêlhe, mais peça pá ligá... (Inf. 18) (...) num diga (isso) porque o mundo dá volta... (Inf.18) (...) eu num gosto qui me conte (Inf. 17) O home vai fazer o filho com a mulher qui ele queira. (Inf. 12) (...) tira as nossa dúvida dez vezes qui a gente tenha dúvida (Inf. 09)
2- Modalidade (expressa pela oração contendo a forma verbal analisada ou oração matriz, a qual se liga a oração contendo estruturas alternativas)	D - Dúvida (talvez) O - Ordem, pedido C - Causa H- Hipótese N - Necessidade P - Possibilidade V - Volição/Desejo J - Julgamento M - Sentimento X\Y - Nível de existência possível\garantida	Talvez ele venha fazer mais... (Inf. 12) Qui nada, não caia nessa não. (Inf. 08) E não fazê cum que ele saia pio du qui entrô... (Inf. 10) Vamos supor tenha cinco pessoas numa casa... (Inf. 23) É preciso que passe esta felicidade para alguém (Inf. 20) Pode ser qui recupere... (Inf. 06) Boa noite, espero que tenha respondido certo. (Inf. 21) Eu acredito qui seja por isso... do povo (Inf. 07) Eu num gosto qui mi conte , não... (Inf. 17) Eu tenho qui lê uma coisa qui mi interesse... (Inf. 16) Eu tenho qui lê uma coisa qui mi interessa... (Inf. 16)
3-Tipo de conjunção	U - Causal H - Concessiva F - Final L - Condicional T - Temporal R - Não se aplica	... não qui eu tenha deixado de gostá do carnaval, continuo gostano... (Inf.11) Por mais que a criança lhe tire do sério, isso não dá motivo de você... (Inf. 11) Deixa brecha para que ele possa... (Inf. 16) A segurança é importante, agora eu acho assim... desde que seja uma segurança fiel e capacitada. (Inf. 14) Faça isso logo, antes que seja tarde demais.
4-Tipo de estrutura alternativa	I - uso de Infinitivo G - uso de Gerúndio E - uso de Nome abstrato N – construção elíptica Y – construção não prevista na literatura Z - Formas do subjuntivo e do indicativo	Ah, investi , com certeza, investi. (Inf. 14) Dano emprego... educação... (Inf. 03) Eu respeito as pessoas e espero respeito de todas as pessoas. (I09) Em caso de dúvida, nos comunique. Não! Aqui não! Aqui é dele (Não faça aqui não) (Inf. 21)
5- Gênero	F - Feminino M - Masculino	
6- Faixa etária	J - (18 – 30 anos) A - (40 – 50 anos) I - (Acima de 60 anos)	
7- Nível de escolaridade	1- Ensino Fundamental (concluído ou não) 2 - Ensino Médio (concluído ou não)	

Quadro 3: Variáveis dependentes e independentes.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Preliminares

Nesta dissertação, analisa-se, à luz da Teoria variacionista (Labov, 1972), o uso do presente do subjuntivo, na fala de Salvador – BA, tendo em vista a variação entre as formas do presente do subjuntivo e as formas do presente do indicativo, registrada na literatura (Bianchet, Alves Neta, entre outros), partindo da hipótese de que os falantes dessa cidade revelam preferência pelo uso do subjuntivo. Na análise, que utilizou um *corpus* constituído de 716 dados de fala extraídos de entrevistas gravadas (ver exemplos em anexos), foi ainda considerado o fato de que, às duas formas verbais mencionadas, somam-se a estruturas alternativas, também utilizadas na expressão de conteúdos semânticos aos quais, tradicionalmente, é associado o emprego do presente do subjuntivo (Galembeck, 1998 e Nicolau, 2003, 2009 e 2011). As variantes que compõem a variável linguística analisada foram, então, codificadas da seguinte maneira:

∅ = emprego das formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo

1 = emprego das formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo

2 = emprego de estruturas alternativas

Conforme explicitado no capítulo anterior, nessa análise, foi utilizado um *corpus* (que se encontra em **Apêndice**) constituído de 716 dados de fala de Salvador, extraídos de entrevistas gravadas. E esse *corpus* foi submetido a uma análise quantitativa orientada pela

hipótese específica de que a referida variável linguística depende de fatores estruturais (**Tipo de oração, Modalidade do verbo, Tipo de conjunção** (no caso das orações adverbiais) e, **Tipo de estrutura alternativa** (nos casos da variante 2), bem como de fatores não estruturais (**Gênero, Faixa etária e Nível de escolaridade**). A atuação desses fatores é explicitada nas seções seguintes, nas quais são destacados os grupos que se mostraram significativos em relação ao uso de cada uma das variantes consideradas e, também, aqueles fatores apontados como favorecedores, ou não, desse uso. Na medida em que a variável linguística investigada constitui-se de três variantes, a análise quantitativa dos dados foi realizada adotando-se o modelo eneário de variável, cujo ponto de referência para interpretação da atuação de cada fator considerado como relevante em relação ao comportamento da variável é o peso relativo (PR) igual a .33. De acordo com esse modelo, o $PR = .33$ é neutro (isto é, não favorece, nem desfavorece a aplicação da regra variável em estudo), ao passo que: $PR > .33$ favorece a aplicação da regra e $PR < .33$ a desfavorece. Os resultados iniciais da análise, em termos percentuais, são apresentados na Tabela 4, que se encontra na página seguinte:

Grupos	Fatores	Total	Formas do Subjuntivo		Formas do Indicativo		Estruturas Alternativas	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%
1 - Tipo de Oração	Substantiva	175	136	78	4	2	35	20
	Adverbial	180	102	57	8	4	70	39
	Adjetiva	49	42	86	5	10	2	4
	Absoluta	164	109	67	17	10	38	23
	Principal	64	47	73	9	14	8	13
	Coordenada	84	70	83	5	6	9	11
Total		716	506		48		162	
2 – Modalidade do verbo	Incerteza	136	102	75	5	4	29	21
	Volição	94	77	82	2	2	15	16
	Possibilidade	162	86	53	5	3	71	44
	Exist.possível	49	42	86	5	10	2	4
	Ordem	275	199	72	31	11	45	17
Total		716	06		48		162	
3 – Gênero	Feminino	373	265	71	25	7	83	22
	Masculino	343	241	70	23	7	79	23
Total		716	506		48		162	
4- Faixa etária	Jovem	216	159	74	6	3	51	23
	Adulto	246	155	63	21	9	70	28
	Idoso	254	192	76	21	8	41	16
Total		716	506		48		162	
5- Nível de Escolaridade	Fundamental	368	234	64	35	9	99	27
	Médio	348	272	78	13	4	63	18
Total Geral		716	506		48		162	

Tabela 4: Distribuição de uso das três variantes, considerando a atuação dos 16 fatores incluídos nos grupos de fatores pré-estabelecidos.

Os resultados expostos na Tabela 4, que podem ser melhor visualizados no Gráfico 1, a seguir, corroboram os resultados obtidos por Alves Neta – ou seja, mostram que, assim como ocorre no Norte de Minas Gerais, em Salvador, são preferencialmente usadas as formas do subjuntivo – e, portanto, contradizem os resultados obtidos por Bianchet, que apontam uma tendência à mudança, na direção de substituição do subjuntivo por indicativo, no PB (com base na análise de dados da fala mineira).

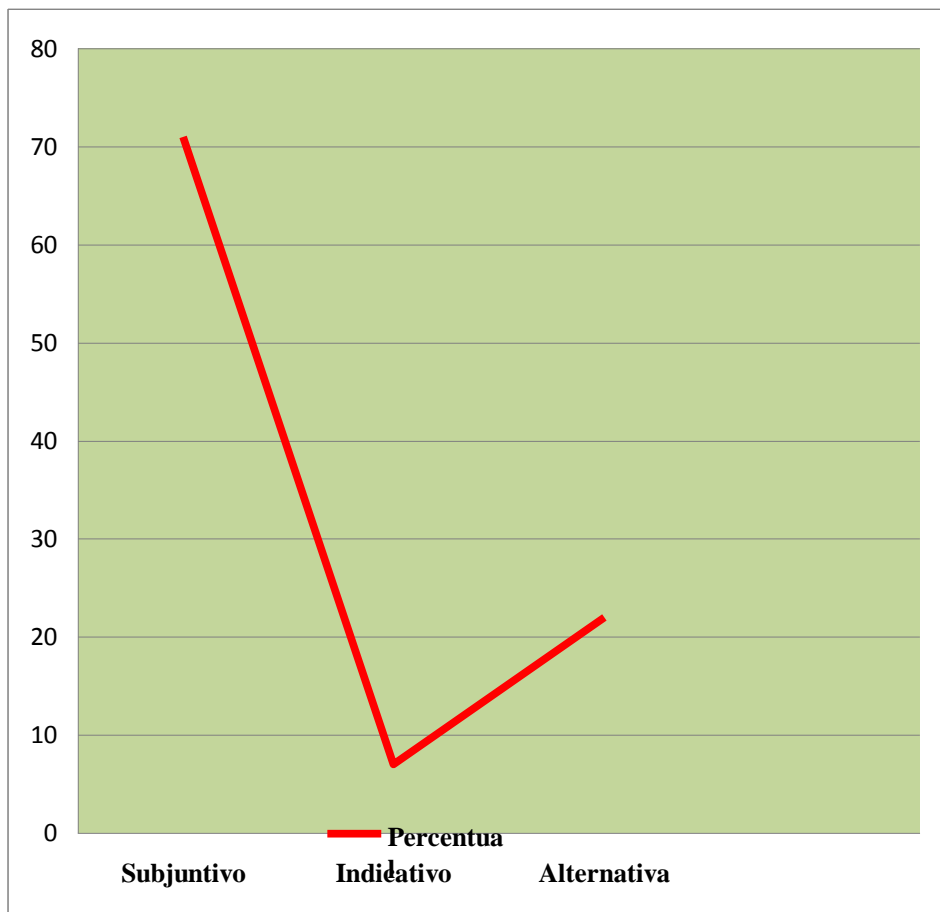


Gráfico 1: Distribuição das ocorrências das variantes analisadas

Nos 716 dados analisados, as três variantes consideradas foram registradas em ambos os Contextos; ou seja, nos 275 Contextos de Imperativo e nos 441 Contextos de Subjuntivo, conforme expressa a Tabela 5:

Contextos	Formas Variantes						
	Total	Formas do Subjuntivo		Formas do Indicativo		Estruturas Alternativas	
		Nº	%	Nº	%	Nº	%
Imperativo	275	199	72	31	11	45	17
Subjuntivo	441	307	70	17	4	117	26
Total	716	506		48		162	

Tabela 5: Ocorrências das três variantes nos Contextos de Imperativo e de Subjuntivo

As relações estabelecidas pelos resultados da Tabela 5 podem ser visualizadas no Gráfico 2, a seguir:

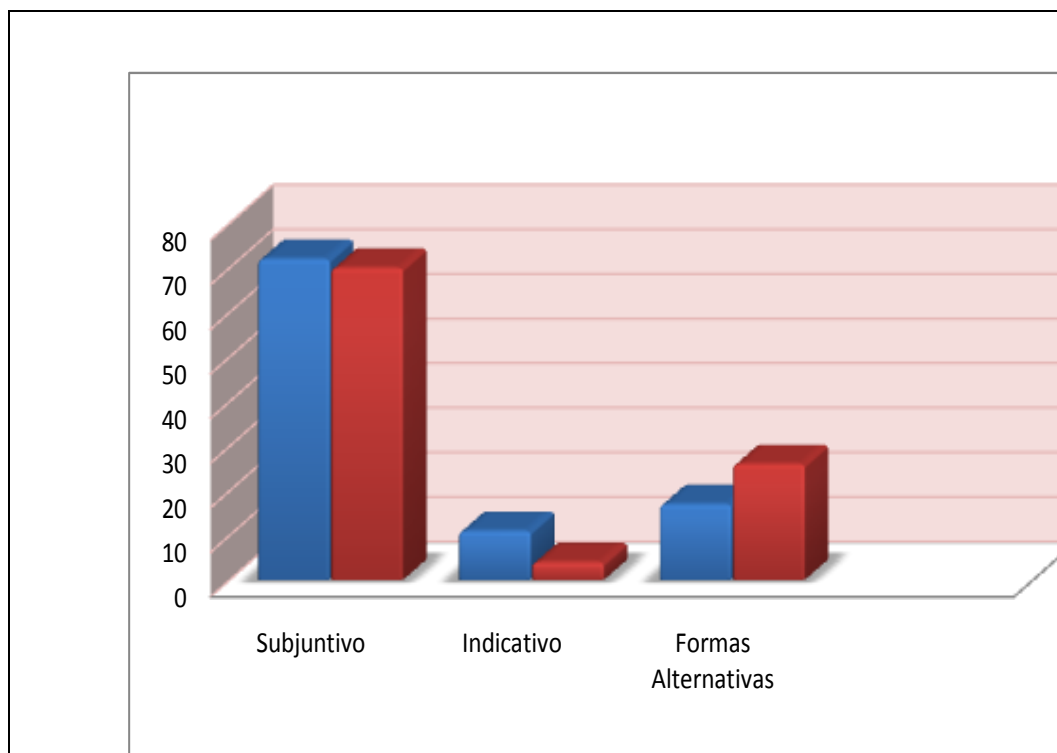


Gráfico 2: Ocorrência das três variantes nos Contextos de Imperativo e de Subjuntivo

O Gráfico 2 mostra o uso preferencial das formas do subjuntivo, tanto em Contexto de Imperativo (72%) quanto em Contexto de Subjuntivo (70%). Esses resultados mostram-se, pois, semelhantes aos encontrados por Alves Neta no que diz respeito à ocorrência do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo nos dados de fala (70%); porém, contrários aos encontrados por essa autora no que diz respeito à ocorrência do subjuntivo em Contexto de Imperativo nesses mesmos dados (12%). De acordo com os percentuais registrados, enquanto, no Norte de Minas, praticamente inexistente subjuntivo em Contexto de Imperativo, em Salvador, a ordem (bem como pedido, ou conselho) ainda é preferencialmente expressa através do uso do subjuntivo; tal preferência é também registrada nos dados de Salvador por Alves (2009) e coaduna-se com o estudo de Scherre *et al* (2007).

Os resultados expressos no Gráfico 2 ainda mostram que as formas não subjuntivas (formas de indicativo e estruturas alternativas) ocorrem em percentuais significativamente inferiores aos das formas do modo subjuntivo: em Contexto de Imperativo,

ocorrem somente em 28% (17% de estruturas alternativas e 11% de formas do indicativo); em Contexto de Subjuntivo, figuram em 30% dos casos (em 26 % de estruturas alternativas e em, apenas, 4% de formas do indicativo). Observa-se, então, que, em Salvador, quando as formas do subjuntivo (que são preferenciais) não são usadas, são substituídas mais pelas estruturas alternativas do que pelas formas do indicativo; enfim, na comunidade estudada, não há indício de substituição das formas do subjuntivo por formas do indicativo. Esse fato, portanto, contraria os resultados de Alves Neta e de Scherre *et al* que mostram, respectivamente, o uso categórico ou quase categórico de formas do indicativo em Contexto de Imperativo, assim como os resultados de Bianchet, Galembeck, Pimpão e Fagundes, que mostram a preferência de falantes do PB por formas do indicativo em Contexto de Subjuntivo na região sudeste.

Tendo-se em vista a expressiva preferência do subjuntivo na comunidade em estudo (já registrada na literatura) tanto em Contexto de Imperativo quanto em Contexto de Subjuntivo, decidiu-se por analisar, separadamente, o uso das variantes nesses dois Contextos, considerando-se a frequência e a atuação dos fatores. Assim os fatores do Grupo Modalidade serviram de base para o refinamento da análise considerando dois subconjuntos de dados: um subconjunto constituído das variantes registradas em Contexto de Imperativo (no qual se expressa: ordem, pedido, conselho) e um subconjunto constituído das variantes registradas em Contexto de Subjuntivo (no qual se expressa: incerteza, volição, possibilidade, existência possível). Os resultados obtidos através desse refinamento serão apresentados nas seções 4.2 e 4.3, a seguir, em que o comportamento da variável linguística será, portanto, observado no Contexto de Imperativo e no Contexto de Subjuntivo, respectivamente.

4.2 Das formas empregadas em Contexto de Imperativo

Conforme mostram os resultados da Tabela 5, que por questão de ordem prática está exibida na Tabela 6, abaixo, as construções imperativas registradas em 275 dos dados analisados apresentam a seguinte distribuição: 199 estruturas contendo formas do subjuntivo, como no exemplo (100); 31 contendo formas do indicativo, como em (101) e 45 casos de estruturas alternativas, como em (102):

Total	Formas do Subjuntivo		Formas do Indicativo		Estruturas Alternativas	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
275	199	72	31	11	45	17

Tabela 6: Ocorrências das três variantes em Contextos de Imperativo

(100) Não vá chorá não, viu!?! (Inf. 05)

(101) Abre ele numa bandeja pra qui não venha... a ficá ligado um com o outro... (Inf. 20)

(102) Epa! pará aí! (Inf. 18)

A relação entre as diversas formas que ocorrem em Contexto de Imperativo pode ser visualizada no Gráfico 3, a seguir:

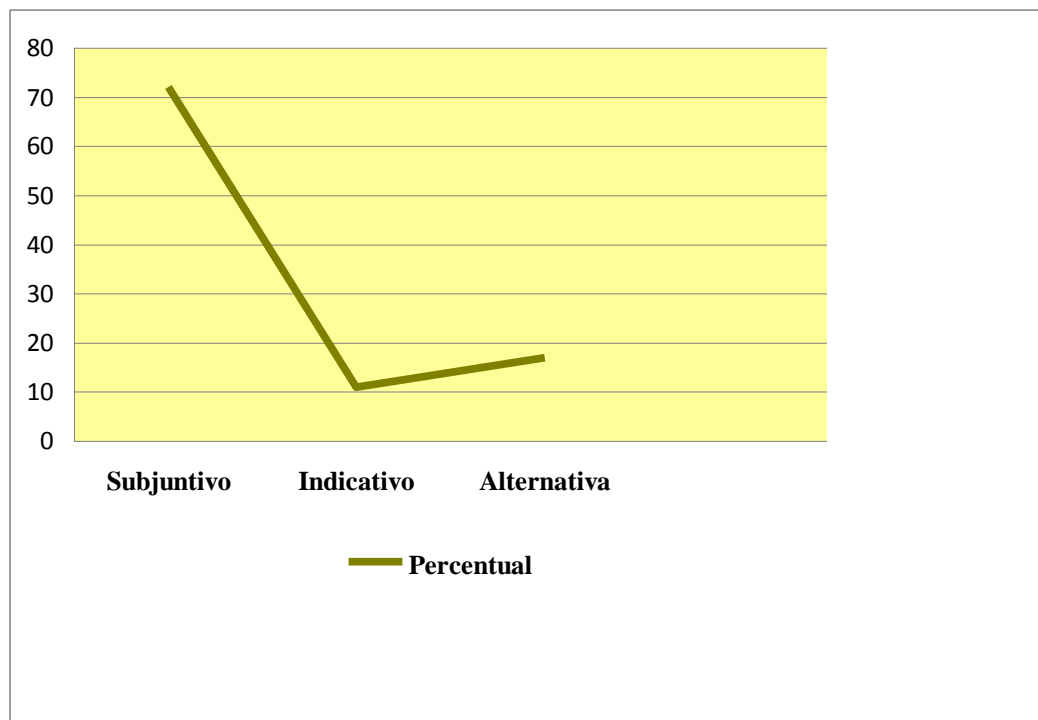


Gráfico 3: Ocorrência das três variantes em Contexto de Imperativo

Esses resultados exibidos no Gráfico acima mostram claramente que, na fala de Salvador, as formas do subjuntivo continuam sendo as preferidas no Contexto de Imperativo. Os percentuais de uso de tais formas vão, portanto, de encontro aos resultados apresentados por Alves Neta. Ao observar a frequência das formas do indicativo, em que se espera formas homônimas às do subjuntivo, a autora registrou 88% de ocorrências no *corpus* que analisou (dados de fala de Januária); essa preferência aponta mais uma oposição entre a fala baiana e a fala mineira. O mesmo não pode ser dito em relação aos resultados apresentados por:

A - Alves (2009) que, em seu estudo sobre as formas de subjuntivo em Contexto de Imperativo na fala de Salvador, coincidentemente registrou 72% de casos dessas formas, ao lado de apenas 28% de formas do indicativo nesse Contexto.

B - Scherre *et al* (2007), cujo resultado mostra que a alternância entre as formas indicativas e subjuntivas em Contexto de Imperativo, no PB, traduz-se como um “marcador

geográfico”: nas regiões Sudeste e Centro-oeste, neste contexto, predomina a preferência de uso das formas do indicativo, ao passo que, na região nordeste, predomina o uso das formas do modo subjuntivo (imperativo supletivo):

Estudos com dados de fala das regiões Sudeste e Centro-oeste evidenciam que o percentual médio global de uso do imperativo verdadeiro (olha, abre, faz) na fala espontânea é da ordem de 90% (cf.: Rodrigues 1993; Moraes 1994; Scherre *et al* 1998; Neta 2000; Ferreira e Alves 2001; Silva 2003; Lima 2005; Sampaio 2004). Já na região Nordeste, os estudos indicam que esse uso é da ordem máxima de 50%, na fala de Recife, mas pode chegar a cerca de 30% em Salvador, em João Pessoa e em Fortaleza, onde então predomina o imperativo supletivo (olhe, abra, faça) com uma incidência perto de 70% dos casos (cf.: Sampaio 2001; Alves 2001; Jesus 2006; Cardoso em preparação). Na região Sul, há evidência de predominância de imperativo verdadeiro em Florianópolis (100%) e de imperativo supletivo em Lages (79%), duas cidades do estado de Santa Catarina (Bonfá, Pinto e Luiz 1997). (SCHERRE *et al*, 2007, p. 195).

Essa preferência pela conservação das formas do subjuntivo na região nordeste já foi sinalizada, anteriormente, por Marroquim:

Não há no nordeste o horror ao subjuntivo que Antenor Nascentes verificou na pronúncia popular carioca [Rio de Janeiro]. O imperativo negativo, aqui, por exemplo, é feito regularmente com o subjuntivo e não com o indicativo, como no Rio. Diz-se assim: **não faça isso, menino; não chore.** (MARROQUIM, 1945, p. 212).

Os resultados relativos à ocorrência das formas do subjuntivo em Contexto de Imperativo, tendo-se em vista os diversos fatores considerados, por hipótese, como relevantes para a explicação do comportamento da variável em estudo, são apresentados na Tabela 7, a

seguir (na qual, o peso relativo (doravante PR) expressa a influência, ou não, de cada um dos fatores de cada grupo considerado na análise), e comentados nas subseções que a seguem.

Grupos¹⁵	Fatores	Total de casos	Formas do Subjuntivo	%	PR
1-Tipo de oração	Subordinada	8	2	25	.18
	Absoluta	140	97	69	.25
	Principal	57	42	74	.43
	Coordenada	70	58	83	.38
2 - Gênero	Feminino	116	85	73	.29
	Masculino	159	114	72	.36
3 -Faixa etária	Jovem	78	58	75	.37
	Adulto	106	71	67	.23
	Idoso	91	70	77	.39
4- Nível de escolaridade	Fundamental	154	98	81	.26
	Médio	121	101	66	.39

Tabela 7: Ocorrências de subjuntivo em Contexto de Imperativo

4.2.1 Contexto de Imperativo: a Influência dos fatores estruturais

Nesta seção, serão interpretados os resultados exibidos na Tabela 8, focalizando especificamente a atuação do grupo de fatores estruturais (**Tipo de oração**) em relação à ocorrência de formas do subjuntivo em Contexto de Imperativo.

¹⁵ O grupo de fatores modalidade foi excluído dessa rodada na análise quantitativa pelo fato de o imperativo, corresponder a uma das modalidades inicialmente consideradas (ou seja, a modalidade ordem)

Atentando, então, para a **variável Tipo de oração**, os resultados expressos na Tabela 8, a seguir, mostram que, nos dados de fala de Salvador, as formas do presente do subjuntivo em Contexto de Imperativo praticamente não ocorrem nas *orações subordinadas*.

Tipo de Oração	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas Alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Subord.	8	2	25	.18	1	12	.32	5	63	.49
Absol.	140	97	69	.25	17	12	.25	26	19	.49
Princ.	57	42	74	.43	8	14	.48	7	12	.07
Coord.	70	58	83	.38	5	7	.19	7	10	.42
Total	275	199			31			45		

Tabela 8: Ocorrências das três variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores **Tipo de oração**

Como se pode notar, os resultados evidenciam que, em termos percentuais, as formas do subjuntivo apresentam altos índices de ocorrências nas *orações coordenada* (83%), *principal* (74%) e *absoluta* (69%). Essas orações podem ser assim exemplificadas:

A - Orações coordenadas:

(103) **Vá lá e mostre** a cara... **fale** o que tem de falar... (Inf. 08)

(104) **Pega, abre** ele numa bandeja pra que num fique ligado um com o outro. (Inf. 04)

(105) **Explicá** isso mais, **botá** mais detalhadamente... (Inf. 06)

B - Orações principais:

(106) **Dance** seu forró ali na paz pra qui não haja violência. (Inf. 04)

(107) **Olha** o que aconteceu com a Varig! (Inf. 23)

(108) Ei, num adianta você **temá!**... qui num vai consegui. (Inf. 18)

C - Orações absolutas:

(109) **Veja** aí certos caos, né...? (Inf. 13)

(110) Num **joga** praga não! (Inf. 18)

(111) **Melhorá...** emprego e segurança. (Inf. 20)

Essas relações mostram, portanto, que: em Salvador, os vários tipos de oração, com exceção da *subordinada*, favorecem o emprego do subjuntivo em Contexto de Imperativo; na fala mineira, porém, é encontrada uma tendência inversa, ou seja, em quase todos os tipos de oração, foi registrada maior frequência do indicativo nesse Contexto (*principal*= 100%, *absoluta*= 93% e *coordenada* = 74%). Considerando, no entanto, o Peso Relativo, verifica-se que o emprego das formas do presente do subjuntivo no referido Contexto é favorecido, apenas, pelas *orações principal* (PR= .43) e *coordenada* (PR= .38). As estruturas alternativas são favorecidas pela *oração absoluta* (PR= .49) e, também, pelas *orações subordinada* (PR= .49) e *coordenada* (PR= .42); as formas do indicativo são favorecidas pela *oração principal* (PR= .48).

A referida tendência, encontrada em Salvador, já foi registrada por Scherre, Scherre *et al* e Alves, de acordo com as quais a alternância de subjuntivo e indicativo em Contexto de Imperativo pode estar atrelada à polaridade da estrutura. Para esses autores¹⁶, as estruturas do imperativo caracterizadas pela polaridade negativa favorecem as formas do subjuntivo (como em (112a), ao passo que as de polaridade afirmativa favorecem as formas do indicativo, como em (112b):

¹⁶ Para Scherre *et al* (2007), são muitos os fatores que controlam a variação do imperativo; dentre eles, destaca, além do grau da natureza negativa ou afirmativa da oração, o efeito do tipo de pronome, da posição e da pessoa do pronome átono, do tipo de conjugação e de oposição verbal, do paralelismo fônico e do paralelismo discursivo.

(112)a - Polaridade negativa: Não se **desespere**. (Inf. 06)

b - Polaridade afirmativa: **Entrega** ali, fulano. (Inf. 12)

Scherre *et al* ressaltam que, no PB, essa relação não é categórica, visto que, no Contexto de Imperativo ocorrem formas dos dois modos (subjuntivo e indicativo em estruturas de polaridade negativa). Alves observa que, em Salvador, embora seja possível encontrar formas do modo indicativo em estruturas de polaridade negativa, esses ambientes favorecem a ocorrência de formas do subjuntivo.

Conforme atestam os resultados anteriormente apresentados, os dados aqui analisados apontam nessa mesma direção: as formas do subjuntivo são favorecidas pelas estruturas de polaridade negativa, enquanto as do indicativo pelas estruturas de polaridade afirmativa. Todavia, cabe ressaltar que:

(a) esses dados revelam maior preferência pelas formas do subjuntivo, independente do grau da polaridade das estruturas em que ocorrem;

(b) nesses dados, a polaridade afirmativa não inviabiliza nem “intimida” o uso das formas do subjuntivo em Contexto de Imperativo, como nestes exemplos:

(113) Rapaiz eu casei, mais **pense** numa coisa... **não case** não rapaiz, **pegue** suas gatinha aqui e acolá e **não case nunca**... (Inf. 08)

(114) **Vá** na paz (Inf. 11)

(115) Então **tome** aqui a faca, **vá** cortar ali ó... **fique** aqui, **tome** conta do animal... se precisá de dinheiro, **tome** na mão da esposa, viu? (Inf. 21)

No que se refere às estruturas alternativas em Contexto de Imperativo, essa variante foi registrada em 17% dos dados analisados (275 ocorrências encontradas, como já

mostrado pelo Gráfico 2). Essas ocorrências foram distribuídas entre estruturas com *formas infinitivas* e *não infinitivas*, tal como expressa a Tabela 9:

Tipo de Estrutura	Nº	%	PR
Com forma infinitiva	39	85	.99
Com forma não infinitiva	6	15	.01
Total	45		

Tabela 9: Ocorrências do **Tipo de estrutura alternativa** em Contexto de Imperativo.

Os dados da Tabela 9 mostram que as estruturas alternativas com formas *infinitivas* foram quase categoricamente as escolhidas pelos falantes no Contexto de Imperativo, como no exemplo em (116):

(116) Não... não **menti** os problemas... não... não **alisá**... **passá** a mão na cabeça... (Inf. 06)¹⁷

As *formas não infinitivas* ocorreram em um número bastante reduzido (apenas 6 casos) e associaram-se a um PR (peso relativo) que revela alto desfavorecimento de sua ocorrência nas alternativas. Nesse contexto, ao lado de estruturas alternativas com *formas infinitivas*, foram registradas: estruturas alternativas com *formas gerundivas*, como em (117) e (118), e também, *estruturas não previstas pela literatura*, como em (119):

A - Gerundivas¹⁸:

(117) Eu digo: *brincá, agora não; agora é estudá. Estudano, mininos!* (Inf. 15)

¹⁷ Essas estruturas de (116) correspondem à seguinte construção: ‘não minta, não alise, não passe a mão pela cabeça...’ esperada pela entrevistadora ao perguntar qual conselho que ele daria aos pais para criar seus filhos.

¹⁸ As estruturas gerundivas de (117) e de (118) correspondem a:

(117’) Eu digo:- Não **brinquem** agora. **Estudem**, meninos!!! **Estudem** agora!

(118’) Mas **voitemos** ao assunto... **voitemos**... você vê... na palavra de Deus tem falano assim...

(118) Mas **voltano... voltano...** você vê... na palavra de Deus tem falano assim... (Inf. 8)

B - Estruturas não previstas pela literatura¹⁹:

(119) O delegado foi lá pra tirá. O delegado disse: **Não! Aqui não. Aqui é dele...** ele que comprou. **E pra que essa cerca aí? Não... sua cerca é lá.** (Inf. 21)

Em síntese, a análise dos dados atestou números significativos de estruturas alternativas (sendo usadas preferencialmente aquelas que contêm as formas *infinitivas*) ao lado das formas do subjuntivo em Contexto de Imperativo.

4.2.2 Contexto de Imperativo: influência dos fatores não estruturais

Os índices de ocorrência sinalizaram uso expressivo do subjuntivo associado ao grupo de fatores **Gênero**, tanto a falantes do gênero *feminino* quanto a falantes do gênero *masculino*, conforme expressa a Tabela 10, a seguir:

Gênero	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas Alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Feminino	116	85	73	.29	13	11	.28	18	16	.42
Masculino	159	114	72	.36	18	11	.38	27	17	.25
Total	275	199			31			45		

Tabela 10: Ocorrências das três variantes em Contexto de Imperativo, segundo grupo de fatores **Gênero**

¹⁹(119') O delegado foi lá pra tirá. O delegado disse: **tire a cerca daí. Não faça cerca aqui.** Aqui é dele... ele que comprou. E pra que essa cerca aí? Não... **faça** sua cerca lá.

Através do Gráfico 4, pode ser melhor visualizada a atuação desse grupo de fatores no uso das variantes investigadas:

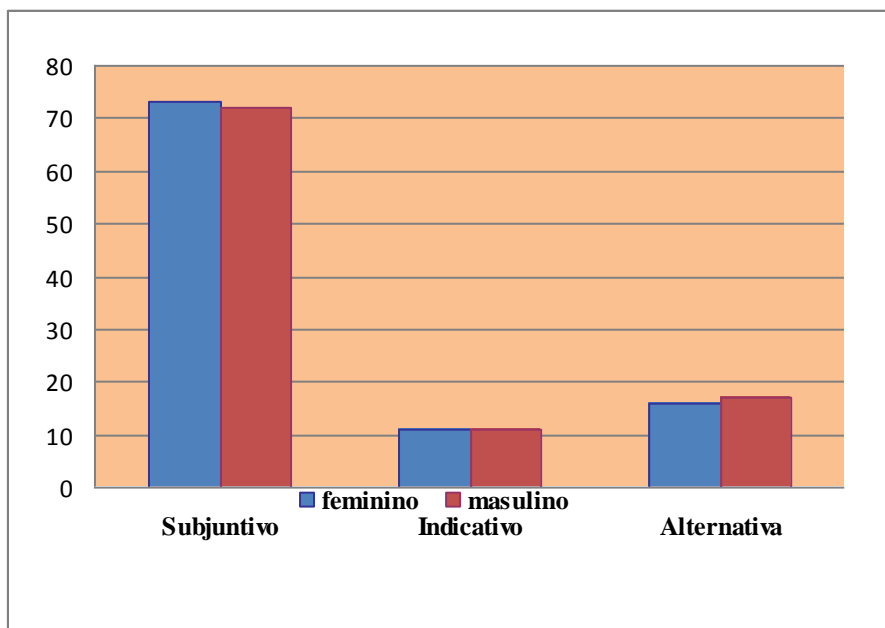


Gráfico 4: Influência das variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores **Gênero**

É interessante notar que, em relação à atuação do gênero na ocorrência das três variantes no Contexto de Imperativo, os fatores desse grupo (*feminino* e *masculino*) associam-se a percentuais muito próximos de uso de cada variante. O total de 116 estruturas produzidas pelas *mulheres* inclui 73% de formas do presente do subjuntivo; as 159 estruturas produzidas pelos *homens* incluem 72% dessas mesmas formas. Nas demais variantes, os percentuais de ocorrências das formas do indicativo mostram-se ainda mais baixos: foram registrados em apenas 11% dos Contextos de Imperativo, tanto na fala das *mulheres*, quanto na fala dos *homens*; as estruturas alternativas foram registradas em 16% na fala das *mulheres* e, em 17%, na dos *homens*.

Tal como mostra Tabela 10, aos fatores do grupo **Gênero**, nas formas do subjuntivo foram atribuídos os seguintes PRs: *masculino* PR=. 36 e *feminino* PR= .29; nas formas do indicativo, *masculino* PR=.38 e *feminino* PR=.28; nas estruturas alternativas, *feminino* PR=.42 e, *masculino* PR=.25. É, pois, notória a incoerência entre esses PRs e os percentuais associados a cada fator. Assim sendo, o que se pode afirmar seguramente é, apenas, que, no Contexto de Imperativo, o emprego das formas do presente do subjuntivo prevalece sobre o emprego das demais variantes.

No que diz respeito a essa incoerência registrada nos resultados obtidos, cabe esclarecer que, segundo Guy e Zilles (2007), fatos como esses são possíveis de ocorrer em análises quantitativas sociolinguísticas e chamam a atenção para a complexidade da interpretação de resultados numéricos. Tal interpretação, de acordo com os autores, deve considerar os princípios estatísticos e depende, principalmente, das teorias sociais e linguísticas que serviram de base para a concepção da pesquisa, definição de hipóteses, das variantes que compõem a variável dependente, dos grupos de fatores, etc. E esses autores esclarecem que: a) os percentuais mostram a frequência de ocorrências das variantes nos contextos examinados, resultando de um cálculo univariado, ou seja, “não levam em conta, simultaneamente, a distribuição dos dados em relação a outros grupos de fatores”, enquanto os pesos relativos calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral das ocorrências das variantes resultando de uma análise multivariada; b) em casos de incoerência, é aconselhável considerar mais os valores atribuídos aos pesos relativos do que aos percentuais porque são os pesos que fornecem uma avaliação mais precisa dos efeitos dos fatores sobre os dados.

Considerando o grupo de fatores **Faixa etária**, a Tabela 11, a seguir, mostra que, no Contexto de Imperativo, são, também, as formas do presente do subjuntivo que lideram nas três faixas controladas. Quanto às demais variantes consideradas, as formas do indicativo

ocorrem pouco frequentemente em todas as faixas etárias, e as estruturas alternativas (cujo número de ocorrências supera o número das formas do indicativo) ocorrem em percentual muito baixo apenas entre os idosos:

Faixa Etária	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas Alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Jovem	78	58	75	.37	5	6	.35	15	19	.27
Adulto	106	71	67	.23	12	11	.27	23	22	.49
Idoso	91	70	77	.39	14	15	.34	7	8	.25
Total	275	199			31			45		

Tabela 11: Ocorrências das três variantes no Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores **Faixa etária**

De acordo com os resultados expostos na Tabela 11, *idoso* e *jovem* são fatores que favorecem as formas do subjuntivo, sendo associados, respectivamente, a $PR = .39$ ²⁰ e a $PR = .37$. Estranhamente de igual maneira, esses dois fatores favorecem também as formas do presente do indicativo: *jovem* ($PR = .35$) e *idoso* ($PR = .34$); tal estranheza, somada à incoerência entre esses PRs e os percentuais a eles correspondentes, deixa claro que os resultados não podem ser interpretados como reveladores de favorecimento das formas do indicativo. Apenas o fator *adulto* é apontado como favorecedor – e altamente ($PR = .49$) – das estruturas alternativas. Cabe observar que esses resultados, de certa forma, contrariam os de Alves Neta, que apontaram os idosos (a geração 3 = *falantes acima de 45*) como principais favorecedores do emprego das formas do indicativo no Contexto de Subjuntivo. E vale acrescentar que os resultados aqui encontrados sinalizam um padrão contrário ao que,

²⁰ Curiosamente, o grupo de fatores *Faixa etária adulto*, embora tenha também apresentado um alto percentual das formas do subjuntivo (67%) não é apontada como favorecedora dessas formas ($PR = .23$).

segundo Labov, constitui evidência de mudança em progresso, pois tais resultados não revelam relação entre Faixa etária e uso das formas do indicativo (que corresponde à variante inovadora), o que pode ser visualizado no Gráfico 5:

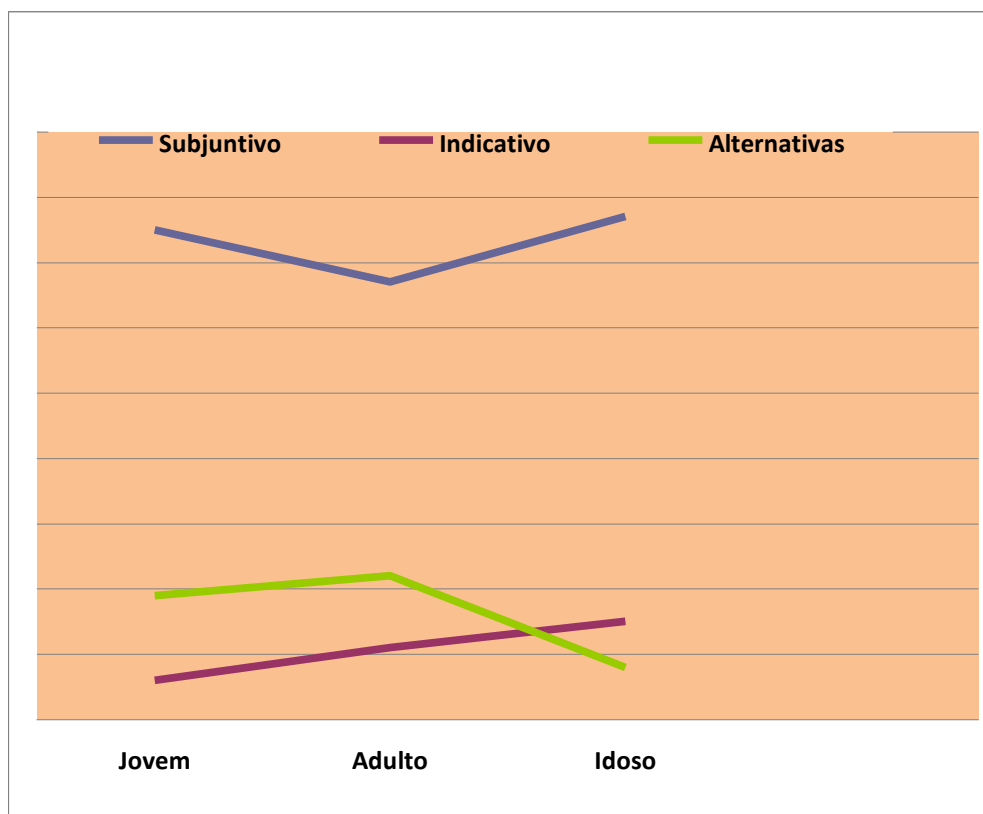


Gráfico 5: Influência das variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores **Faixa etária**

O Gráfico 5, acima, permite perceber um fato interessante revelado nesses resultados: as formas do subjuntivo ocorrem em percentuais muito próximos na fala dos jovens e dos idosos, apresentando um decréscimo na faixa dos adultos. Em outras palavras, os idosos realizam um alto percentual de uso das referidas formas, o que decresce na fala dos adultos e depois, é retomado pelos jovens. A explicação para esse fato aponta para a seguinte hipótese: tais resultados estão associados ao efeito da atuação da escola na vida desses falantes, o que, talvez, resulte de essas três gerações diferentes terem vivenciado experiências

de escolarização em momentos diferentes (nos quais foram utilizados diferentes métodos de alfabetização), associados à formação dos professores e a postura pedagógica adotada, bem como aos objetivos da escola (que prioriza a norma culta) ao acesso à leitura, à escrita e aos meios de comunicação (os jovens têm acesso a diferentes meios de difusão da comunicação e a diferentes contextos sociais). Os idosos fazem parte de uma geração que vivenciou uma escolarização mais rígida, que compreendia a alfabetização como um processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, destacando um estudo rigoroso da gramática tradicional; os adultos, de uma geração em que as escolas estavam passando por um processo de democratização, contemplado por um processo educativo menos rígido e com menos atenção ao ensino da leitura (muitas vezes em decorrência da grande admissão de professores leigos, para atender a demanda dessa democratização); os jovens, diferentemente, integram uma geração com acesso às escolas que passaram a ter um quadro docente um pouco mais qualificado (com números mais reduzidos de professores leigos) nas quais o processo de leitura passou a ser um dos principais focos; enfim, esses alunos convivem mais com a leitura e a escrita, a utilização de maior variedade de recursos didáticos; acesso a um ensino menos rígido da gramática normativa; provavelmente, passam mais tempo na escola do que os falantes da Faixa etária adulta. Além desses fatores, podem constituir possíveis favorecimentos desses resultados: os diferentes estilos de vida desses diferentes grupos de informantes, as atividades profissionais desenvolvidas e a diferença quanto ao acesso a recursos tecnológicos mais presentes na vida do grupo jovem.

Ao examinar a atuação do grupo de fatores **Nível de escolaridade**, nota-se que as formas do subjuntivo são as preferidas pelos informantes de ambos os níveis: as formas do subjuntivo foram registradas em 66% do total de 154 estruturas produzidas pelos informantes do *Ensino Fundamental* e, em 81%, do total de 121 estruturas produzidas pelos informantes do *Ensino Médio*. Quanto às outras variantes, também em ambos os grupos de falantes

distintos pelo Nível de escolaridade, observa-se maior frequência das estruturas alternativas do que das formas do indicativo: 19% no Ensino *Fundamental* e de 12% no *Ensino Médio*. Enfim, as formas do indicativo ocorrem em 15% das estruturas produzidas pelos falantes do *Ensino Fundamental* e em, apenas, 7% das estruturas produzidas pelos falantes do *Ensino Médio*. Esses resultados podem ser vistos na Tabela 12:

Nível de escolaridade	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas Alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Fundamental	154	101	66	.27	23	15	.46	30	19	.27
Médio	121	98	81	.39	8	7	.22	15	12	.38
Total	275	199			31			45		

Tabela 12: Ocorrências das três variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores **Nível de escolaridade**

Atentando para o PR atribuído a cada fator do grupo **Nível de escolaridade** na Tabela 12, pode-se observar que: o *Ensino Fundamental* favorece fortemente o uso das formas do indicativo (PR = .46); o *Ensino Médio* favorece moderadamente o emprego das formas do subjuntivo (PR= .39), assim como as estruturas alternativas (PR= .38). Entende-se que esse fato esteja atrelado à atuação da escola, ou seja, a sua grande influência na escolha do emprego das formas socialmente valorizadas: formas do subjuntivo e estruturas alternativas.

A alta frequência das formas do subjuntivo na fala de informantes do *Ensino Médio* não se mostrou surpreendente, visto que a preferência por essas formas (que constituem a variante padrão) associada ao grau de escolaridade do falante já se encontra registrada no estudo de Alves Neta, cujos resultados apontam que: quanto maior o grau de escolaridade do falante, maior será a tendência ao uso do subjuntivo. Cabe ressaltar, no

entanto, que essa preferência não se configura como uma regra no PB. Alves (2009)²¹, por exemplo, comprova que, em Contexto de Imperativo, falantes de escolaridade mais elevada usam mais frequentemente as formas do indicativo.

Os resultados permitem afirmar que o emprego de formas do presente do subjuntivo, no Contexto analisado, é uma “peculiaridade” do falante baiano, assim como também já confirmado em Alves e assim como defendem Scherre *et al* ao estimarem a predominância das formas “imperativas supletivas” em Salvador e demais regiões nordestinas.

As relações entre os resultados obtidos para a influência do grupo de fatores **Nível escolaridade** sobre o uso das variantes no Contexto de Imperativo em Salvador estão representadas no Gráfico 6:

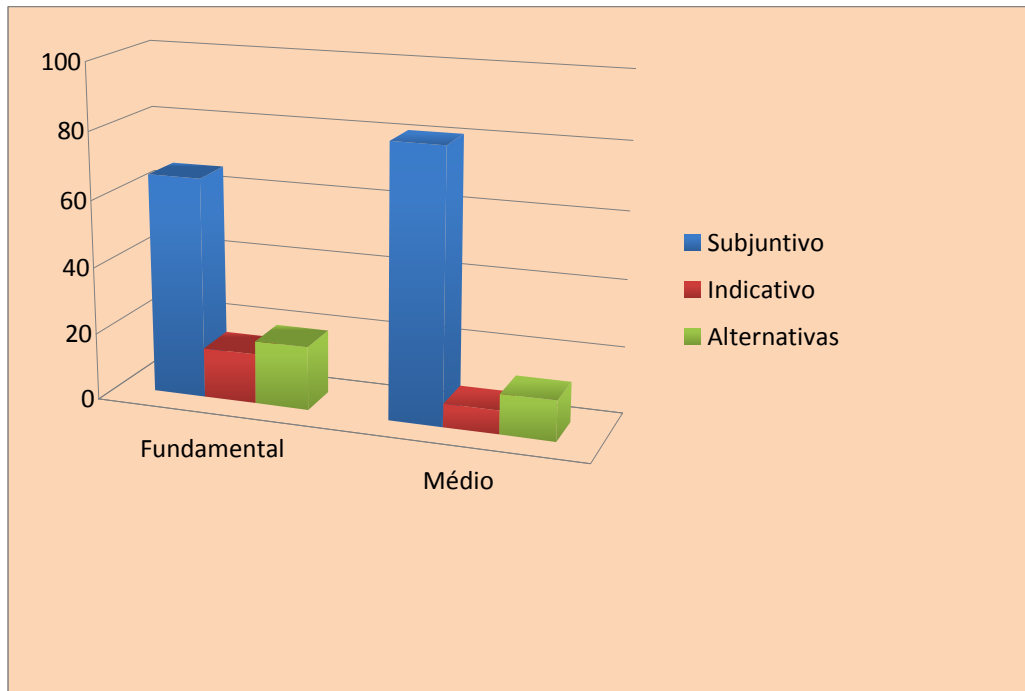


Gráfico 6: Influência das variantes em Contexto de Imperativo, segundo o grupo de fatores **Nível de escolaridade**

²¹ Alves (2009) observa, por exemplo, que, na comunidade de Salvador, os falantes com escolaridade universitária e primária favorecem mais o uso das formas do indicativo em Contexto de Imperativo.

Por fim, infere-se que o emprego das formas do presente do subjuntivo em Contexto de Imperativo ainda prevalece na comunidade de Salvador e, que, quando os falantes não as utilizam, fazem uso preferencialmente de estruturas alternativas. Dentre os fatores estruturais que atuam a seu favor destacam-se os seguintes fatores: *orações principal e coordenada*. No que concerne à atuação dos fatores não estruturais, destacam-se os grupos: *jovem, idoso, masculino, e escolaridade média*.

4.3 Das formas empregadas em Contexto de Subjuntivo

Nesta seção, serão tratados os casos em que se prevê o uso de formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo na fala de Salvador, com a finalidade de avaliar os principais fatores que condicionam o emprego dessas construções em tal Contexto.

Com base nos resultados qualitativos, verifica-se que, os contextos em que se espera o emprego de formas do presente do subjuntivo foram registrados em 441 dos 716 dados que constituíram o *corpus* analisado, conforme mostra a Tabela 13:

Contextos de Subjuntivo						
Total	Formas do Subjuntivo		Formas do Indicativo		Estruturas Alternativas	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
441	307	70	17	4	117	26

Tabela 13: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo

Os números contidos na Tabela 13 demonstram que, no Contexto de Subjuntivo, as 441 construções produzidas foram distribuídas da seguinte maneira: 70% com formas do presente do subjuntivo, 26 % com estruturas alternativas e apenas 4% com formas do presente do indicativo. O Gráfico 7, a seguir, permite melhor visualização desses resultados:

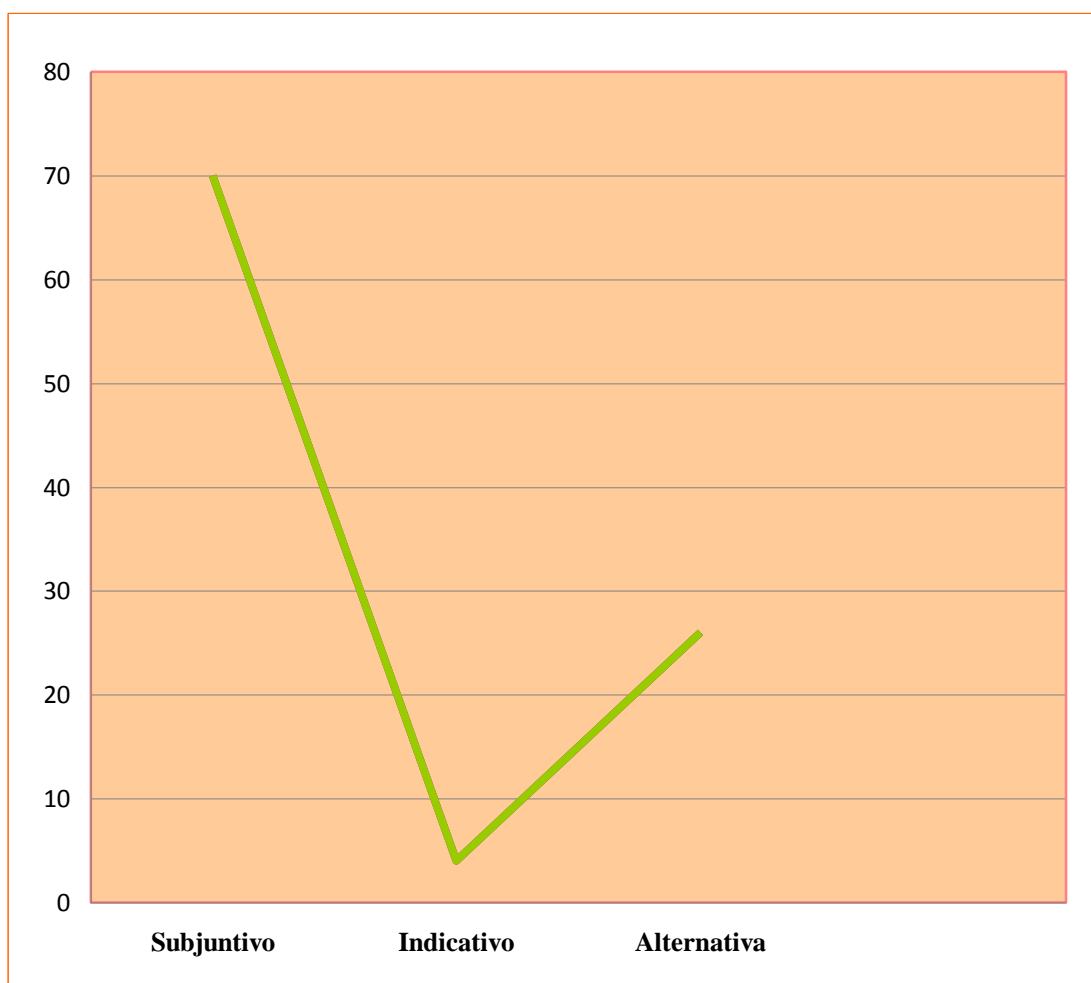


Gráfico 7: Ocorrência das três variantes em Contexto de Subjuntivo.

O Gráfico, acima, expressa, nitidamente, a liderança do emprego da variante conservadora sobre as demais estudadas, como também o emprego preferencial de estruturas alternativas em detrimento das formas do indicativo. Ao comparar os percentuais associados às formas do subjuntivo e os percentuais associados às formas do indicativo nesse Contexto,

observa-se que a diferença de uso entre ambas é inexpressiva, evidenciando, portanto, que as formas do indicativo se configuram como a variante pouquíssima utilizada, o que talvez se explique por ser de baixo prestígio na comunidade pesquisada. É válido esclarecer que esse índice de frequência encontrado no modo indicativo poderia ainda ser menor, haja vista que, a maioria das construções realizadas com formas do indicativo pertence à classe das orações relativas. Ou seja, em caso nos quais pode não se configurar um caso de variação, mas apenas possibilidades de escolha entre os modos subjuntivo e indicativo, admitida, inclusive, pela GT. Assim, construções do tipo de (120) e de (121) podem não pedir, necessariamente, um verbo que expresse incerteza, uma vez que, podem ser interpretadas como expressando uma noção de existência garantida:

(120) Mais precisa de tê uma pessoa assim **qui vai valê a pena pras pessoas** qui... menus favorecida. (Inf. 10)

(121) (...) uma coisa **qui eu gostu muito de fazê**, entendeu? (Inf. 20)

De acordo com Said Ali, nessas circunstâncias, o verbo da oração subordinada só será empregado no subjuntivo se esta oração não expressar uma negação ou dúvida da existência das pessoas ou coisas indefinidas.

Os resultados apontados na análise refutam os dados de Bianchet, Alves Neta e Pimpão, os quais atestam latente tendência de uso de formas do indicativo por formas do subjuntivo em determinadas regiões brasileiras. Todavia, esses resultados relativos à fala de Salvador apontam semelhança aos resultados apresentados por Fagundes em sua análise nas cidades paranaenses (Curitiba, Londrina, Pato Branco e Irati); além disso, fazem lembrar as corroborações de Galembeck ao mostrar a preferência de emprego do modo subjuntivo pelo falante baiano em detrimento aos falantes das capitais carioca e paulista, como também de Marroquim e Scherre ao afirmarem que o falante nordestino tende a preservar o referido modo.

Esses resultados, em comum, fazem perceber o quanto o emprego das formas do subjuntivo são predominantes no falar baiano. Isso, quem sabe, explica o fato da sua presença categórica em construções do tipo em (122) no material coletado. Vale acrescentar que essas construções não foram inclusas no *corpus* por tratarem de sentenças cristalizadas, cujas formas da variante padrão são registradas em 100%, não coocorrendo, portanto, com as demais variantes estudadas.

(122) a - Deus me **livre!** (Inf. 12)

b - Deus qui me **perdoe!** (Inf. 17)

c - Deus te **acompanhe!** (Inf. 19)

d - Deus qui me **defenda!** (Inf. 21)

Essas construções são frases prontas, tais como os exemplos em (123 – 125) abaixo, geralmente, muito utilizadas pelo baiano para desejar algo a alguém (como os exemplos em (122)) mostrar a força da veracidade de algo que defende ou, normalmente, se nega a fazer (como em (123) e (124)) ou, mesmo, como forma de agradecimento a alguém pelos bons votos que lhe são endereçados, (como em (125)).

(123) Eu! Quem vai lá, eu? ... vou nada... **Deus qui mim defenda!** (Inf. 21)

(124) **Deus qui me livre!** (Inf. 19)

(125) (**Entrevistador**) Está ótima. To gostando... muito bom. A senhora que é uma pessoa feliz, deixe uma mensagem para essas pessoas... pra que elas também venham a ser felizes...

(**Informante**) **Graças a Deus, ixatamente, assim seja.** (Inf. 17)

O propósito da exclusão desse tipo de construção²² foi, portanto, garantir a confiabilidade da análise, visto que, um dos principais objetivos dessa pesquisa é mostrar que a opção de uso das formas do subjuntivo, por parte do falante soteropolitano, ocorre, naturalmente, conforme a tradição gramatical.

Os dados da Tabela 13 mostram, ainda, que, além da ocorrência de formas do indicativo como uma variante inovadora em Contexto de Subjuntivo do PB, são registradas ocorrências das estruturas alternativas em número que se destaca no *corpus* analisado: 117 casos do total das 441 ocorrências do referido Contexto (ao lado de, apenas, 17 casos de formas do indicativo). Esse fato permite afirmar que os falantes de Salvador, quando não expressam determinados contextos semânticos produzindo construções com formas do subjuntivo, optam, preferencialmente, por expressar esse mesmo contexto produzindo estruturas alternativas (como em 126):

(126)a - É preciso melhorá a vida do povo **pra puder haver** uma boa distributiva de renda (Inf. 24)

a' - É preciso melhorar a vida do povo **para que possa haver** uma boa distributiva de renda.

b - **(Entrevistador)** E... assim... na sua concepção... o que é necessário para se criar filhos?

(Informante) É... dá uma boa educação pro seu filho. É... **observa** tudo qui ela está fazendo... qui os filhos estão fazeno... é observar o comportamento na escola, porque os pais nunca sabe como são os filho na escola... (Inf. 09)

b' - É necessário **qui dê** uma boa educação. **Qui observe** tudo qui ela está fazendo...

²² Esses resultados também foram vistos em Fagundes (2007) e, por conta do percentual total encontrado, também, foram desconsiderados em sua análise.

Vale salientar que essa correspondência entre os exemplos é perfeitamente prevista pela GT no português, pois são as formas substitutas do subjuntivo, segundo Cunha e Cintra. A coocorrência entre as formas do presente do subjuntivo e as estruturas alternativas também foi constatada por Galembeck (1998) nos dados de fala de Salvador²³, onde é também confirmada a preferência de uso das formas que denotam irrealidade.

A seguir, serão apresentados os resultados relativos às formas do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo considerando os grupos de fatores relevantes para a explicação do comportamento da variável em estudo.

4.3.1 Contexto de Subjuntivo: a influência dos fatores estruturais

Como visto no capítulo anterior, foram selecionados, como principais condicionadores do emprego de formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo, os seguintes grupos de fatores estruturais: **Tipo de oração, Modalidade do verbo, Tipo de conjunção** (para as orações adverbiais). A seguir, os resultados relativos à atuação desses grupos de fatores sobre cada uma das variantes estudadas:

²³ Conferir Tabela 2 do capítulo 3.

Grupo	Fatores	Total de casos	Nº de Formas do Subjuntivo	%	PR
1-Tipo de oração	Adjetiva	49	42	86	.29
	Adverbial	180	102	57	.45
	Substantiva	177	134	80	.37
	Não subordinada	45	29	64	.19
2-Modalidade do verbo	Existência possível	49	42	86	.31
	Volição	94	77	82	.36
	Possibilidade	162	86	53	.18
	Incerteza	136	102	75	.34
3-Tipo de conjunção	Concessiva	152	79	52	.15
	Condicional	28	23	82	.33
	Não se aplica	261	205	79	.45
4- Gênero	Feminino	257	180	70	.34
	Masculino	184	127	69	.31
5-Faixa etária	Jovem	138	101	73	.46
	Adulto	140	84	60	.18
	Idoso	163	122	75	.33
6- Nível de escolaridade	Ensino Fundamental	214	133	62	.22
		227	174	77	.46
	Ensino Médio				

Tabela 14: Ocorrências de formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo

Atentando para as prescrições da GT sobre o emprego do modo subjuntivo, inicialmente, o grupo de fatores **Tipo de oração** foi organizado considerando as *orações absoluta, principal, coordenada e as subordinadas substantiva, adjetiva e adverbial*. Entretanto, com o intuito de eliminar os *knockouts* apresentados durante a primeira rodada nas

orações absoluta, principal e coordenada relacionadas à variante indicativo em Contexto de Subjuntivo, estas orações foram organizadas em um só grupo, aqui, denominado de “*não subordinadas*”. Os resultados desse refinamento são apresentados na Tabela 15:

Tipo de Oração	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas Alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Adjetiva	49	42	86	.29	5	10	.51	2	4	.18
Adverbial	180	102	57	.45	8	4	.29	70	39	.24
Substantiva	167	134	80	.37	3	2	.23	30	18	.39
Não Subordinadas	45	29	64	.19	1	2	.27	15	33	.53
Total	441	307			17			117		

Tabela 15: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores **Tipo de oração**

Conforme está expresso na Tabela, acima, os dados mostram que as orações *adverbial* (180 casos) e a *substantiva* (167 casos) são as que mais se destacam nos Contexto de Subjuntivo, apresentando-se em número de casos bem mais superiores ao apresentado nas orações *adjetiva* (49 casos) e *não subordinadas* (45 casos).

Tendo em vista as formas do subjuntivo, os resultados mostram um número saliente de casos nas orações *subordinada substantiva* (134 casos) e *adverbial* (102 casos), e um número menos saliente nas orações *adjetiva* (42 casos) e nas *não subordinadas* (29 casos). Como visto, dentre os tipos de orações verificados, a *subordinada adjetiva*, como em (127), destaca-se com o maior percentual de casos (86%), seguida da *substantiva* (80%).

(127) Eu acho que o prefeito só tá investindo em coisas **que só dê lucro lucro pra... para ele, né?** (Inf. 01)

Embora não se tenha controlado os tipos das *orações substantivas* nesse estudo, vale salientar que os maiores índices de ocorrências de *orações substantivas* são detectados em ambiente de *orações objetivas diretas*. Os exemplos de *orações subordinadas substantivas* expostas, a seguir, são pertinentes:

(128) Pidia a ele... qui **volte** a estudá, né? (Inf. 02)

(129) Espero qui esse ano **melhore**. (Inf. 03)

(130) (...) mas teno a certeza di que **possa** i mais adiante. (Inf.10)

(131) Uma vez ele disse assim: minha gente, **seja** ... eu era muito curiosa... (Inf.17)

(132) (...) o baixo salário faz com que certos policiais se **corrompam...** (Inf.23)

Quanto às demais orações controladas, os resultados mostram que as *não subordinadas*, que compreendem as *orações absoluta* (como em 133), *principal* (como em 134) e *coordenada* (como em 135), apresentaram-se em 64% desses casos:

(133) **Que ele faça outras melhorias pra nossa cidade**. (Inf. 04)

(134) **Que cada um se policie** para que as coisas sejam melhores porque... todo mundo tem seus diabinhos, todo mundo tem seus deuses, mais é difícil de você manter o equilíbrio... (Inf. 11)

(135) **Talvez ele venha fazer mais...** mais ele faz como pode porque a população em si cobra muito do governo e não faz sua parte (Inf. 12)

Dentre as *orações não subordinadas*, as *absolutas* foram as que registraram maior frequência, cujas construções realizaram-se, em sua maioria, através de *orações optativas*, (como em 136), e/ou através de *orações* introduzidas pelas expressões “**tomara**” e “**talvez**”, (como em 137):

(136)a - Qui o governo **coloque** mais médico, né? (Inf. 02)

b - Qui **melhore** muito salvadô. (Inf. 03)

(137)a - Assim... talvez ele não **queira** voltá. Talvez ele **tenha** perdido a vida (Inf. 09)

b - Tomara qui eles não **fiquem** impuni. (Inf. 15)

Ocorrências de *orações optativas*²⁴, como em (136), são muito comuns no *corpus* estudado. Cabe ressaltar que essas ocorrências integram respostas dadas a perguntas contendo verbos do tipo **precisar**, **esperar**, **desejar**, etc. em que o informante, nessa resposta, optava por omitir a *oração principal*, conforme se pode verificar em (138):

(138) (**Entrevistador**) O que a senhora espera que o próximo governo faça para melhorar a situação do Brasil?

a - (**Informante**) Que eles **façam** mais é... hospitais... mais... segurança pra o povo... né? (Inf. 02)

a' - (**Ispero que** eles **façam** mais é... hospitais... mais... segurança pra o povo... né?)

Em suma, os resultados demonstram que em se tratando do fator **Tipo de oração**, apenas as *orações adverbial* (PR= .45) e a *substantiva* (PR= .37) se mostram como principais favorecedoras do uso das formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo.

²⁴ Para Azevedo (1976), essas orações são nada mais que formas reduzidas de uma determinada “oração composta completa”. O autor explica que essas produções são derivadas do processo de anulação da oração principal e do elemento de ligação **que**.

As formas do presente do indicativo no referido Contexto²⁵ foram registradas em número significativamente inferior aos números de ocorrência da variante padrão: apenas 2% dos casos na *oração substantiva* (como em 139) e também nas “*não subordinadas*” (como em 140); 4% na *adverbial* (como em 141); e 10% na *adjetiva* (como em 142).

(139) De manhã cedo qué **qui eu faço as coisa da casa...** (Inf. 18)

(140) Em parte sim, **desde quando a gente não tá ali, né?** (Inf. 15)

(141) Na verdade, **embora esse carnaval gera muito emprego**, mais eu acharia... (Inf. 10)

(142) (...) mais precisa de tê uma resposta assim **qui vai valê a pena pras pessoas qui... menos favorecida.** (Inf. 10)

Quanto aos PRs atribuídos ao referido grupo de fatores, a Tabela 15 mostra os seguintes resultados: *adjetiva* (PR= .51); *adverbial* (PR= .29); *não subordinadas* (PR=de .27); *substantiva* (PR= .23). Como se pode notar, dentre as diferentes orações analisadas, apenas as *adjetivas* são apontadas como favoráveis às formas do indicativo.

Cabe, no entanto, chamar a atenção para o fato de que, embora contabilizadas, as ocorrências do subjuntivo e do indicativo nas orações adjetivas não podem ser consideradas como caso de variação, visto que, conforme registra a literatura, nessas construções, os contextos permitem o uso de um ou outro desses dois modos, dependendo das interpretações a lhes serem dadas, tal como mostram os exemplos, a seguir:

(143)a - ... mais precisa de tê uma resposta assim **qui vai valê a pena pras pessoas qui... menos favorecida.** (Inf. 10)

²⁵ Faz-se necessário esclarecer que esse número de ocorrência (somente 17 construções) encontrado nas formas do presente do indicativo no Contexto previsto pela GT foi produzido, apenas, por um grupo dos informantes: (i) uma informante adulta cursando o *Ensino Fundamental*, (ii) um informante adulto cursando o *Ensino Fundamental* e o outro cursando o *Médio*; e (iii) duas informantes idosas e um informante idoso com baixo grau escolar. Essas orações foram apresentadas entre os exemplos no momento oportuno.

a' - “mais precisa de ter uma resposta assim **qui vá valer a pena pras pessoas qui... menos favorecida**”. (ou que valha a pena pras pessoas qui...)

(144)a - Eu tenho qui lê um assunto qui me **interessa**. (Inf. 16)

a' - Eu tenho qui lê um assunto qui me **interesse**. (Inf. 16)

(145)a - Eles pregam de uma forma **que não agride**. (Inf. 20)

a' - “Eles pregam de uma forma **que não agrida**”.

Essa oscilação modal é possível pela garantia de existência expressa em cada uma delas, isto é, consoante as palavras de Fávero, graças à atitude proposicional interpretativa, ou não, do sujeito da oração matriz. Assim, nos exemplos em (a) acima, evidencia-se a certeza dos fatos expressos nas orações subordinadas, ou seja, da necessidade do falante de ter uma resposta positiva, isto é, que vai valer a pena, em (143a); da obrigação de se ler um livro que lhe interessa, em (144a)²⁶; e de se pregar de uma forma que não agride, em (145a). Já nas construções em linha (a'), essa certeza não fica evidente, visto que, em (143a') tem-se a impressão da incerteza da obtenção de uma resposta que valha a pena para as pessoas menos favorecidas; em (144a'), o falante expressa sua incerteza a respeito do assunto a ser lido; e, em (145a'), por sua vez, fica claro a incerteza de se pregar de uma forma que não agrida os fiéis.

Em relação às estruturas alternativas²⁷, os dados expressos, na Tabela 15, evidenciam que, o Tipo de oração que ocorreu em maior número de casos é a *adverbial*, registrada em 39% das ocorrências (como em 146), seguida das *orações não subordinadas*

²⁶ Um fato interessante que chama atenção é que as duas construções em (144) são proferidas pelo mesmo falante, deixando, assim, perceber sua consciência do que desejava expressar no momento da produção de cada uma delas: subjuntivo quando expressa incerteza, um fato não realizado; indicativo quando expressa certeza, um fato realizado.

²⁷ Os resultados aqui apresentados para as alternativas convergem com os obtidos por Galembeck (1998). O estudioso explica que as construções alternativas em Contexto de Subjuntivo no português contemporâneo costumam ser categoricamente construídas através das formas nominais infinitivas e que são muito mais visíveis em orações adverbiais e substantivas do que nas adjetivas.

registradas em 33% (como em 147) e da *substantiva* registrada em 18% (como em 148) e, finalmente, da *adjetiva* registrada em apenas 4% das ocorrências (como em 149):

(146) a - Eu acho que a PROUNI contribui muito assim pra o pessoal de baixa renda **consegui realizá** o sonho de uma faculdade, né? (Inf. 01)

a' - Eu acho que a PROUNI contribui muito assim para que o pessoal de baixa renda **consiga realizar** o sonho de uma faculdade, né?

(147) a - Espera **o melhó**. (Inf. 16)

a' - “Espera-se que **faça** o melhor”.

(148) a - Não é aconselhável ele **tirá** novo assim a carteira. (Inf. 04)

a' - “Não é aconselhável que ele **tire** novo assim a carteira”.

(149) a - ...ou porque não tem um... ninguém... uma pessoa adequada para **ensiná**... (Inf. 01)

a' - “ou porque não tem um... ninguém... uma pessoa adequada para que **ensine**...”

Observa-se que todas as estruturas contidas em (a) podem ser representadas por estruturas correspondentes construídas com formas do presente do subjuntivo, a exemplo das construções em (a'), as quais podem ser consideradas formas alternativas do subjuntivo. Vale acrescentar que, nesse Contexto, as orações caracterizadas como *não subordinadas*, em sua maioria, foram produzidas através de *orações principais e absolutas*.

Por fim, ainda de acordo com os resultados quantitativos obtidos, as estruturas alternativas são favorecidas, apenas, por *orações não subordinadas* (PR= .53) e *substantiva* (PR= .39) e desfavorecidas por *orações adverbial* (PR= .24) e *adjetiva* (PR= .18).

Em relação ao grupo de fatores **Modalidade do verbo**, as orações que compuseram esse grupo expressam as modalidades exibidas no Quadro 2 (no capítulo 3), a

saber: *existência possível, volição, possibilidade, ordem/pedido, necessidade, causalidade, dúvida, hipótese, julgamento e sentimento*. No tratamento estatístico, o programa VARBRUL acusou *knockouts* na variante não conservadora (formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo) na maioria desses fatores, ou seja, nas *modalidades necessidade, causalidade, dúvida, julgamento e sentimento*. Com intuito de eliminar tais *knockouts*, esses fatores foram unidos, criando-se um novo fator denominado *incerteza*. Ao submeter o grupo à segunda rodada, isolou-se o fator ordem/pedido²⁸ para tratá-lo separadamente, com o objetivo de examinar sua atuação no emprego de formas do subjuntivo em Contexto de Imperativo. Após os ajustes, o grupo de fatores considerados para a rodada final foi composto pelas seguintes modalidades: *existência possível, volição, possibilidade e incerteza*, cujos resultados estão representados na Tabela 16:

Modalidade	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Existência	49	42	86	.31	5	10	.56	2	4	.12
Volição	94	77	82	.36	2	2	.34	15	16	.29
Incerteza	136	102	75	.34	5	4	.35	29	21	.30
Possibilidade	162	86	53	.18	5	3	.10	71	44	.70
Total	441	307			17			117		

Tabela 16: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo a **Modalidade do verbo**

²⁸ Análise apresentada na seção 4.2

Conforme expostos na Tabela 16, ²⁹os valores percentuais apresentados mostram a predominância das formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo em todos os fatores considerados. Assim, a *modalidade existência possível* foi vista em 86% das ocorrências, ao lado da *modalidade volição*, cujo registro foi de 82%. Já as modalidades *incerteza* e *possibilidade* foram registradas em, respectivamente, 75% e 53% das ocorrências. Dentre essas modalidades, destacam-se como favorecedoras das referidas formas as *modalidades volição* (PR=. 36) e *incerteza* (PR=. 34) – ainda que ligeiramente – e como desfavorecedoras as *modalidades existência possível* (PR=. 31) e *possibilidade* (PR=. 18). Os exemplos abaixo são ilustrativos:

A - Existência possível:

(150) Tem uns computadores na iscola, mais não tem uma pessoa adequada **que ensine** as crianças a usá-las... usá os computadores... (Inf. 01)

B - Volição:

(151) Deus qué qui todo mundo **seja** fiel... os esposo e as esposa **seja** fiel... a mulhé **seja** fiel ao marido e o marido **seja** fiel a mulhé. (Inf. 19)

C- Incerteza:

(152) Mais dizessete a dizoito, num acho qui **seje** não. Eu num acho qui **seje** bom. (Inf. 19)

(153) Eu imagino qui **seja** um home muito bunito... assim muito poderoso, né? (Inf. 03)

D - Possibilidade:

(154) Pode sê que **recupere**, pode sê qui não **recupere** (Inf. 06)

(155) Possa sê que **dê** um bom resultado... (Inf. 08)

²⁹ Esses resultados corroboram não apenas o fato de que as modalidades em questão são típicas do modo subjuntivo, tal como visto em Alves Neta (2000), Meira (2006), dentre outros, como, também a hipótese da preservação dessa variante no território baiano, que orientou a presente dissertação.

Fato que merece especial atenção são as construções em (156 e 157) cujos verbos por serem cognitivos, geralmente, regem em primeira mão “o modo indicativo se o fato for considerado real e, algumas vezes, o conjuntivo” (SAID ALI, 1964). Os dados mostram que construções com verbos dessa natureza, enveredam-se por caminhos contrários às prescrições, visto que todas as vezes em que os verbos **imaginar**, **acreditar** e **crer** aparecem, favorecem o uso do subjuntivo, como representadas nos exemplos, a seguir:

(156) Eu **creio** qui não **vá** acontecê não... (Inf. 08)

(157) Eu acho qui quando a pessoa que **acredita** em Deus, qui a pessoa **crê** que **aconteça** alguma coisa... a pessoa vai... vai adiante. (Inf. 12)

(158) Eu **acredito** qui **deva** melhorá... (Inf. 24)

(159) Também eu **acredito** qui **seja** por isso... do povo mesmo... (Inf. 07)

É válido ressaltar que as *orações principais* construídas com o verbo **achar** favorecem, em sua maioria, o modo subjuntivo e, raras vezes, o modo indicativo, conforme exemplificado em (160) e (161):

(160) Eu **acho** qui ele **seja** alto, moreno claro de cabelos longos... (Inf. 15)

(161) Olha, eu **acho** qui **é** uma questão do discuido. (Inf. 14)

Construções dessa natureza também foram detectadas nos dados de Pimpão (2002), segundo a qual as mesmas ocorrem em contextos em que se instaura o escopo da baixa certeza, assinalando o “não comprometimento do falante com que é dito”. Meira (2006) observa que, nos dados de fala das comunidades rurais por ela estudadas, esse tipo de verbo

favorece muito mais o modo indicativo; porém, na zona urbana, o modo subjuntivo é mais comum nesse contexto.

No que se refere às formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo, a Tabela 16 evidencia que as mesmas foram expressas em 10% pela modalidade *existência possível*, 2% pela modalidade *volição*, 3% pela modalidade *possibilidade*, conforme representam os exemplos em (162 - 165):

A - Existência possível:

(162) Mais precisa de ter uma proposta... **assim qui vai valê a pena pras pessoas** qui... menos favorecida (Inf. 10)

B - Volição:

(163) Ele não qué que **fazemos** o mal a alguém (Inf. 20)

C - Incerteza:

(164) Eu acho qui **é necessário** pra criar um filho como eu já disse, diálogo, né...? (Inf. 10)

D - Possibilidade:

(165) Se nós não pudemos ajudar, então não **atrapalhamos**... (Inf. 18)

Essas construções³⁰ são possíveis porque não há uma intenção clara por parte dos falantes em imprimir valores específicos do subjuntivo, uma vez que todas elas imprimem realidade.

³⁰ Alves Neta (2000) explica que, na comunidade de Januária, as modalidades possibilidade e volição, as quais expressam o tipo de atitude proposicional interpretativa do sujeito da oração matriz, embora, preferencialmente, favorecedoras das formas do presente do subjuntivo, são também usadas nas formas do presente indicativo em Contexto de Subjuntivo, sinalizando, portanto, ambas PR= .45.

Sintetizando, os resultados revelam que as formas do indicativo no Contexto analisado são favorecidas, *a priori*, pela *modalidade existência possível* (PR= .56) e, também, levemente, pelas *modalidades incerteza* (PR=. 35) e *volição* (PR= .34); e desfavorecidas pela *modalidade possibilidade* (PR= .10).

Considerando as estruturas alternativas, os dados expressos na Tabela 17 apontam que o maior índice de frequência dessas estruturas foi apresentado na *modalidade possibilidade* (44%), a qual se revela como sua única favorecedora (PR= .70). Nas demais *modalidades*, ou seja, *incerteza* (21%), *volição* (16%) e *existência possível* (apenas 4%), essas estruturas apresentaram-se em um índice bem inferior. Quanto aos PRs atribuídos a esses fatores, observa-se que todos se apresentaram abaixo do ponto neutro, mostrando-se, portanto, desfavoráveis às estruturas alternativas: *existência possível* (PR= .12); *volição* (PR= .29); *incerteza* (PR= .30). Seguem alguns exemplos dessas estruturas:

A - Existência possível:

(166) (...) porque não tem ninguém **pra ensiná** esse pessoal (Inf. 01)

B - Volição:

(167) Eu espero é... **investi...** com certeza **investi**. (Inf.14)

(168) É... não isperá **isso vingá...** (Inf. 16)

C - Incerteza:

(169) Pode **havê uma melhora**, mais tem qui um conjunto: pai, mãe e escola. (Inf. 16)

(170) Eu acho qui para pessoa **sê feliz**, cê tem qui amá o próximo. (Inf. 20)

D - Possibilidade:

(171) Tem podê... tem... pra fazê **o qui ele qué** ... pra transformá o mundo... (Inf. 03)

Por possuírem um traço semântico [-real] intrínseco, ainda que menos nítido do que se é possível perceber em sentenças subjuntivas, essas orações permitem ser substituídas perfeitamente por formas do presente do subjuntivo, conforme mostram os exemplos, a seguir:

A - Existência possível:

(172) (...) porque não tem ninguém **que ensine** esse pessoal... (Inf. 01)

B - Volição:

(172) Eu ispero é... que **invista...** (Inf. 14)

(173) “É... não isperá que isso **vingue...**”

C - Incerteza:

(174) Pode sê qui **haja** uma melhora, mais tem qui um conjunto: pai, mãe e iscola. (Inf. 04)

(175) “Eu acho qui para que pessoa **seja** feliz, cê tem qui amá o próximo.”

D - Possibilidade:

(176) “Tem podê... tem... pra fazê o que ele **queira** ... pra transformá o mundo..”

Em síntese, refletindo sobre a atuação do fator modalidade, é possível inferir que a *volição* e a *incerteza* favorecem ligeiramente as formas do presente do subjuntivo e, curiosamente, as do presente do indicativo, que, também, são favorecidas, moderadamente,

pela *modalidade existência possível*, ao passo que a *modalidade possibilidade* favorece unicamente as estruturas alternativas.

Os resultados apresentados na Tabela 17, a seguir, referem-se ao grupo de fatores **Tipo de conjunção adverbial**, aqui considerado de grande relevância para o emprego do modo subjuntivo. Quanto ao comportamento dessa variável no *corpus* estudado, cabe esclarecer que durante a seleção dos dados para análise, percebeu-se a presença de *orações adverbiais* introduzidas por *conjunções finais, temporais*³¹, *causais, concessivas e condicionais*. No entanto, ao submetê-las à quantificação, o programa estatístico acusou *knockouts* nas construções introduzidas por esses três primeiros tipos de conjunção na variante formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo. Assim, com o objetivo de solucionar tais *knockouts*, as referidas orações foram agregadas entre às orações com conjunções concessivas. Dessa forma, a **variável Tipo de conjunção** foi controlada considerando o seguinte grupo de fatores: *condicional, concessiva e não se aplica* (para as *orações substantivas e adjetivas*), tal como explicitado na Tabela 17, seguinte:

Tipo de Conjunção	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Concessiva	152	79	52	.15	6	6	.28	67	44	.56
Condicional	28	23	82	.33	2	7	.56	3	11	.10
Total	180	102			8			70		

Tabela 17: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o **Tipo de conjunção adverbial**

³¹ Vale ilustrar alguns exemplos dessas ocorrências:

Conjunção final: não é justo uma sala de aula com cinquenta alunos... **pra** o professor **dá** conta (Inf. 23);
 Conjunção temporal: **Frequentá** sempre a igreja, **participá** das comemorações **quando** tivé. (Inf. 02)

Conforme apresentado na Tabela 17, no *corpus* estudado foram constatados 152 casos de conjunções concessivas e apenas 28 de conjunções condicionais. Nas construções com formas do presente do subjuntivo, estas conjunções ocorreram, respectivamente, em 52% e 82% dos casos. Embora com percentuais superiores às demais variantes, este grupo de fatores não se mostrou de grande relevância para o emprego dessas formas, visto que ambos os fatores registraram PRs abaixo do esperado. Assim, conclui-se que as referidas formas são levemente favorecidas pelas *conjunções condicionais* (PR= .33), porém desfavorecidas pelas *conjunções concessivas* (PR= .15), exemplificadas em (207) e (208), respectivamente:

(177) Porque não há uma folha que **caia sem que** Deus **permita**. (Inf. 11)

(178) (...) **por mais qui** ele **seja** coisa... ele é um sê humano... (Inf. 04)

A Tabela 17 mostra que os resultados encontrados referentes à variante formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo³² são os seguintes: 6% dos casos nas *concessivas* (como em 179) e 7% nas *condicionais* (como em 180):

(179) Na verdade, **embora** esse carnaval **gera** muito imprego mais eu não acharia qui não deveria ter mais sabia...? (Inf. 10)

(180) **Se** nós num pudemos ajudá, então não **atrapalhamos**. (Inf. 18)

Curiosamente, embora tenham sido registradas em apenas 7% das ocorrências, as *conjunções condicionais* (PR= .57) mostram-se, segundo os resultados probabilísticos, também, favorecedoras das formas do presente do indicativo e as concessivas (PR= .29), por

³² É salutar ponderar que todas as *orações adverbiais* registradas com formas do presente do indicativo são realizadas por duas únicas informantes: as *concessivas* pela informante (11) e as *condicionais* pela informante (18), ambas com baixo nível de escolaridade.

sua vez, como levemente desfavorecedoras. Coincidentemente, esses resultados se assemelham aos encontrados referentes ao modo subjuntivo, nessa análise: ou seja, as *conjunções condicionais* favorecem tanto as formas do subjuntivo, quanto as do indicativo. Contrariando tais resultados, de acordo com Alves Neta, as conjunções que mais favoreceram o modo indicativo foram as concessivas (**embora, mesmo que**).

Conforme se verifica na Tabela 17, a variante “estruturas alternativas” apresenta-se em 44% dos casos com *conjunções concessivas* (como em 181) e em, apenas, 11% com *conjunções condicionais* (como em 182 e 183):

(181) Tem qui dá oportunidade a ele né?...pra se ele consegui ir em frente, sê um rapaiz direito né?... com responsabilidade sem fazê crime (sem que faça crime) (Inf.3)

(182) Agora se você não pode, não adianta **temá**, você num vai consegui. (Inf.18)

(183) (...) mermo se eles prometê, ninguém **faiz** nada (Inf.05)

Contrariando os resultados vistos nas demais variantes aqui analisadas, as estruturas alternativas são moderadamente favorecidas pelas *conjunções concessivas* (PR= .56) e desfavorecidas pelas *condicionais* (PR= .10).

Em relação ao grupo de fatores **Tipo de estrutura alternativa**, em Contexto de Subjuntivo, observa-se que tais construções marcaram presença em 38% do total geral das ocorrências. Conforme os resultados explícitos na Tabela 18, a seguir, dentre as 117 ocorrências encontradas, apenas 2 realizaram-se nas *orações adjetivas*, 30 nas *orações substantivas*, 70 nas *orações adverbiais* e 15 nas demais orações. Essas construções foram realizadas, principalmente, nas *formas infinitivas* e, raramente, nas formas de *nomes abstratos*, *gerundivas* e em *estruturas não previstas*. Cabe ressaltar, contudo, que as

ocorrências dessas estruturas mostradas no *corpus* por apresentarem números não significativos nas outras variantes foram desconsideradas na quantificação.

Total	Infinitivas		Não infinitivas		Não infi. não previstas	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
117	107	92	5	4	5	4

Tabela 18: Ocorrências do **Tipo de estrutura alternativa** no Contexto de Subjuntivo

Como expresso na Tabela 18, acima, a presença das estruturas *infinitivas* mostra-se quase categórica, na amostra analisada, pois no universo de 117 casos de estruturas alternativas, 92% das ocorrências são realizadas empregando-se as formas *nominais infinitivas* (como em 184); apenas 4%, empregando-se as formas *não infinitivas* previstas pela literatura (como em 185) e 4%, as formas não infinitivas não previstas (como em 186).

(184) a - Ó... a pessoa **fazê** o... alguma criatividade aí, né?... (Inf. 13)

a' - Espero que a pessoa **faça** o... alguma criatividade aí, né?...

(185) a - Não quero **andano** com fulano (Inf. 12)

a' - Não quero **que ande** com fulano

(186) a - Nada! Deles não **ispero nada!** (Inf. 20)

a' - Não espero que ele **faça** nada!

Esses tipos de estruturas ocorrem, naturalmente, na língua falada em Salvador e, dentre elas, as *infinitivas* são as mais recorrentes. Segundo Maurer Junior (1959), a presença dessas estruturas, em particular com as formas infinitivas, já foi detectada, na língua, desde o latim vulgar, quando as formas do subjuntivo eram substituídas por uma perífrase verbal,

Por fim, verifica-se que, embora o emprego das formas do presente do subjuntivo em Contexto de Subjuntivo tenha se mostrado indescritivelmente quase categórico em todos os fatores linguísticos considerados na análise, os mesmos não favorecem tal emprego de igual maneira. Assim, as principais orações que se mostram favoráveis à variante conservadora são apenas as *adverbiais* e as *substantivas*. As *orações adjetivas*, por sua vez, mostram-se favoráveis à variante inovadora, formas do presente do indicativo em Contexto de Subjuntivo. Já as estruturas alternativas são, especialmente, favorecidas pelas *orações substantivas* e *não subordinadas*. Quanto ao grupo de fatores **Modalidade do verbo**, o programa selecionou como principais favorecedoras da variante conservadora as *modalidades* *volição* e *incerteza*; como principais favorecedoras das formas do indicativo, as modalidades *existência possível*, *volição* e *incerteza*, e como a única favorecedora das estruturas alternativas, a *modalidade possibilidade*. No que se refere ao grupo de fatores **Tipo de conjunção**, as *conjunções condicionais* destacam-se como favoráveis às formas do subjuntivo e do indicativo e as *concessivas*, favoráveis, apenas, às estruturas alternativas.

4.3.2. Contexto de Subjuntivo: a influência dos fatores não estruturais

Na avaliação do grupo de fatores **Gênero**, os dados evidenciam que dentre as 441 ocorrências analisadas, 257 são realizadas pelos informantes femininos e 184 pelos informantes masculinos, tal como pode ser conferido na Tabela 19:

Gênero	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Feminino	257	180	70	.34	12	5	.36	65	25	.28
Masculino	184	127	69	.31	5	3	.30	52	28	.38
Total	441	307			17			117		

Tabela 19: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores **Gênero**

Como expõe a Tabela 19, a atuação do grupo de fatores **Gênero** na ocorrência de cada variante associa-se a percentuais muito próximos também no Contexto de Subjuntivo. Nesse grupo de fatores, assim como nos outros já vistos, o emprego das formas do subjuntivo mantém a liderança sobre o emprego das outras duas variantes. Dentre as 257 construções produzidas pelos informantes femininos, 70% foram realizadas nas formas do subjuntivo e das 184 produzidas pelos informantes masculinos nestas formas, 69%. Assim como visto no Contexto de Imperativo, a frequência dessas ocorrências apresenta um grande decréscimo percentual nas outras variantes no Contexto de Subjuntivo: as formas do indicativo foram registradas em apenas 5% pelos informantes *femininos* e, em somente, 3% pelos informantes *masculinos*; já as estruturas alternativas foram registradas em 25% pelos informantes *femininos* e 28% pelos informantes *masculinos*.

Os resultados expostos na Tabela 19 mostram, ainda, que o fator *feminino* favorece ligeiramente as formas do subjuntivo (PR= .34) e, também, do indicativo (PR= .36), e o fator *masculino* desfavorece essas duas variantes, apresentando PR= .31 e PR= .30, respectivamente. Obviamente, as estruturas alternativas são as favorecidas pelo fator *masculino* (PR= .38) e, também, as desfavorecidas pelo fator *feminino* (PR= .28). Esses resultados, quando comparados com os dados referentes ao Contexto de Imperativo, se mostram bastante interessantes pela sua explícita atuação em sentido oposto ao favorecimento

dessas variantes. Ou seja, no Contexto de Imperativo, as formas do subjuntivo e do indicativo são favorecidas pelos homens e as estruturas alternativas, pelas mulheres.

A influência do grupo de fatores **Gênero** no Contexto de Subjuntivo pode ser visualizada no Gráfico 8, a seguir:

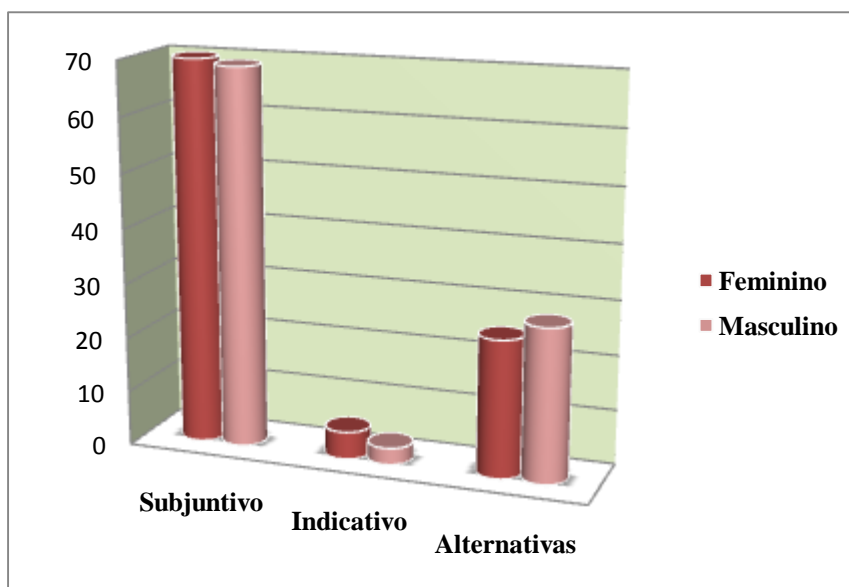


Gráfico 8: Influência das variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo grupo de fatores **Gênero** no

A princípio, esses resultados levam a entender que a coocorrência entre os modos em questão é um fenômeno que poderá se desenvolver ainda mais futuramente, quiçá liderada, principalmente, pelos falantes femininos. Contudo, é válido lembrar que a maioria dessas ocorrências é procedente de informantes que já tiveram ou ainda têm contato direto com falantes da região sudeste do país, a exemplo da informante (10), a qual é casada com um paulista, ou de informantes que já moraram por alguns anos nas capitais paulista e carioca, tais como os informantes (20) e (22). Além disso, tal impressão inicial remete aos resultados relativos à Faixa etária, na media em que, conforme Labov (1972 e 2008) é a distribuição

quanto à idade que constitui um dos elementos a fornecerem evidências para uma mudança em progresso (os mais jovens usam preferencialmente as formas inovadoras e a frequência de tal variante é inversamente proporcional nas outras faixas etárias).

Vale salientar que assim como percebido no Contexto de Imperativo, é também visível a incoerência entre os percentuais e os pesos relativos registrados na atuação dos grupos de fatores Gênero no Contexto de Subjuntivo. Para Guy e Zilles (2007) quando os percentuais e os pesos relativos não são similares, nem seguem a mesma direção, geralmente, trata-se, possivelmente, de um caso em que as ocorrências de um fator apresentam uma distribuição desequilibrada ou estranha em relação a algum outro fator de outro grupo. De acordo com os autores, a divergência entre os referidos valores deve ser avaliada aplicando-se novos testes, como por exemplo, a combinação de outros fatores. Enfim, vale salientar que essa divergência entre os resultados aqui encontrados se configura um fato muito intrigante e curioso, e, portanto, merece ser cautelosamente reavaliada, o que extrapola os limites do presente trabalho (impostos por prazo regimental) e será tratado em momento oportuno.

A **Faixa etária** também foi uma variável selecionada, pela sua importância em pesquisas dessa natureza. Como pode ser notado na Tabela 20, seguinte, os dados mostram números bastante salientes nas construções com formas do subjuntivo se comparadas às demais formas analisadas em todas as *três faixas etárias*, embora esses números tenham sido ainda maiores nas *faixas etárias idoso e jovem*, respectivamente.

Faixa Etária	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Jovem	138	101	73	.46	1	1	.11	36	26	.42
Adulto	140	84	60	.18	9	6	.52	47	34	.29
Idoso	163	122	75	.33	7	4	.44	34	21	.21
Total	441	307			17			117		

Tabela 20: Ocorrências das três variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores **Faixa etária**

Nota-se que as formas do subjuntivo foram representadas em: 73% das 138 ocorrências produzidas pelo *jovem*; 60% das 140 ocorrências produzidas pelo *adulto*; 75% das 163 ocorrências produzidas pelo *idoso*. Com percentuais muito mais abaixo do que as outras variantes, as formas do indicativo foram representadas em somente 1% pelo *jovem*; em 6% pelo *adulto*; e em 4% pelo *idoso*. As estruturas alternativas (que se revelam como a variante inovadora de preferência dos falantes baianos) foram representadas em 26% pelo *jovem*, em 34% pelo *adulto* e em 21% pelo *idoso*. Vale ressaltar que esses percentuais se assemelham aos constatados nesse grupo de fatores no Contexto de Imperativo, já que, em ambos Contextos, os adultos empregam as formas do subjuntivo menos do que os jovens e os idosos. Ainda que com pouca diferença percentual, os idosos fazem maior uso das formas do subjuntivo do que os jovens.

Através do Gráfico 9, a seguir, é possível melhor visualizar a influência desses fatores nas variantes avaliadas.

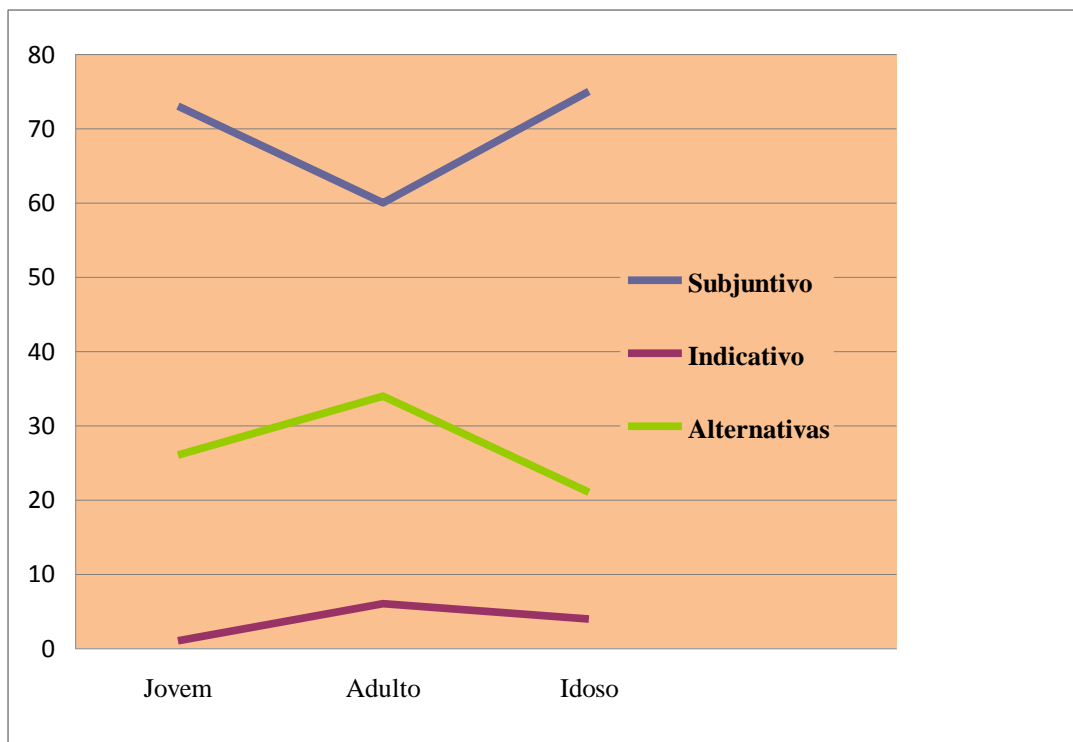


Gráfico 9: Influência das variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores **Faixa etária**

Considerando os PRs apontados em cada fator, percebem-se fatos interessantes quanto sua atuação em cada variante: o *jovem* favorece razoavelmente a variante prevista pela tradição gramatical (PR= .46) e as estruturas alternativas (PR= .42); o *adulto* favorece apenas as formas do indicativo (PR= .52), gerando surpresa, haja vista que se esperava que o uso mais frequente do indicativo ocorresse mais na faixa etária *jovem*, como registrado em relação aos fenômenos de variação em muitas pesquisas sociolinguísticas que atestam que tal variação poder ser caracterizada como mudança em progresso; o *idoso* favorece, moderadamente, as formas do indicativo (PR= .44) e, brevemente, as formas do subjuntivo (PR= .34). Como já visto na análise referente à relação desses fatores com as variantes analisadas no Contexto de Imperativo, os resultados aqui encontrados são curiosos, pois parece não haver coerência entre os valores associados aos percentuais e os PRs, como também descartam uma possível tendência a mudança em curso em direção ao uso de formas do indicativo, visto que o *jovem* é o que menos produz essas formas, e, também, menos as favorece (PR= .11).

Através da análise, percebe-se que o grupo de fatores **Nível de escolaridade** configura-se de grande importância para avaliar os caminhos do fenômeno investigado. Os resultados encontrados concernentes a esta variável estão expressos na Tabela 21:

Nível de escolaridade	Total	Formas do Subjuntivo			Formas do Indicativo			Estruturas Alternativas		
		Nº	%	PR	Nº	%	PR	Nº	%	PR
Fundamental	214	133	62	.22	12	6	.35	69	32	.42
Médio	227	174	77	.46	5	2	.29	48	21	.24
Total	441	307			17			117		

Tabela 21: Ocorrências das três variantes no Contexto de Subjuntivo, segundo o Grupo de fatores **Nível de escolaridade**

A Tabela 21, acima, também atesta que as formas do subjuntivo mantêm liderança nesse grupo de fatores. Dentre as 214 estruturas contendo Contextos de Subjuntivo realizadas pelos informantes do *Ensino Fundamental*, 62% foram produzidas nessas formas e, entre as 227 realizadas pelos informantes do *Ensino Médio*, foram produzidas 77%. As formas do indicativo foram apresentadas com percentuais baixíssimos, tanto pelos informantes do *Ensino Fundamental* (6%) quanto pelos informantes do *Ensino Médio* (2%). As estruturas alternativas apresentaram-se em 32% na fala de informantes do *Ensino Fundamental* e em 21% na fala de informantes do *Ensino Médio*, mostrando-se, portanto, a variante inovadora de maior respaldo em Salvador.

De acordo com os resultados, as formas do subjuntivo são favorecidas por informantes do *Ensino Médio* (PR= .46), enquanto as estruturas alternativas e as formas do indicativo são favorecidas por informantes do *Ensino Fundamental* (PR= .42 e PR= .35, respectivamente). Tais resultados reforçam a influência da escola na preservação da variante prescrita pela GT, ou seja, na manutenção de uso do subjuntivo.

O Gráfico 10, a seguir, permite melhor visualização desses resultados:

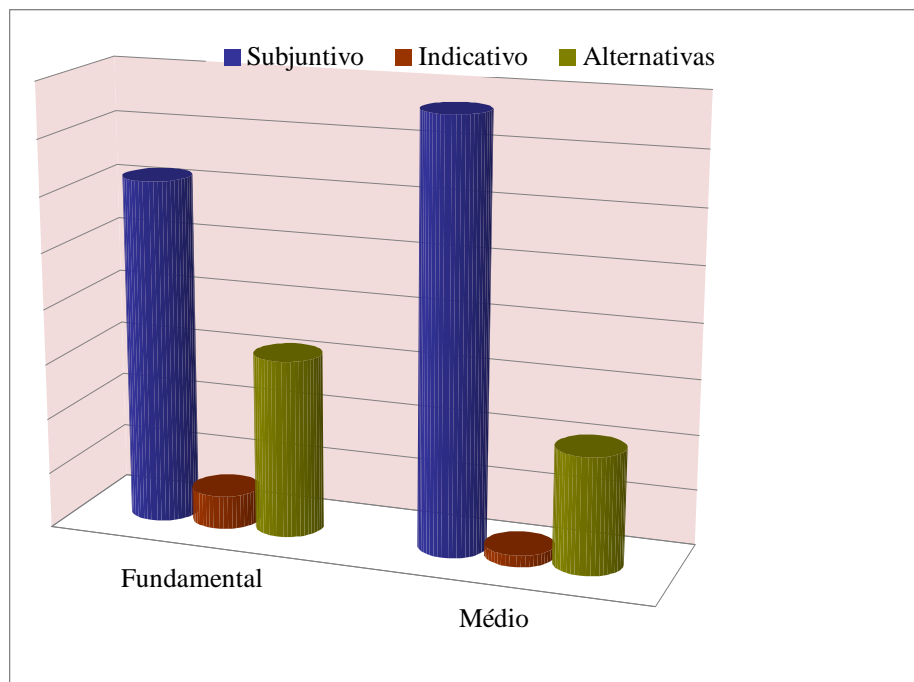


Gráfico 10: Influência das variantes em Contexto de Subjuntivo, segundo o grupo de fatores **Nível de escolaridade**

Enfim, como pode ser confirmado no Gráfico 10, acima, os resultados apresentados permitem visualizar o seguinte: as formas do subjuntivo, em Contexto de Subjuntivo, são visivelmente as preferidas do falante baiano de ambos os níveis de escolaridade, isso aponta para a importância da escola no momento da escolha das variantes estudadas. Assim, parece evidente que a coocorrência³³ entre as variantes analisadas está atrelada ao Nível de escolaridade. Observa-se que o emprego das formas de menor prestígio

³³ Esses resultados corroboram as pesquisas mencionadas anteriormente (Galembeck, Bianchet, Alves Neta,) onde se afirma que a opção pelo uso das formas subjuntivas na região sul e sudeste está atrelada ao grau de informação do indivíduo. Meira (2006) também defende a importância do fator escolaridade no favorecimento da escolha adequada do modo verbal na fala de baianos nas comunidades analisadas. No entanto, é válido atentar-se para o contexto em que se encontram esses falantes, pois se trata de comunidades quilombolas isoladas, as quais, segundo a autora, seus falantes, descendentes de africanos, teriam aprendido a língua portuguesa através da transmissão linguística irregular, ou seja, alheios aos trâmites da normatização. Esse fato, de certa forma, tem um peso relevante na divergência dos resultados encontrados aqui na Bahia já que se referem a contextos diferentes.

social na comunidade de Salvador se associa ao menor Nível de escolaridade. A distribuição desses resultados expostos no Gráfico 10 permite, ainda, perceber que as variantes analisadas caminham pela seguinte ordem de preferência: formas do presente do subjuntivo, estruturas alternativas e, por fim, formas do presente do indicativo.

Sintetizando, através dessa análise, percebe-se que os dados obtidos nas variáveis sociais confirmam a liderança do emprego das formas do subjuntivo em todos os grupos de fatores. Entretanto, essas formas são favorecidas principalmente pelo fator feminino (PR= .34) que favorece também as formas do indicativo; pelos fatores *jovens* (PR= .46) e *idoso*; (PR= .33) e por último, pelo grupo de informantes do *Ensino Médio* (PR= .46). Em se tratando das formas do indicativo, os fatores que mais favorecem tal uso são, além do fator *feminino* (PR= .36), *as faixas etárias adulto*, (PR= .52) e *idoso* (PR= .44) acrescidas do grupo de informantes do *Ensino Fundamental* (PR= .35). Quanto às estruturas alternativas, os principais fatores favorecedores são: *masculino* (PR= .38), *jovem* (PR= .42) e falantes com *Ensino Fundamental* (PR= .42).

CAPÍTULO 5

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta investigação analisou-se a coocorrência de formas do presente do subjuntivo e de formas do presente do indicativo, ao lado das quais, figuram estruturas alternativas, em contextos, segundo a GT, de emprego do subjuntivo. Assumindo que, dentre essas formas, as primeiras são as preferencialmente usadas na fala de Salvador, o trabalho persegue, ainda, as seguintes hipóteses: a) essas três formas constituem variantes de uma variável linguística condicionada por fatores estruturais e não estruturais; b) essa variável apresenta características que, nos termos labovianos, é uma variável estável.

Ao analisar o comportamento dessa variável, o estudo buscou: verificar em que proporção os falantes soteropolitanos utilizam essas três variantes, nos dois contextos para os quais são prescritas as formas do presente do subjuntivo (ou seja, Contexto de Imperativo e Contexto de Subjuntivo); identificar os fatores que favorecem a utilização de cada uma dessas variantes e, além disso, verificar se as formas “alternativas” usadas pelos falantes de Salvador correspondem somente às previstas na literatura e se há predominância de uso de alguma(s) dessa (s) forma(s).

Partindo das observações de Bianchet (1996), Galembeck (1998), Alves Neta (2000), Pimpão (2002), Nicolau (2002), Meira (2006), Fagundes (2007), Scherre (2005) Scherre *et al* (2007) e Alves (2009) analisou-se, à luz da Teoria Sociolinguística laboviana, um *corpus* constituído de 716 dados de fala extraídos de entrevistas realizadas com 24 informantes, selecionados considerando-se os grupos de fatores não estruturais previamente estabelecidos (**Gênero, Faixa etária e Nível de escolaridade**). Como grupos de fatores estruturais, por hipótese, relevantes para a explicitação do comportamento da variável, foram

estabelecidos: **Tipo de oração**, **Modalidade do verbo**, **Tipo de conjunção** (no caso das orações adverbiais) e **Tipo de estrutura** (nos casos das estruturas alternativas).

Através da análise quantitativa dos dados, foram obtidos resultados, de acordo com os quais, tal como esperado, as formas do presente do subjuntivo são predominantes na fala de Salvador: essas formas foram registradas em 70% do total de 716 dados analisados, que incluíram 23% de estruturas alternativas e, apenas, 7% de formas do presente do indicativo. Na análise em que o total de dados foi dividido em função dos Contextos de Imperativo (275 dados) e de Subjuntivo (441 dados), os resultados também revelaram maior frequência do emprego das formas do subjuntivo em ambos Contextos: no Contexto de Imperativo, foram registrados 72% de formas do subjuntivo, 17% de estruturas alternativas e 11% de formas do indicativo; no Contexto de Subjuntivo, foram registrados 70% de formas do subjuntivo, ao lado das quais foram encontrados 26% de estruturas alternativas e, apenas, 4% de formas do indicativo. A influência significativa, em termos de PR, dos fatores considerados na análise do uso das variantes, nesses dois Contextos, é explicitada, a seguir:

A – No Contexto de Imperativo, o Programa Varbrul apontou os seguintes fatores estruturais favorecedores do emprego:

- a) **de formas do subjuntivo:** *oração principal* (PR=. 43) e *oração coordenada* (PR= .38);
- b) **de estruturas alternativas:** *oração subordinada* (PR=.49), *oração absoluta* (PR=.49) e *oração coordenada* (PR= .42);
- c) **de formas do indicativo:** *oração principal* (PR= .48).

Considerando a influência dos fatores não estruturais sobre alternância em tal Contexto, os resultados apontaram o favorecimento:

- a) **das formas do subjuntivo:** pelos fatores *masculino* (PR=.36), pelos fatores *idoso* (PR= .39) e *jovem* (PR= .37) e pelo fator *Ensino Médio* (PR= .39);

- b) **das estruturas alternativas:** pelo fator *feminino* (PR= .42), pelo fator *adulto* (PR= .49) e pelo fator *Ensino Médio* (PR= .38);
- c) **das formas do indicativo:** pelo fator *masculino* (PR= .38), pelos fatores *jovem* (PR= .35) e *idoso* (PR= .34) e pelo fator *Ensino Fundamental* (PR= .46).

B – No Contexto de Subjuntivo, o Programa apontou os seguintes fatores estruturais favorecedores do emprego:

- a) **de formas do subjuntivo:** *oração adverbial* (PR= .45) e *oração substantiva* (PR= .37); as *modalidades volição* (PR= .36) e *incerteza* (PR= .34) e *conjunção condicional* (PR= .33);
- b) **de estruturas alternativas:** *oração absoluta* e *oração principal* (PR= .53) e *oração substantiva* (PR= .39); *modalidade possibilidade* (PR= .70); *conjunção concessiva* (PR= .56);
- c) **de formas do indicativo:** *oração adjetiva* (PR= .51); *modalidades incerteza* (PR= .35), *modalidade volição* (PR= .34) e *modalidade existência possível* (PR= .56); *conjunção condicional* (PR= .56);

Considerando a atuação dos fatores não estruturais na alternância, nesse Contexto, os resultados apontaram favorecimento:

- a) **das formas do subjuntivo:** pelo fator *feminino* (PR= .34), pelos fatores *jovem* (PR= .46) e *idoso* (PR= .33) e pelo fator *Ensino Médio* (PR= .46);
- b) **das estruturas alternativas:** pelo fator *masculino* (PR= .38); pelo fator *jovem* (PR= .42) e pelo fator *Ensino Fundamental* (PR= .42);
- c) **das formas do indicativo:** pelo fator *feminino*: PR= .36), pelos fatores *adulto* (PR= .52) e *idoso* (PR=.44) e pelo fator *Ensino Fundamental* (PR= .35).

Enfim, os resultados da presente análise refutam a hipótese de uma mudança em curso no PB – no sentido de substituição das formas do presente do subjuntivo pelas formas do presente do indicativo – defendida por Bianchet; ou seja, constataram que a coocorrência

dessas duas formas configura uma variável estável, o que foi, também, constado por Alves Neta na comunidade de fala de Januária. Tais resultados podem ser melhor visualizados na Tabela 22, onde os percentuais associados aos fatores do grupo **Faixa etária** (mesmo quando considerados separadamente os dois Contextos nos quais são prescritas as formas do subjuntivo) revelam que, em relação à referida coocorrência, não há qualquer possibilidade de se falar na evidência de tempo aparente, postulada por Labov como um dos elementos caracterizadores da mudança em progresso:

FAIXA ETÁRIA	RESULTADOS GERAIS			CONTEXTO DE IMPERATIVO			CONTEXTO DE SUBJUNTIVO		
	Subj.	Indic.	Altern.	Subj.	Indic.	Altern.	Subj.	Indic.	Altern.
	%	%	%	%	%	%	%	%	%
Jovem	74	3	23	75	6	19	73	1	26
Adulto	63	9	28	67	11	22	60	6	34
Idoso	76	8	16	77	15	8	75	4	21

Tabela 22: Atuação do grupo de fatores **Faixa etária** nos resultados gerais e nos Contextos de Imperativo e de Subjuntivo.

Os resultados da Tabela 22 mostram que, tanto nos resultados gerais quanto nos resultados dos contextos específicos, as formas do subjuntivo ocorrem com alta frequência na fala do *jovem* (no Total de dados = 74%; no Contexto de Imperativo = 75%; no Contexto de Subjuntivo = 73%). Esse fato, à primeira vista, sugere a possível configuração de evidência de tempo aparente; mas essa frequência, diminui sensivelmente na fala do *adulto* (no Total de dados = 63%; no Contexto de Imperativo = 67%; no Contexto de Subjuntivo = 60%) e, volta a subir na fala do *idoso*, atingindo percentuais muito próximos dos registrados na fala do

jovem (no Total de dados = 76%; no Contexto de Imperativo = 77%; no Contexto de Subjuntivo = 75%).

Os percentuais associados aos falantes jovens talvez pudessem ser explicados pela atuação da escola: as formas do subjuntivo são as tidas como padrão, que a escola se preocupa em ensinar; em decorrência da democratização do acesso à escola, ocorrida nas últimas décadas, essas formas estariam sendo mais usadas pela geração mais beneficiada por tal acesso. No entanto, vale destacar que:

1º) O grau de instrução dos falantes jovens varia entre o 7º ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médio completo, e o dos falantes adultos varia entre o 6º ano do Ensino Fundamental e o Ensino Médio completo; apesar dessa escolarização semelhante, os jovens empregam muito mais as formas da variante padrão do que estes adultos;

2º) A prova contundente de que a escola não é o elemento responsável pelos resultados em pauta é o fato de os maiores percentuais do emprego da variante padrão terem sido registrados na fala dos informantes idosos, que possuem menor Nível de escolaridade (de modo geral, apenas as séries iniciais do Ensino Fundamental; alguns possuem Ensino Médio incompleto e, se completo, foi realizado através de processo supletivo).

Assim sendo, resta supor que a relação entre o uso das variantes em estudo e a Faixa etária dos falantes reflete a atuação de outros fatores além da duração de tempo na escola, tais como: atividade profissional e, principalmente, o estilo de vida, associado à prática intensa da leitura (no caso dos falantes idosos); a formação dos professores, associada ao acesso do aluno à leitura e à escrita através dos meios de comunicação (no caso dos falantes mais jovens).

Ainda segundo os valores da Tabela 22, todas as faixas, quando não utilizam as formas do subjuntivo, fazem uso preferencial das estruturas alternativas, rejeitando, quase completamente, as formas do indicativo. Os resultados deixam evidente que estas estruturas

constituem uma variante inovadora de maior aceitação, em Salvador, do que as formas do indicativo. Essa rejeição das formas do indicativo pela comunidade estudada pode ser melhor percebida quando comparada a frequência dessas formas à frequência das duas outras variantes, como mostra a Tabela 23, a seguir:

FAIXA ETÁRIA	RESULTADOS GERAIS		CONTEXTO DE IMPERATIVO		CONTEXTO DE SUBJUNTIVO	
	Subj\ Altern. %	Indic. %	Subj\ Altern. %	Indic. %	Subj\ Altern. %	Indic. %
Jovem	97	3	94	6	99	1
Adulto	91	9	89	11	94	6
Idoso	92	8	85	15	96	4

Tabela 23: Distribuição do uso de subjuntivo e de estruturas alternativas em oposição ao uso do indicativo, nos diferentes contextos, segundo a **Faixa etária**.

Conforme mostra a Tabela 23, a junção dos percentuais referentes às ocorrências das formas do subjuntivo e das estruturas alternativas permite perceber com maior nitidez a pequena, e quase irrelevante, frequência de uso das formas do indicativo e a preferência pelo uso das estruturas alternativas nos casos em que não são usadas as formas do subjuntivo.

Sintetizando: essa análise atesta que o falante de Salvador faz uso preferencial das formas do Subjuntivo em contextos prescritos pela GT, seja em Contexto de Imperativo, seja Contexto de Subjuntivo, corroborando, portanto, a principal hipótese norteadora desse estudo, bem como, os resultados de Galembeck, Scherre, Scherre *et al* e Alves.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Jeferson da Silva. *Imperativo: uma análise das variáveis sociais na língua falada em Salvador*. In Revista Philologus, Ano 15, nº 44. Rio de Janeiro: CIFEFIL, maio/ago. 2009.
- ALVES NETA, Ana. *O uso de formas do Indicativo por formas do Subjuntivo no Português*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- AZEVEDO, Milton M. *O subjuntivo em português*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BARRA ROCHA, M. M. *O modo Subjuntivo em Português: um estudo contrastivo com o Italiano*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte: UFMG, 1992.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. SP: Cia. Editora Nacional, 2009.
- BIANCHET, S.M.G.B. *Indicativo e/ou Subjuntivo em Orações Completivas Diretas do Português: uma volta ao latim*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Belo Horizonte: UFMG, 1996.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Gramática Normativa da língua portuguesa*. São Paulo. Saraiva, 1968.
- BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe Clássica Portuguesa*. Belo Horizonte: Edição do Autor, 1963.
- CARNEIRO, Edison. *Cidade de Salvador: a reconquista histórica*. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1954.
- CUNHA, Celso. e CINTRA, Luís. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. RJ: Nova Fronteira, 2008.
- DUARTE M Eugênia Lamoglia. Introdução: a mudança linguística em curso. In: PAIVA, M. da Conceição e DUARTE M Eugênia Lamoglia. *A mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, 2003.
- FAGUNDES, Edson Domingos. *As ocorrências do modo subjuntivo nas entrevistas do VARSUL no estado do Paraná e as possibilidades de variação com o modo indicativo*. Tese de Doutorado. Paraná: Universidade Federal do Paraná, 2007.
- FAVERO, Leonor L. O modo verbal da Oração Completiva. In: *Revista Brasileira de Linguística*. Vol 6, nº1. SP: Livraria Duas Cidades, 1982.
- FILHO, Luiz Walter Coelho. *A Fortaleza do Salvador na Baía de Todos os Santos*. Secretaria da Cultura e Turismo. Salvador – Bahia, 2004.
- GALEMBECK, Paulo de Tarso . O emprego do subjuntivo e de formas alternativas na fala culta. In: PRETI, Dino. (Org.). *Estudos de língua falada - variações e confrontos*: Humanitas, 1998, v., p. 209-234.
- GUY, Gregory e ZILLES Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

- LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. University of Pennsylvania: Philadelphia, 1972.
- LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 17 edição, Rio de Janeiro, 1968.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 9 ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- MARROQUIM, Mário. *A lingual do nordeste*. Curitiba: HD Livros Editora, 1945.
- MAURER Jr. Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.
- MEIRA, Vivian. *O uso do subjuntivo em orações relativas e completivas no português afro-brasileiro*. Salvador: UFBA, 2006.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- NEVES, Maria Helena de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- NICOLAU, Eunice M. D. Sobre os possíveis reflexos da ação dos bandeirantes no português falado em Minas Gerais. *Anais do 5º Encontro do Celsul*, Curitiba-PR, 2003 (521-530)
- NICOLAU, Eunice M. D. *Sobre a Morfologia das Orações Subjuntivas do Português do Brasil*. In: Maria Antonieta A. M. Cohen & Gláucia M. P. Lara (Orgs.) *Linguística, tradução, discurso*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009, 41-58.
- NICOLAU, Eunice M, D. “A expressão da não-asserção no português do Brasil: evidências de simplificação do paradigma flexional”. In: SILVA, Augusto Soares da, Amadeu Torres e Miguel Gonçalves (eds.) *Línguas Pluricêntricas, Variação Linguística e Dimensões Sociocognitivas [Pluricentric Languages, Linguistic Variation and Sociocognitive Dimensions]*. ALETHEIA – Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, BRAGA-PT. 2011. p. 509-524.
- PAIVA, M. da Conceição. A variável gênero. In: MOLLICA, M. Cecília e BRAGA, M Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- _____. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. Cecília e BRAGA, M Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- PERINI, Mário. *A Gramática descritiva do português*. SP: Ática, 1995.
- PIMPÃO, Tatiana. *Variação nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis*. In Vanderson, Paulino. *Variação e mudança no português falado da região sul*. Pelotas: Educat, 2002.
- SAID ALI, M. *Gramática histórica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola, 2005.

SCHERRE, Maria Marta Pereira *et al.* *Reflexões sobre o imperativo em Português*. DELTA [online]. 2007, vol.23, n.spe, pp. 193-241.

SANTOS, Maria Joana A. V. *Usos do conjuntivo em língua portuguesa: uma proposta de análise sintática e semântico-pragmática*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbbenkain, 2003.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. 10 ed. São Paulo: Unesp, Salvador, Ba: EDUFBA, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia\ Ed. Ver. Universidade Federal de Uberlândia, 1985.

SITES CONSULTADOS:

Fotos de Salvador. Disponível em:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/1/1d/Montagem_Salvador.jpg. Acesso em: 14\10\2012.

Censo do IBGE disponível em:

http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1961&id_pagina=1 Acesso: em 10\09\2012.

APÊNDICE

Exemplos dos dados transcritos

- 1- eu acho que o prefeito só está investindo em coisas que só dê lucro pra, para ele né?...
- 2- tem uns computadores nas escolas, mas não tem uma pessoa adequada qui ensine as crianças a usá-la, usar os computadores
- 3- quase que as crianças não têm aula de computação porque não tem quem ensine\.
mais é... botá uns policiais pra... pra fiscalizá a rua
- 4- ela chora muito pidino pra ficá com ela \pra mamãe num saí,\ ficá com ela \pra não deixá ela lá
- 5- porque... é... pra evitá assim, os assaltos, fazer um saneamento básico\que deveria colocar assim, mais vigias nos colégios né?... \ pessoas pra vigiá, as pessoas
- 6- porque não tem ninguém pra ensiná esse pessoal. \ ou seja onde fô o lugá todo em pé, então idoso cê vê que requé um cuidado milhó né?
- 7- Às vezes eles ficam horas no ponto isperando alguém, um que faça uma caridade de pará\pra eles poderem seguí viagem.
- 8- Hoje é pedí bastante orientação a Deus, sabiduria né?... pra criá nossos filho... \ pra isso, pra criá seus filho
- 9- Frequentá sempre a igreja, participá das comemorações, é ta sempre ali junto né
- 10- Pra eu pidi a Deus, Pedi a ele qui, pra criá meu filho saudável, \qui meu filho seja um rapaz honesto,... \ e fazê alguma atividade lá pra não ficá solto \ tem que dá oportunidade a ele né? \pra se ele conseguiu seguí em frente, ser um rapaiz direito né? \Pidia a ele... que volte a estudar né? \ Eu ispero qui ele faça \ tenha mais segurança na Bahia
- 11- Que o governo coloque mais médico né?... \ Que eles façam mais ... é... hospitais, mais segurança para o povo\é... qui tenha mais atendimento nos posto de saúde \bote mais médicos qui são poucos... é... e também, né?... \e qui possa mais tambem é... também aumentá mais o salário dos professores
- 12- Qui termine a violência... \ Qui o povo possa brincá sem medo... \ Qui melhore muito Salvador \ Qui dê muito oportunidade de trabalho.
- 13- Eu imagino que seja um homem muito bonito, assim muito poderoso, né \ Tem podê ... tem... pra fazê o que ele qué...\ pra transformá o mundo...

- 14- Mim perdoe pai!!!! \Então o que se espera é isso, que eles cumpra... / que eles cumpra com as palavras que eles prometeram, entendeu?
- 15- pra que isso não venha prejudicar a população \Deveria se olhar isso pra que isso não venha acontecer
- 16- é eu boto as carne, carne de sertão, calabresa, bacon, pé de porco pra ficar mais gostoso\
- 17- e recheio bem pra podê ficá bem mais gostoso Saber educá... \tem qui se deslocá pra podê 17- curti a festa.
- 18- Eu acho qui pra você sê feliz tem \qui fazê o bem para que o bem venha até você, entendeu? \Então... só que às vezes as condições não dá... pra que isso aconteça. \eu ia tentá impedi qui ele ande com essa pessoas
- 19- Ispero qui esse ano melhore... \ esse ano qui vai entrá um novo prefeito... \que eles dê...\ que eles olhe pros pobres...\ não olhe so pros ricos \ que ele olhe assim
- 20- Quer dizer que se for alguma coisa grave que tenha... avançado (...) a doença... \então... que eles melhore muito.\ é fila e mais fila pra pudê pegar \A melhora em outras coisas, né?... \Que ele faça outras melhorias pra nossa cidade. \construindo novos objetivos pra que o povo né, veja o que ele ta fazendo.
- 21- Rapaz, que ele coloque mais emprego \ Hoje não tem bairro que não seja violento né?.. \Hoje na realidade a gente não tem aquele bairro... seja ele de classe média \ ou seja de classe alta, num tem isso mais, né?
- 22- Sim, investí juntamente com a civil, com outros órgãos né?... \ Que possa a vi a melhorá né? \ pra que essas pessoas não tenha esse ato mais de violência, \criá coisas pra que esses jovem não venha a se misturá com coisa de droga \ tê uma coisa pra ocupá o tempo. \gera mais ódio, mais coisas qui venha fazê ele saí de lá \alguma coisa assim que a gente possa resolvê esse problema?
- 23- o aluno só qué ví com ato de violência, seja xingano, seja agredino cum gesto...\ Primeiramente educá-lo né? educá-lo? para que lá fora ele saiba saí dos seus problemas, \ saiba entrá \ e saí das suas coisas né?...
- 24- e minha mãe sempre dizia: - Não ande naquele caminho (...) \Vá pra aquele caminho correto\ qui ele tenha primeiramente um bom caráter né?... \ seja humilde, honesto com seu povo brasileiro. Não, é, às vezes os pais com adolescente qui sabe dirigí e tudo tem que sê punido...\o pai que entregou esse carro a um adolescente que não tem nem noção do que seja né?
- 25- Não é aconselhável ele tirá novo assim a carteira.\então gera mais ódio, mais coisa que venha fazê

- 26- Oh meu filho, você tá passando por algum problema, alguma coisa assim que a gente possa resolver...?" \no caso, ou seja, no pessoal mesmo da escola que ele estuda, aí às vezes descarrega essa violência \deve fazer muitas palestras em sala de aula, não só nas escolas (...) pra que não venha ...\ esse aluno não venha cometer esses tipos de ato.
- 27- por ele ser de classe alta né?... uma pessoa assim que já tem uma, é, um curso já universitário e tudo \por mais que ele seja coisa ele é um ser humano então \ tem que ter humilde por ela ser também uma criança não era pra ele ter cometido um ato daquele \tá comprando, no caso né?... muita gente ali pra que não veja seu filho dentro de uma grade \então ele tem qui pará \e pensar, então se foi um pedaço de mim, \embora seja meu filho também ...
- 28- vai tê que pagá por ele ser uma pessoa qui tem... um curso desse\ ele tem qui pagá pelo qui ele fez\ olha o que foi qui ocorreu, \porque tem bicho carinhoso, muito carinhoso... cadela, aí qui toque nos filhotinhos dela...!
- 29- Caso deles é uma luta que eles, como qualquer um, seja na educação ou na segurança tem os direitos de fazê sua greve para que venha melhorar seu ordenado né\ Então, eu acho justo eles lutarem mesmo pra que venha a melhorar,\ até mesmo pra que eles façam um bom trabalho na sua cidade,\ ou seja, em outro local.
- 30- Rapaz, a política precisa melhorar muito, muito mesmo \ mas ele tem qui tá juntamente com a gente, junto com a sociedade pra ele procurar saber \é o meio melhó pra pudê resolvê, no caso, o problema.
- 31- como essa coisa de receita federal ou seja, outro órgão... \e outra não tem, seja ele pobre, seja ele prefeito, seja ele deputado, \ então pra qui ele procure fazer uma coisa organizada,
- 32- pra que não venha acontecer esse tipo de ato né?... \então tem qui sempre tá alerta né? \ pra que venha a ser controlada a dengue \ que não venha o delito de uma pessoa sê picada pelo inseto e até a falecer né?
- 33- É, chega até pessoas me pedir pra visitá\ pedi a ele pra que venha a melhorá aquele problema que você tá passando.\até hoje fala: - Seja bem honestos \ e tenha um bom caráter né? \abre ele numa bandeja pra que não venha a ficar ligado um com o outro,
- 34- eu gosto de passá a maionese nas... no macarrão (...) pra que ela fique bem umidazinha tiver aquele pensamento de quando fô praticá, usá...para que não venha a ter esse tanto de pessoas que tem doenças venérea
- 35- Não beba muito, até mesmo pra o retorno pra casa, no trânsito e tudo... \ Que beba um,\tome seu licorzinho ali, social né?... \ Dance seu forró, normal, na paz,\pra que não haja violência. \ Não é aconselhável tirar a carteira não.
- 36- Rapaz a política precisa melhorar muito, muito mesmo \Rapaiz... que dê mais oportunidade de trabalho... a pessoas / qui não teve oportunidade... \Eu ispero qui... né?... /as

autoridade, o prefeito e tudo dê, né?... as oportunidade as pessoa /qui venha a ser tratado da mesma forma... / e... e isso tem qui sê quebrado, né? \O... tem qui ser tratado todo mundo do mermo jeito.

- 37- hoje pa gente ter uma família... / tem qui ter uma istrutura / pa depois o minino não ta passano nicissidade... / não ta na sinalera... / a rente tem qui ver isso tudo, né?/vocês qui são mãe... vocês qui são pai... ,né?... qui vocês tome esses exemplo ...\ Não vá chorá não, viu! (riso) Mais alguma coisa...?
- 38- É ter um prefeito qui venha contribuí com a limpeza pública \ Eu espero que próximo governo retorne...\ Retorne... o que estava acontecenu antes...\desculpe a minha expressão. \É dá toda istrutura familiar, educação, alimentação...
- 39- ever \ Revê aí de novo essa bolsa família \ explicá mais... botá detalhadamente \Não... não... não... não menti os problemas..\ não... não... não alisá,\ passá a mão na cabeça, quando errá \ chamá atenção \ corrigí os erros/
- 40- pode ser... que recupere \ pode ser que não recupere. \ Soltá sem regra pra ele sigui num faiz nenhuma diferença se ele é gordo ou magro
- 41- só mudar de governo \e, elaborar uma certa, uma certa condições \ pra pessoa se regenerá o adolescente \como aumenta o salário, aumenta as coisas, é melhó não aumentar o salário, ficá do jeito qui ta mermo\sem aumento, é melhor permanecer do jeito que ta... \ ah tem qui ver se, dessa vez bote dois na frente e \continue pra ver se sai de lá do fundão, é. \pode sim assiná contrato independente do que seja
- 42- Vai na loja, pega o dinheiro \ e... e compra outra \Tem qui ser sério na hora das jogadas\ Tem qui dá mais ainda. \ Sempre fez gols e sempre fará, independente da... da fase que ele teja, jogano. \ pode ser porque ele qué jogá.
- 43- Não se disispere.\ Não me abandone, o seu Bahia vai crescer, iô, iô, iô. \qui hoje eles faiz de tudo/ pra... qui o minino não perca... \ aqueles... passá uma atividade/ pra cada um lá do livro copiá ali, \tanto faiz o aluno estudar não estudar... fazê o trabalho ou não fazê...\ às vezes a criança... mesmo qui não respeite, \ tenha medo \ do qui venha acontecê algo contra ele, no caso uma surra, né?\uma emergência aqui chega lá no posto médico tem/ qui se deslocá pra outros.
- 44- E a segurança... botá mais policiais na rua através de concurso... essas coisa assim... né?.\É... batalhá.../ pra que melhore, principalmente através do voto\ ainda vai tê/ qui fazê manutenção nas qui estavam parada.
- 45- a Samu disse: -Ah compre um remédio/ e dê a ela \ mais qualquer um... qui fizesse um processo de seleção para realmente a pessoa que venha a precisá
- 46- Eu digo pra eles assim: - Olha filhos, a vida é muito difícil. \ veja só o exemplo de sua mãe trabalha numa casa de... como empregada doméstica... num é essa a vida qui eu quero pra vocês, \ portanto, estudem, façam tudo diretinho pra tê um bom emprego.

- 47- eu gostaria de sê uma pessoa... qui fala bem. \Então pra falá bem tem qui lê,\ tem qui assistiu jornal \ tem qui sabê das... de tudo....
- 48- É que ele olhe pá nosso bairro também... \ Qui ele faça alguma coisa pelo otros bairros ao em vez de arrumá só os bairros qui vão... \Que eles possam... \qui tenham consciência de i verificá o nosso bairro... as necessidades.
- 49- no início ele qué mostrá serviço qui é pra podê mostrá serviço \ qui é pra podê ser votado. \Assim... assim... talvez ele não queira voltar...\ talvez ele tenha perdido a vida...
- 50 - Ele não é um homi que sabe falar muito bem, \ Eu espero qui ele possa melhorá a saúde pública qui com esse governo piorou a situação. \Pela cidade de Salvador, qui possa olhá para... para a segurança pública, \para que os policiais possam trabalhá com mais gosto
- 51- mais eu ispero qui possa vim uma pessoa \ qui saiba...\ porque todos são iguais... independente de ser rico ou de ser pobre \É... é qui é pra ele vê... quando tem... passa... sempre... acontece sempre algum caso \ aí eu faço questão que eles fiquem sabendo... \pra sabê porque qui aquilo conteceu.
- 52- A minha vó sempre dizia:- Não deixe de istudar \ num deixe de istudá porque o estudo vai te dá uma profissão\ Eu recomendo qui os pais estejam sempre atentos... \ qui olhem o qui seus filhos estão fazendo \que... prestem atenção seus filhos dentro de casa e fora de casa \e saibam para onde seus filhos estão indo
- 53- Precisa... precisa... acho qui da segurança pra diminui a violência \precisa das criança, das mães botá as criança no colégio \Na verdade, imhora esse carnaval gera muito imprego mais eu acharia...\imhora eu num gosto de ir pra médico\ mermo qui eu sei qui eu vou perdê meu tempo, você chega já pra morrer \de uma certa forma qui não dê nem mais pra salvá
- 54- porque... sei lá, embora num tem dinheiro \ qui cubra a vida de ninguém mais pelo que eles fazem ta bem rui mermo \Eu acho que deveria encontrar uma forma né? nem qui saiba, dexá o salário assim, razoável né?
- 55- mas teno a certeza qui possa ir mais adiante, \ qui possa ir chegá no vestibulá \concurso público, oferecê mais cursos, assim pra gente qui num possa pagá,
- 56- Né, qui tente fazê né, o melhó \pelo menos tente né,?... \ mostre qui... e muitas vez num consegue, mas qui pelo menos tente né?